

1 Zona Arqueológica das termas do Alto da Cividade

1.1 Localização

As termas do Alto da Cividade encontram-se presentemente na freguesia de Maximinos, estando delimitadas a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto. As termas do Alto da Cividade localizam-se no espaço mais nobre da cidade estando a oeste do *forum*. (Ribeiro, 2010:47).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveram-se ao longo de onze campanhas, entre 1977 e 1999, totalizando cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos (Martins, 2005:3). A primeira fase teve lugar entre 1977 e 1980, tendo as escavações sido dirigidas pelo Dr. Francisco Alves. A segunda fase decorreu entre 1981 e 1987 tendo tido como diretores de escavação a Dra. Manuela Delgado e o Doutor Francisco Sande Lemos. A terceira fase desenvolveu-se entre 1990 e 1999, tendo tido algumas interrupções pelo meio devido à falta de financiamento (campanhas de 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1997, 1998 e 1999). A direção foi da responsabilidade da Doutora Manuela Martins.

1.3 Identificação das estruturas

As escavações permitiram exumar umas termas públicas que tiveram sucessivas remodelações ao longo de três séculos de uso. Nelas foi possível identificar vários hipocaustos de diferentes épocas e várias salas pertencentes à mesma que sofreram várias alterações.

1.4 Cronologias e fases

A construção das termas foi precedida por um edifício, designado de pré-termal, de funcionalidade controversa, mas seguramente o edifício romano mais antigo até agora identificado em Braga (Martins, 2005:11), datado do período de Augusto ou de Tibério (Martins, 2005:12). Nas termas do Alto da Cividade identificaram-se quatro fases (Martins, 2005: 76-85). A primeira fase, datada dos inícios do século II, época de Trajano, corresponde *ao modelo de estabelecimentos de banho difundidos nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas* (Martins, 2005:77). A segunda fase, presume-se que seja dos finais do século II ou inícios do III, nela se verificando uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando cerca de 3m sobre a palestra, criando deste modo uma área de banhos de maior amplitude (Martins, 2005:38). A terceira fase, datada entre finais do século III e inícios do século IV, corresponde a uma profunda transformação da área de banhos, com as anteriores áreas quentes 11 e 12 a serem transformadas em zonas frias (Martins, 2005:48; Ribeiro, 2010:48) ao mesmo tempo que se construíam novos hipocaustos e se alterava a circulação no interior das termas. A quarta fase, datada da 2ª metade do século IV, reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando a fisionomia do edifício, pelo abandono da grande palestra e a construção de uma mais pequena no setor norte da área de banhos (Martins, 2005:60; Ribeiro, 2010:48).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

T94 Canalização C [sector T115; T116]

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, bastante destruída, construída com um lastro de *tegulae* invertidas, paredes em pedra e pontualmente uma cobertura formada por blocos graníticos. Apresenta 7.90 m de comprimento, 0.70 m de largura e 0.50 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é composto por *tegulae* invertidas, com cerca de 0.60 m de comprimento, por 0.40 m de largura e uma espessura de cerca de 0.04 m.

2.4.2 Paredes

As paredes são compostas por duas ou três fiadas em pedra, e cada elemento tem cerca de 0.30 m de comprimento, por 0.20 m de largura e 0.20 m de altura.

2.4.3 Cobertura

O sistema de cobertura foi realizado por blocos graníticos de formato irregular, com 0.70 m de comprimento, 0.40 m de largura e uma altura de 0.30 m, dispostos no sentido do comprimento, recobrimo parcialmente as paredes da canalização.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Regista uma pendente de 0.27 m para oeste.

2.6 Orientação

SE/NO.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

Fase I. A presente canalização deveria captar as águas sujas oriundas de outras canalizações, *ainda que a articulação entre elas não tenha sido identificada*. (Martins, 2005: 119).

2.9 Cronologia

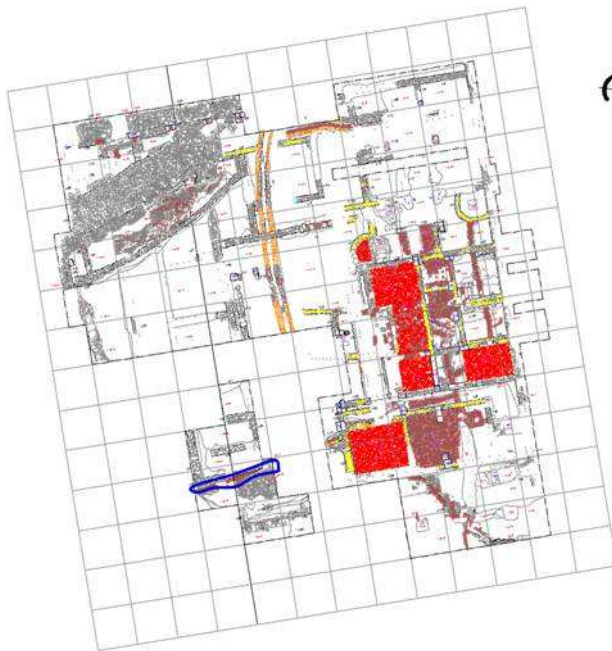
Inícios do século II (Martins, 2005: 118).

2.10 Bibliografia

- Martins, M (2005). *As termas romanas do Alto da Cividade Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Bracara Augusta. Escavações arqueológicas, 1. UAUM/NARQ, Braga.
- Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|-----|-------|-----|
| | | |
| 338 | 179 | 180 |
| | Can C | |
| | 185 | |
| | | |

Figura 253 Localização da canalização C na planta das Termas do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Perfil

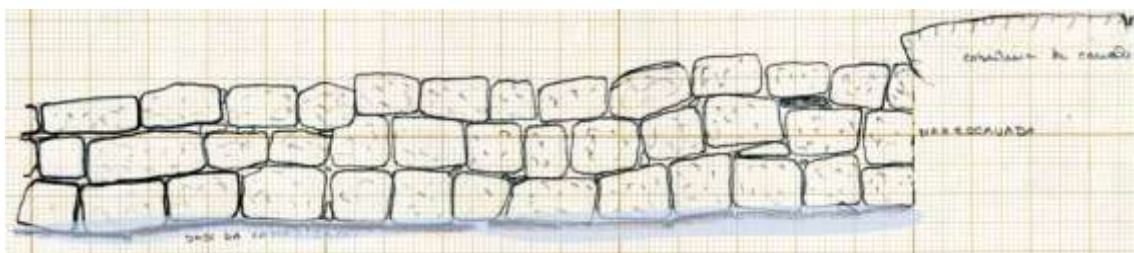


Figura 254 Perfil da canalização C (UAUM).

Plano



Figura 255 Plano com o lastro da canalização C (UAUM).



Figura 256 Plano com as paredes da canalização C (UAUM).

Secção

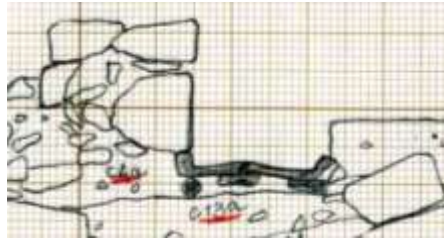


Figura 257 Secção da canalização C (UAUM).

Croqui

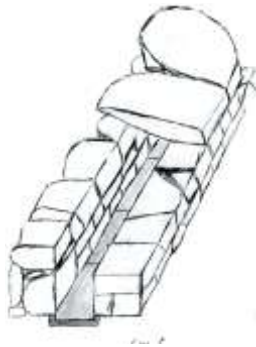


Figura 258 Croqui da canalização C

3.4 Fotografia



Figura 259 Fotografia da canalização C (UAUM).

1 Zona Arqueológica das termas do Alto da Cividade

1.1 Localização

As termas do Alto da Cividade encontram-se presentemente na freguesia de Maximinos, estando delimitadas a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto. As termas do Alto da Cividade localizam-se no espaço mais nobre da cidade estando a oeste do *forum*. (Ribeiro, 2010:47).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveram-se ao longo de onze campanhas, entre 1977 e 1999, totalizando cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos (Martins, 2005:3). A primeira fase teve lugar entre 1977 e 1980, tendo as escavações sido dirigidas pelo Dr. Francisco Alves. A segunda fase decorreu entre 1981 e 1987 tendo tido como diretores de escavação a Dra. Manuela Delgado e o Doutor Francisco Sande Lemos. A terceira fase desenvolveu-se entre 1990 e 1999, tendo tido algumas interrupções pelo meio devido à falta de financiamento (campanhas de 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1997, 1998 e 1999). A direção foi da responsabilidade da Doutora Manuela Martins.

1.3 Identificação das estruturas

As escavações permitiram exumar umas termas públicas que tiveram sucessivas remodelações ao longo de três séculos de uso. Nelas foi possível identificar vários hipocaustos de diferentes épocas e várias salas pertencentes à mesma que sofreram várias alterações.

1.4 Cronologias e fases

A construção das termas foi precedida por um edifício, designado de pré-termal, de funcionalidade controversa, mas seguramente o edifício romano mais antigo até agora identificado em Braga (Martins, 2005:11), datado do período de Augusto ou de Tibério (Martins, 2005:12). Nas termas do Alto da Cividade identificaram-se quatro fases (Martins, 2005: 76-85). A primeira fase, datada dos inícios do século II, época de Trajano, corresponde *ao modelo de estabelecimentos de banho difundidos nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas* (Martins, 2005:77). A segunda fase, presume-se que seja dos finais do século II ou inícios do III, nela se verificando uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando cerca de 3m sobre a palestra, criando deste modo uma área de banhos de maior amplitude (Martins, 2005:38). A terceira fase, datada entre finais do século III e inícios do século IV, corresponde a uma profunda transformação da área de banhos, com as anteriores áreas quentes 11 e 12 a serem transformadas em zonas frias (Martins, 2005:48; Ribeiro, 2010:48) ao mesmo tempo que se construíam novos hipocaustos e se alterava a circulação no interior das termas. A quarta fase, datada da 2ª metade do século IV, reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando a fisionomia do edifício, pelo abandono da grande palestra e a construção de uma mais pequena no setor norte da área de banhos (Martins, 2005:60; Ribeiro, 2010:48).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

T91 Canalização D [T46]

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, com paredes e lastro em tijoleiras, 0,44 m de extensão, 0.70 m de largura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

Só está visível um elemento do lastro, realizado em tijoleira, passando os restantes sob o muro M40 e sob o pavimento de *opus signinum*. Os elementos são retangulares, com 0.40 m por 0.40 de comprimento e largura, respetivamente.

2.4.2 Paredes

As paredes são em tijoleira, tendo os elementos aspeto de terem sido reaproveitados. As pedras apresentam dimensões de cerca de 0.20 m por 0.10 m de comprimento e largura, respetivamente.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível determinar o pendor, mas drenaria a água da piscina definida como área 26.

2.6 Orientação

NO/SE.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

Fase II. Passa sob o muro M40 e sob o pavimento de *opus signinum* que constitui o solo da área 26

2.9 Cronologia

Finais do século II e inícios do III.

2.10 Bibliografia

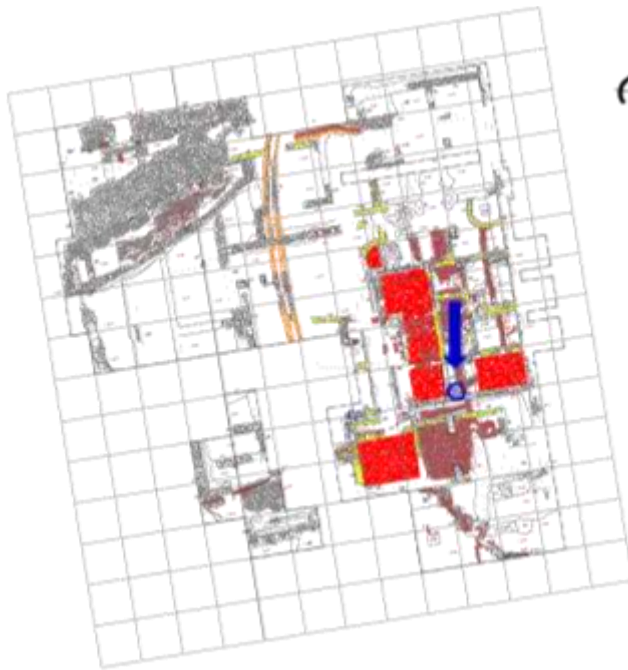
Martins, M (2005). *As termas romanas do Alto da Cidade Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Bracara Augusta. Escavações arqueológicas, 1. UAUM/NARQ, Braga.

Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|------|-------|-----|
| | 326 | |
| 338 | M40 | 180 |
| | Can D | |
| B12A | B12B | B15 |
| | | |

Figura 260 Localização da canalização D na planta das Termas do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Secção

3.4 Fotografia

Plano

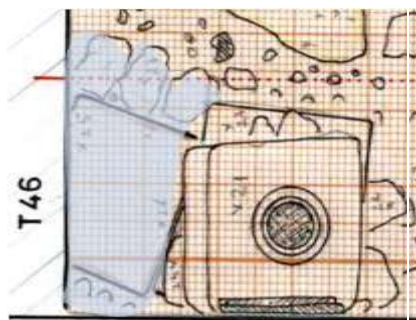


Figura 261 Plano com a canalização D (UAUM).



Figura 262 Secção da canalização D.

Croqui



Figura 263 Croqui da canalização D.



Figura 264 Fotografia da canalização D (MDDS).

1 Zona Arqueológica das termas do Alto da Cividade

1.1 Localização

As termas do Alto da Cividade encontram-se presentemente na freguesia de Maximinos, estando delimitadas a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto. As termas do Alto da Cividade localizam-se no espaço mais nobre da cidade estando a oeste do *forum*. (Ribeiro, 2010:47).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveram-se ao longo de onze campanhas, entre 1977 e 1999, totalizando cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos (Martins, 2005:3). A primeira fase teve lugar entre 1977 e 1980, tendo as escavações sido dirigidas pelo Dr. Francisco Alves. A segunda fase decorreu entre 1981 e 1987 tendo tido como diretores de escavação a Dra. Manuela Delgado e o Doutor Francisco Sande Lemos. A terceira fase desenvolveu-se entre 1990 e 1999, tendo tido algumas interrupções pelo meio devido à falta de financiamento (campanhas de 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1997, 1998 e 1999). A direção foi da responsabilidade da Doutora Manuela Martins.

1.3 Identificação das estruturas

As escavações permitiram exumar umas termas públicas que tiveram sucessivas remodelações ao longo de três séculos de uso. Nelas foi possível identificar vários hipocaustos de diferentes épocas e várias salas pertencentes à mesma que sofreram várias alterações.

1.4 Cronologias e fases

A construção das termas foi precedida por um edifício, designado de pré-termal, de funcionalidade controversa, mas seguramente o edifício romano mais antigo até agora identificado em Braga (Martins, 2005:11), datado do período de Augusto ou de Tibério (Martins, 2005:12). Nas termas do Alto da Cividade identificaram-se quatro fases (Martins, 2005: 76-85). A primeira fase, datada dos inícios do século II, época de Trajano, corresponde *ao modelo de estabelecimentos de banho difundidos nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas* (Martins, 2005:77). A segunda fase, presume-se que seja dos finais do século II ou inícios do III, nela se verificando uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando cerca de 3m sobre a palestra, criando deste modo uma área de banhos de maior amplitude (Martins, 2005:38). A terceira fase, datada entre finais do século III e inícios do século IV, corresponde a uma profunda transformação da área de banhos, com as anteriores áreas quentes 11 e 12 a serem transformadas em zonas frias (Martins, 2005:48; Ribeiro, 2010:48) ao mesmo tempo que se construíam novos hipocaustos e se alterava a circulação no interior das termas. A quarta fase, datada da 2ª metade do século IV, reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando a fisionomia do edifício, pelo abandono da grande palestra e a construção de uma mais pequena no setor norte da área de banhos (Martins, 2005:60; Ribeiro, 2010:48).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

T99 Canalização E [T21 e T23A]; TR UE651.

2.2 Tipo

Aqueduto.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, bem preservada, com 16.18 m de extensão, 1.50 m de largura e 0.78 m de altura geral. Apresenta um lastro em *opus signinum*, as paredes foram edificadas em pedra e tiveram como ligante o *opus signinum*.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é realizado em *opus signinum* que assentava numa preparação de pedras, a qual repousava sobre um enchimento de terra (Martins, 2005:119). A largura de caixa é de cerca de 0.36 m.

2.4.2 Paredes

As paredes são realizadas em pedra e tijolo de diferentes tamanhos e são preenchidas com *opus signinum*. As pedras usufruem uma dimensão de cerca de 0.30 m por 0.24 m de comprimento e largura e a sua altura baliza-se entre os 0.20 m e os 0.12 m. Os tijolos das paredes são muito fragmentados e têm dimensões de cerca de 0.20 m por 0.15 m. As paredes seriam revistas igualmente por *uma fina camada de opus signinum, com cerca de 0.02 m de espessura, que apenas se conservou junto ao lastro* (Martins, 2005:119).

2.4.3 Cobertura

A cobertura não chegou até nós.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Tem um pendente de cerca de 0.13 m em direção a sul.

2.6 Orientação

NO/SE.

2.7 Funcionalidade

Abastecimento.

2.8 Contexto

Fase I. Oriunda do setor norte da colina da Cidade, corria junto ao muro perimetral do teatro e sob a palestra fornecendo água às termas (Martins *et al.*, 2011: 86).

2.9 Cronologia

Inícios do século II.

2.10 Bibliografia

Martins, M (2005). *As termas romanas do Alto da Cidade Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Bracara Augusta. Escavações arqueológicas, 1. UAUM/NARQ, Braga.

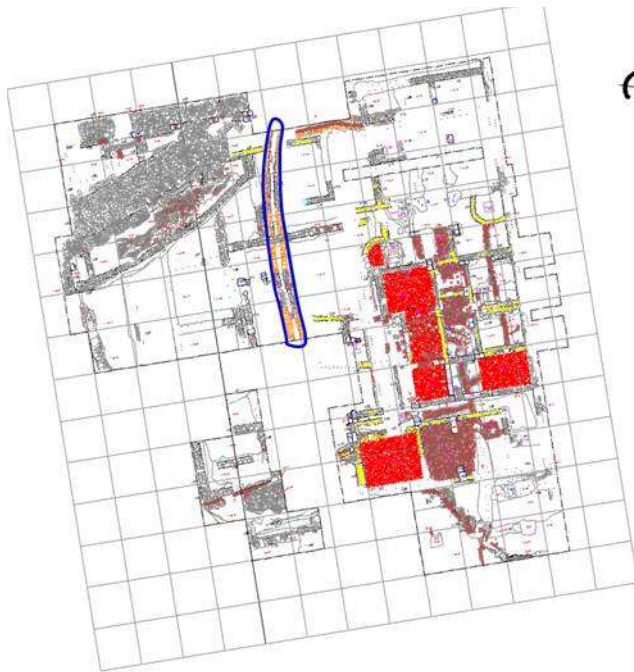
Martins, M; Ribeiro, M^a; Baptista, J. (2011). As termas públicas de Bracara Augusta e o abastecimento de água da cidade romana, In *Actas del Seminario Aquae Sacrae. Agua Sacrae. Agua y sacralidade en época antigua, Girona*, pp. 69-101.

Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

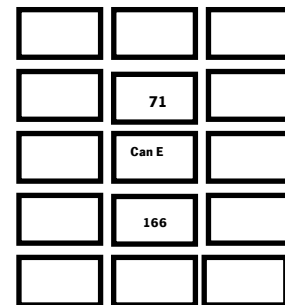


Figura 265 Localização da canalização E na planta das Termas do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 266 Plano com a canalização E (UAUM).

Perfil

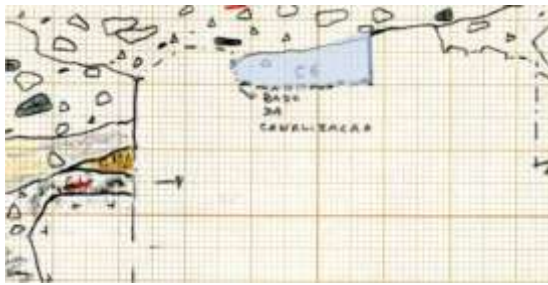


Figura 267 Perfil norte com a canalização E (UAUM).

Secção

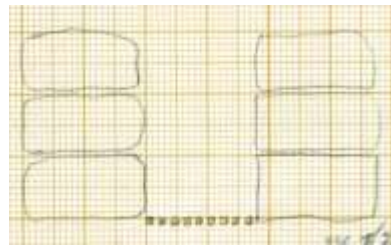


Figura 269 Secção da canalização E

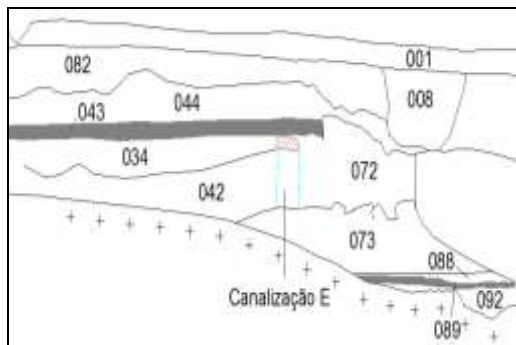


Figura 268 Canalização E (UAUM).

Croqui

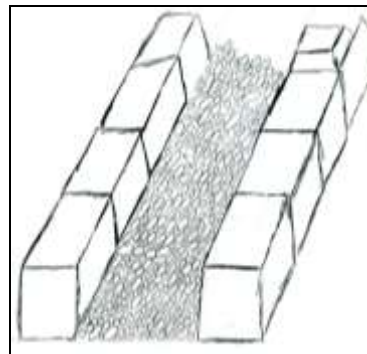


Figura 270 Croqui da canalização E.

3.4 Fotografia



Figura 271 Fotografia da canalização E (UAUM).

1 Zona Arqueológica das termas do Alto da Cividade

1.1 Localização

As termas do Alto da Cividade encontram-se presentemente na freguesia de Maximinos, estando delimitadas a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto. As termas do Alto da Cividade localizam-se no espaço mais nobre da cidade estando a oeste do *forum*. (Ribeiro, 2010:47).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveram-se ao longo de onze campanhas, entre 1977 e 1999, totalizando cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos (Martins, 2005:3). A primeira fase teve lugar entre 1977 e 1980, tendo as escavações sido dirigidas pelo Dr. Francisco Alves. A segunda fase decorreu entre 1981 e 1987 tendo tido como diretores de escavação a Dra. Manuela Delgado e o Doutor Francisco Sande Lemos. A terceira fase desenvolveu-se entre 1990 e 1999, tendo tido algumas interrupções pelo meio devido à falta de financiamento (campanhas de 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1997, 1998 e 1999). A direção foi da responsabilidade da Doutora Manuela Martins.

1.3 Identificação das estruturas

As escavações permitiram exumar umas termas públicas que tiveram sucessivas remodelações ao longo de três séculos de uso. Nelas foi possível identificar vários hipocaustos de diferentes épocas e várias salas pertencentes à mesma que sofreram várias alterações.

1.4 Cronologias e fases

A construção das termas foi precedida por um edifício, designado de pré-termal, de funcionalidade controversa, mas seguramente o edifício romano mais antigo até agora identificado em Braga (Martins, 2005:11), datado do período de Augusto ou de Tibério (Martins, 2005:12). Nas termas do Alto da Cividade identificaram-se quatro fases (Martins, 2005: 76-85). A primeira fase, datada dos inícios do século II, época de Trajano, corresponde *ao modelo de estabelecimentos de banho difundidos nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas* (Martins, 2005:77). A segunda fase, presume-se que seja dos finais do século II ou inícios do III, nela se verificando uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando cerca de 3m sobre a palestra, criando deste modo uma área de banhos de maior amplitude (Martins, 2005:38). A terceira fase, datada entre finais do século III e inícios do século IV, corresponde a uma profunda transformação da área de banhos, com as anteriores áreas quentes 11 e 12 a serem transformadas em zonas frias (Martins, 2005:48; Ribeiro, 2010:48) ao mesmo tempo que se construíam novos hipocaustos e se alterava a circulação no interior das termas. A quarta fase, datada da 2ª metade do século IV, reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando a fisionomia do edifício, pelo abandono da grande palestra e a construção de uma mais pequena no setor norte da área de banhos (Martins, 2005:60; Ribeiro, 2010:48).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

T91 Canalização F [T21 e T23A].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em mau estado de conservação, com 6.71 m de extensão 0.40 m de largura e 0.41 m de altura. Apresenta um lastro em *tegulae*, sendo as paredes edificadas em pedra e a cobertura em tijoleira.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é realizado em *tegulae*, com 0.62 m de comprimento, 0.43 m de largura e 0.05 m de espessura.

2.4.2 Paredes

As paredes são compostas por uma única fiada de pedras, bem faceadas no lado interno e que assentam parcialmente no lastro em *tegulae*. Apresentam elementos que têm 0.40 m de comprimento, 0.30 m de largura e 0.28 m de altura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura era realizada em tijolo, com elementos que têm cerca de 0.40 m por 0.30 m de comprimento e largura, respetivamente, e 0.05 m de espessura.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Pende para sudoeste.

2.6 Orientação

NE/SO.

2.7 Funcionalidade

Inconclusiva.

2.8 Contexto

Fase Pré Termal. Esta canalização corria adossada ao lado norte do muro M6 (Martins, 2005: 119).

2.9 Cronologia

Século I

2.10 Bibliografia

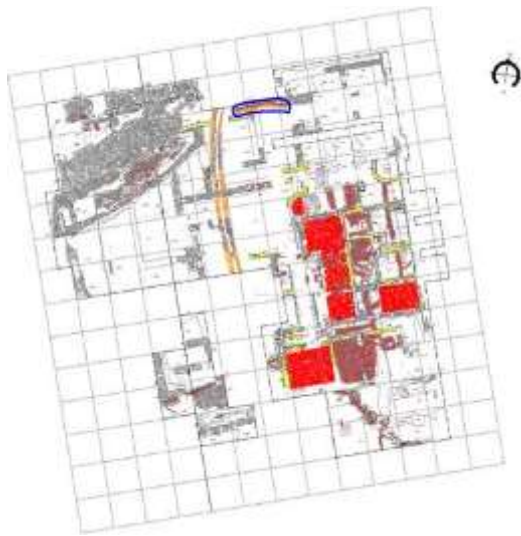
Martins, M (2005). *Bracara Augusta Escavações arqueológicas As termas romanas do Alto da Cidade Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

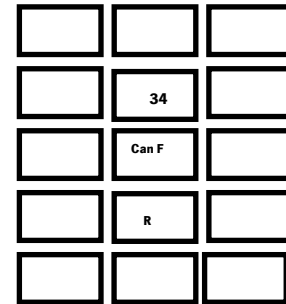


Figura 272 Localização da canalização F na planta das Termas do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 273 Plano da canalização F (UAUM).

Perfil

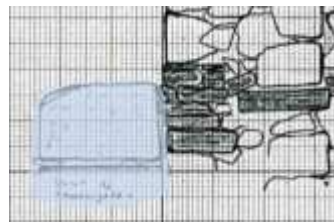


Figura 275 Perfil com a canalização F (UAUM).

Secção

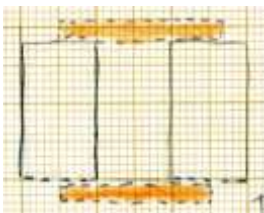


Figura 274 Secção da canalização F.

Croqui



Figura 276 Croqui da canalização F.

3.4 Fotografia



Figura 277 Fotografia da canalização F (MDDS).

1 Zona Arqueológica das termas do Alto da Cividade

1.1 Localização

As termas do Alto da Cividade encontram-se presentemente na freguesia de Maximinos, estando delimitadas a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto. As termas do Alto da Cividade localizam-se no espaço mais nobre da cidade estando a oeste do *forum*. (Ribeiro, 2010:47).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveram-se ao longo de onze campanhas, entre 1977 e 1999, totalizando cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos (Martins, 2005:3). A primeira fase teve lugar entre 1977 e 1980, tendo as escavações sido dirigidas pelo Dr. Francisco Alves. A segunda fase decorreu entre 1981 e 1987 tendo tido como diretores de escavação a Dra. Manuela Delgado e o Doutor Francisco Sande Lemos. A terceira fase desenvolveu-se entre 1990 e 1999, tendo tido algumas interrupções pelo meio devido à falta de financiamento (campanhas de 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1997, 1998 e 1999). A direção foi da responsabilidade da Doutora Manuela Martins.

1.3 Identificação das estruturas

As escavações permitiram exumar umas termas públicas que tiveram sucessivas remodelações ao longo de três séculos de uso. Nelas foi possível identificar vários hipocaustos de diferentes épocas e várias salas pertencentes à mesma que sofreram várias alterações.

1.4 Cronologias e fases

A construção das termas foi precedida por um edifício, designado de pré-termal, de funcionalidade controversa, mas seguramente o edifício romano mais antigo até agora identificado em Braga (Martins, 2005:11), datado do período de Augusto ou de Tibério (Martins, 2005:12). Nas termas do Alto da Cividade identificaram-se quatro fases (Martins, 2005: 76-85). A primeira fase, datada dos inícios do século II, época de Trajano, corresponde *ao modelo de estabelecimentos de banho difundidos nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas* (Martins, 2005:77). A segunda fase, presume-se que seja dos finais do século II ou inícios do III, nela se verificando uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando cerca de 3m sobre a palestra, criando deste modo uma área de banhos de maior amplitude (Martins, 2005:38). A terceira fase, datada entre finais do século III e inícios do século IV, corresponde a uma profunda transformação da área de banhos, com as anteriores áreas quentes 11 e 12 a serem transformadas em zonas frias (Martins, 2005:48; Ribeiro, 2010:48) ao mesmo tempo que se construíam novos hipocaustos e se alterava a circulação no interior das termas. A quarta fase, datada da 2ª metade do século IV, reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando a fisionomia do edifício, pelo abandono da grande palestra e a construção de uma mais pequena no setor norte da área de banhos (Martins, 2005:60; Ribeiro, 2010:48).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

T78 Canalização G [P14 A; P1B].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, bastante destruída. Não apresenta lastro nem cobertura, mas possui paredes edificadas em pedra. Foi identificada numa extensão de cerca de 3. 33 m. Possui uma largura de 0. 70 m e 0.30 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

Não se conservou.

2.4.2 Paredes

O material empregue nas paredes foi a pedra, cujos elementos têm cerca de 0,40 m por 0,20 m de comprimento e largura, respetivamente.

2.4.3 Cobertura

Não se conservou

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não sabemos o seu pendor.

2.6 Orientação

NO/SE.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

Fase III. Segundo Manuela Martins a presente canalização está relacionada com a drenagem de águas do *alveus* da área 37 e eventualmente correria sob as áreas 35 e 33. (Martins, 2005:119).

2.9 Cronologia

Finais do século III e inícios do IV.

2.10 Bibliografia

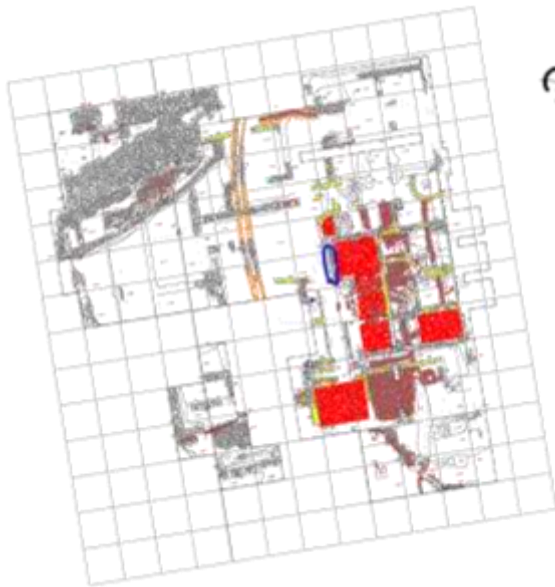
Martins, M (2005). *As termas romanas do Alto da Cidade Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Bracara Augusta. Escavações arqueológicas, 1. UAUM/NARQ, Braga.

Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

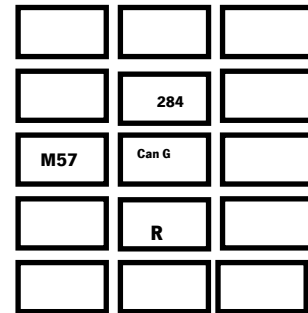
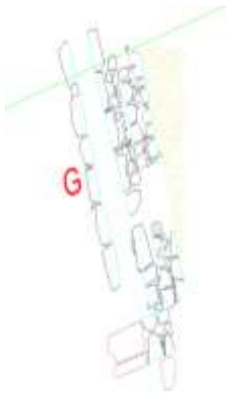


Figura 278 Localização da canalização G na planta das Termas do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos



Plano

Figura 279 Plano da canalização G (UAUM).

Secção

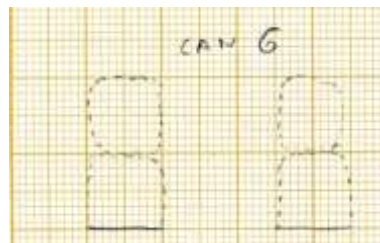


Figura 281 Secção da canalização G.

Croqui

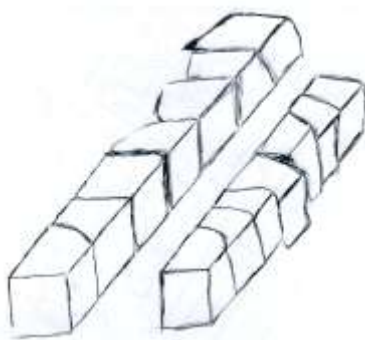


Figura 280 Croqui da canalização G.

Perfil

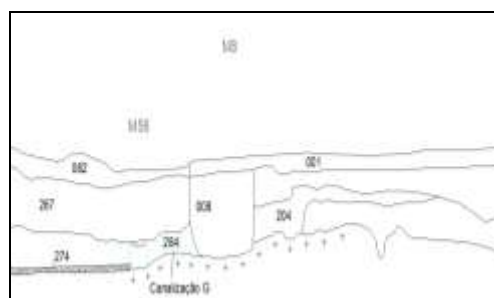


Figura 282 Perfil da canalização G (UAUM).

1 Zona Arqueológica das termas do Alto da Cividade

1.1 Localização

As termas do Alto da Cividade encontram-se presentemente na freguesia de Maximinos, estando delimitadas a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto. As termas do Alto da Cividade localizam-se no espaço mais nobre da cidade estando a oeste do *forum*. (Ribeiro, 2010:47).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveram-se ao longo de onze campanhas, entre 1977 e 1999, totalizando cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos (Martins, 2005:3). A primeira fase teve lugar entre 1977 e 1980, tendo as escavações sido dirigidas pelo Dr. Francisco Alves. A segunda fase decorreu entre 1981 e 1987 tendo tido como diretores de escavação a Dra. Manuela Delgado e o Doutor Francisco Sande Lemos. A terceira fase desenvolveu-se entre 1990 e 1999, tendo tido algumas interrupções pelo meio devido à falta de financiamento (campanhas de 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1997, 1998 e 1999). A direção foi da responsabilidade da Doutora Manuela Martins.

1.3 Identificação das estruturas

As escavações permitiram exumar umas termas públicas que tiveram sucessivas remodelações ao longo de três séculos de uso. Nelas foi possível identificar vários hipocaustos de diferentes épocas e várias salas pertencentes à mesma que sofreram várias alterações.

1.4 Cronologias e fases

A construção das termas foi precedida por um edifício, designado de pré-termal, de funcionalidade controversa, mas seguramente o edifício romano mais antigo até agora identificado em Braga (Martins, 2005:11), datado do período de Augusto ou de Tibério (Martins, 2005:12). Nas termas do Alto da Cividade identificaram-se quatro fases (Martins, 2005: 76-85). A primeira fase, datada dos inícios do século II, época de Trajano, corresponde *ao modelo de estabelecimentos de banho difundidos nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas* (Martins, 2005:77). A segunda fase, presume-se que seja dos finais do século II ou inícios do III, nela se verificando uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando cerca de 3m sobre a palestra, criando deste modo uma área de banhos de maior amplitude (Martins, 2005:38). A terceira fase, datada entre finais do século III e inícios do século IV, corresponde a uma profunda transformação da área de banhos, com as anteriores áreas quentes 11 e 12 a serem transformadas em zonas frias (Martins, 2005:48; Ribeiro, 2010:48) ao mesmo tempo que se construíam novos hipocaustos e se alterava a circulação no interior das termas. A quarta fase, datada da 2ª metade do século IV, reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando a fisionomia do edifício, pelo abandono da grande palestra e a construção de uma mais pequena no setor norte da área de banhos (Martins, 2005:60; Ribeiro, 2010:48).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

T98 UECanalização H [T132]

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, bastante destruída, conservada numa extensão de 2.95 m. Possui 1 m de largura e 0.60 m de altura. O material empregue na cobertura e na parede foi a pedra e não foi possível saber qual o material usado no lastro.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

Não sabemos como era o lastro.

2.4.2 Paredes

As paredes foram realizadas em alvenaria. Cada elemento tem 0.30 m por 0.20 m de comprimento e largura respetivamente.

2.4.3 Cobertura

A cobertura foi realizada com grandes blocos de pedra, bastante irregulares, que variam entre os 0.80 m por 0.30 m e 0.60 m por 0.30 m de comprimento e largura, respetivamente.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível determinar o seu pendor.

2.6 Orientação

O/E.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

Provavelmente da fase III. Há duas interpretações possíveis para esta construção. A primeira é a de que veio inutilizar a canalização B e a segunda é a de que ambas canalizações funcionariam em simultâneo.

2.9 Cronologia

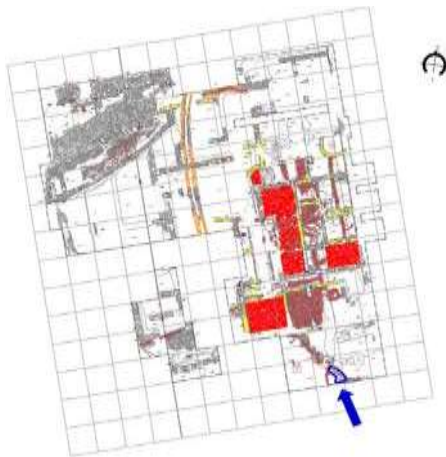
Provavelmente dos finais do século III e inícios do IV.

2.10 Bibliografia

- Martins, M (2005). *As termas romanas do Alto da Cidade Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Bracara Augusta. Escavações arqueológicas, 1. UAUM/NARQ, Braga.
- Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

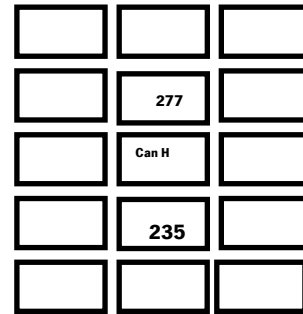


Figura 283 Localização da canalização H na planta das Termas do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano

Croqui

Secção

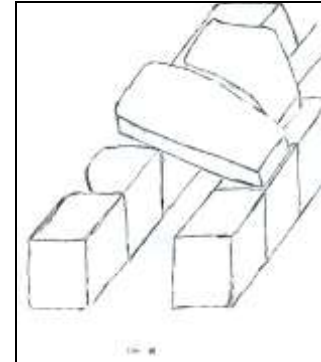
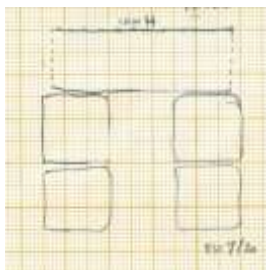


Figura 284 Secção da canalização H.

Figura 285 Plano com a canalização H (UAUM).

Figura 286 Croqui da canalização H.

Perfil

3.4 Fotografia



Figura 287 Alçado da canalização H.

Figura 288 Fotografia da canalização H (MDDS).

1 Zona Arqueológica das termas do Alto da Cividade

1.1 Localização

As termas do Alto da Cividade encontram-se presentemente na freguesia de Maximinos, estando delimitadas a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto. As termas do Alto da Cividade localizam-se no espaço mais nobre da cidade estando a oeste do *forum*. (Ribeiro, 2010:47).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveram-se ao longo de onze campanhas, entre 1977 e 1999, totalizando cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos (Martins, 2005:3). A primeira fase teve lugar entre 1977 e 1980, tendo as escavações sido dirigidas pelo Dr. Francisco Alves. A segunda fase decorreu entre 1981 e 1987 tendo tido como diretores de escavação a Dra. Manuela Delgado e o Doutor Francisco Sande Lemos. A terceira fase desenvolveu-se entre 1990 e 1999, tendo tido algumas interrupções pelo meio devido à falta de financiamento (campanhas de 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1997, 1998 e 1999). A direção foi da responsabilidade da Doutora Manuela Martins.

1.3 Identificação das estruturas

As escavações permitiram exumar umas termas públicas que tiveram sucessivas remodelações ao longo de três séculos de uso. Nelas foi possível identificar vários hipocaustos de diferentes épocas e várias salas pertencentes à mesma que sofreram várias alterações.

1.4 Cronologias e fases

A construção das termas foi precedida por um edifício, designado de pré-termal, de funcionalidade controversa, mas seguramente o edifício romano mais antigo até agora identificado em Braga (Martins, 2005:11), datado do período de Augusto ou de Tibério (Martins, 2005:12). Nas termas do Alto da Cividade identificaram-se quatro fases (Martins, 2005: 76-85). A primeira fase, datada dos inícios do século II, época de Trajano, corresponde *ao modelo de estabelecimentos de banho difundidos nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas* (Martins, 2005:77). A segunda fase, presume-se que seja dos finais do século II ou inícios do III, nela se verificando uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando cerca de 3m sobre a palestra, criando deste modo uma área de banhos de maior amplitude (Martins, 2005:38). A terceira fase, datada entre finais do século III e inícios do século IV, corresponde a uma profunda transformação da área de banhos, com as anteriores áreas quentes 11 e 12 a serem transformadas em zonas frias (Martins, 2005:48; Ribeiro, 2010:48) ao mesmo tempo que se construíam novos hipocaustos e se alterava a circulação no interior das termas. A quarta fase, datada da 2ª metade do século IV, reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando a fisionomia do edifício, pelo abandono da grande palestra e a construção de uma mais pequena no setor norte da área de banhos (Martins, 2005:60; Ribeiro, 2010:48).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

T98 UECanalização I [T132].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, bastante fragmentada. Só se conservou elementos do lastro em *tegulae*. Apresenta 2.29 m de extensão.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro foi realizado em *tegulae* invertidas, em que o elemento melhor preservado tinha cerca de 0.60 m por 0.40 m de comprimento e largura respetivamente. Dois dos elementos apresentam marcas que se encontram já identificadas como a marca nº 7 do Quadro I, da estampa XL e a marca nº129 do Quadro II, da estampa XL da tese do Doutor Rui Morais (Morais, 2005: Est XL).

2.4.2 Paredes

Não se conservaram.

2.4.3 Cobertura

Não conservada.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Desconhecemos o seu pendor.

2.6 Orientação

E/O.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

Fase III. A presente canalização *corria ao longo de um possível pórtico de entrada das termas* (Martins, 2005: 120).

2.9 Cronologia

Finais do século III inícios do século IV.

2.10 Bibliografia

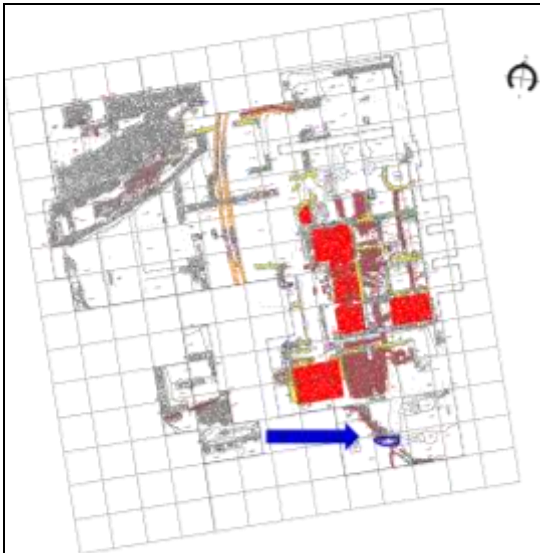
Martins, M (2005). *Bracara Augusta Escavações arqueológicas As termas romanas do Alto da Cidade Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Morais, R. (2005). Autarcia e comércio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial: contribuição para o estudo económico da cidade, in Martins, M (coord.) *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas 1*, UAUM/NARQ, Braga.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

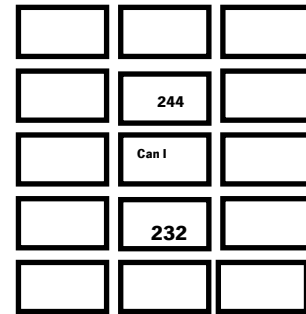


Figura 289 Localização da canalização I na planta das Termas do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 290 Plano com o lastro da canalização I (UAUM).

Perfil

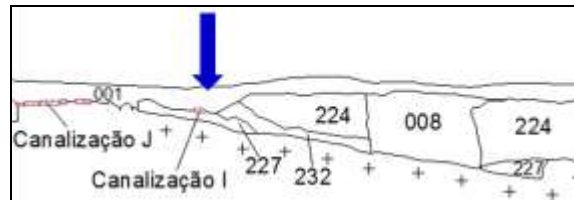


Figura 291 Perfil da canalização I (UAUM).

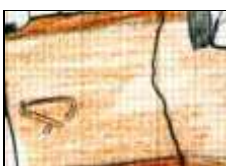


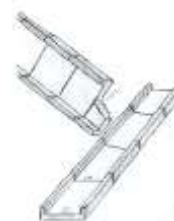
Figura 292 Marcas nominais existentes no lastro da canalização I (UAUM).



Secção



Figura 293 Secção da canalização I.



Croqui

Figura 294 Croqui da canalização I.

1 Zona Arqueológica das termas do Alto da Cividade

1.1 Localização

As termas do Alto da Cividade encontram-se presentemente na freguesia de Maximinos, estando delimitadas a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto. As termas do Alto da Cividade localizam-se no espaço mais nobre da cidade estando a oeste do *forum*. (Ribeiro, 2010:47).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveram-se ao longo de onze campanhas, entre 1977 e 1999, totalizando cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos (Martins, 2005:3). A primeira fase teve lugar entre 1977 e 1980, tendo as escavações sido dirigidas pelo Dr. Francisco Alves. A segunda fase decorreu entre 1981 e 1987 tendo tido como diretores de escavação a Dra. Manuela Delgado e o Doutor Francisco Sande Lemos. A terceira fase desenvolveu-se entre 1990 e 1999, tendo tido algumas interrupções pelo meio devido à falta de financiamento (campanhas de 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1997, 1998 e 1999). A direção foi da responsabilidade da Doutora Manuela Martins.

1.3 Identificação das estruturas

As escavações permitiram exumar umas termas públicas que tiveram sucessivas remodelações ao longo de três séculos de uso. Nelas foi possível identificar vários hipocaustos de diferentes épocas e várias salas pertencentes à mesma que sofreram várias alterações.

1.4 Cronologias e fases

A construção das termas foi precedida por um edifício, designado de pré-termal, de funcionalidade controversa, mas seguramente o edifício romano mais antigo até agora identificado em Braga (Martins, 2005:11), datado do período de Augusto ou de Tibério (Martins, 2005:12). Nas termas do Alto da Cividade identificaram-se quatro fases (Martins, 2005: 76-85). A primeira fase, datada dos inícios do século II, época de Trajano, corresponde *ao modelo de estabelecimentos de banho difundidos nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas* (Martins, 2005:77). A segunda fase, presume-se que seja dos finais do século II ou inícios do III, nela se verificando uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando cerca de 3m sobre a palestra, criando deste modo uma área de banhos de maior amplitude (Martins, 2005:38). A terceira fase, datada entre finais do século III e inícios do século IV, corresponde a uma profunda transformação da área de banhos, com as anteriores áreas quentes 11 e 12 a serem transformadas em zonas frias (Martins, 2005:48; Ribeiro, 2010:48) ao mesmo tempo que se construíam novos hipocaustos e se alterava a circulação no interior das termas. A quarta fase, datada da 2ª metade do século IV, reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando a fisionomia do edifício, pelo abandono da grande palestra e a construção de uma mais pequena no setor norte da área de banhos (Martins, 2005:60; Ribeiro, 2010:48).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

T98 Canalização J [T122; T123].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, bastante fragmentada, composta por um lastro em *tegula* e paredes em pedra. Apresenta 4.84 m de extensão e 0.40 m de largura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro foi realizado com *tegulae*, cujos elementos melhor preservados têm dimensões de cerca de 0.60 m por 0.40 m de comprimento e largura respetivamente. Seis elementos do lastro têm gravadas marcas (Morais 2005: estampa XL).

2.4.2 Paredes

As paredes encontram-se muito mal preservadas e são compostas por pedras, com a face interna bem faceadas. As suas dimensões oscilam entre cerca de 0,30 m por 0,20 m de comprimento e largura, respetivamente e cerca de 0.23 m de altura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Na extensão conservada tem um pendor de 0.13 m.

2.6 Orientação

NO/SE.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

Fase III. Segundo M. Martins a presente canalização “*parece ter estado associada à canalização L*” e a mesma faz um arco e corre “*parcialmente sob o solo do apodyterium (área 30)*” (Martins, 2005:120)

2.9 Cronologia

Finais do século III e inícios do IV.

2.10 Bibliografia

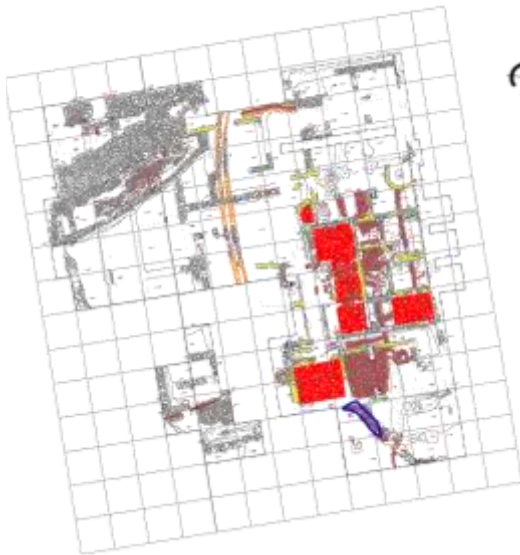
Martins, M (2005). *As termas romanas do Alto da Cividade Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Bracara Augusta. Escavações arqueológicas, 1. UAUM/NARQ, Braga.

Morais, R. (2005). Autarcia e comércio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial: contribuição para o estudo económico da cidade, in Martins, M (coord.) *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas 1*, UAUM/NARQ, Braga.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

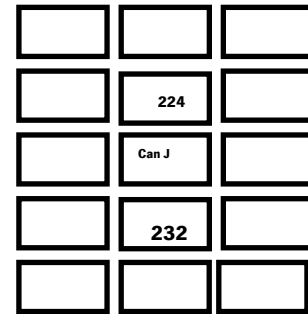


Figura 295 Localização da canalização J na planta das Termas do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos



Plano

Figura 296 Plano com a canalização J (UAUM).

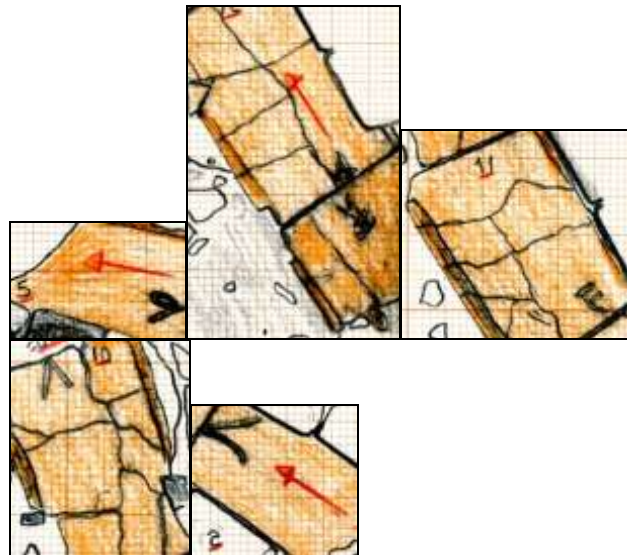


Figura 297 Pormenor das marcas nominais existentes no lastro da canalização J (UAUM).

Secção

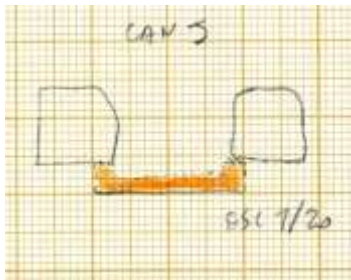


Figura 298 Secção da canalização J.

Perfil

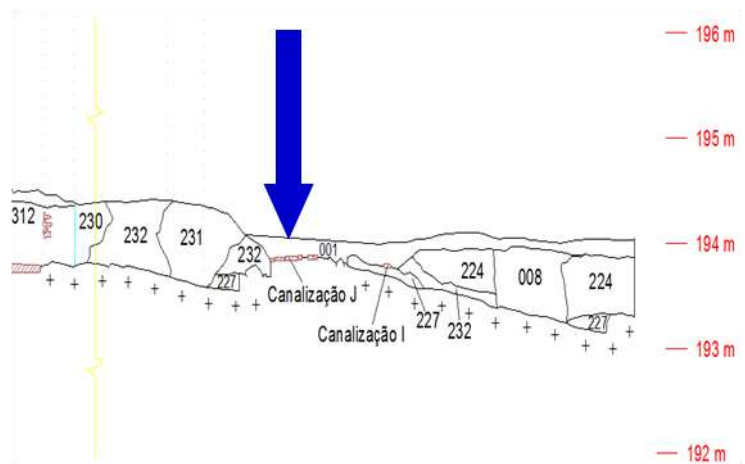


Figura 299 Secção da canalização J (UAUM).

Croqui



Figura 300 Croqui da canalização J.

3.4 Fotografia



Figura 301 Fotografia da canalização J (MDDS).

1 Zona Arqueológica das termas do Alto da Cividade

1.1 Localização

As termas do Alto da Cividade encontram-se presentemente na freguesia de Maximinos, estando delimitadas a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto. As termas do Alto da Cividade localizam-se no espaço mais nobre da cidade estando a oeste do *forum*. (Ribeiro, 2010:47).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveram-se ao longo de onze campanhas, entre 1977 e 1999, totalizando cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos (Martins, 2005:3). A primeira fase teve lugar entre 1977 e 1980, tendo as escavações sido dirigidas pelo Dr. Francisco Alves. A segunda fase decorreu entre 1981 e 1987 tendo tido como diretores de escavação a Dra. Manuela Delgado e o Doutor Francisco Sande Lemos. A terceira fase desenvolveu-se entre 1990 e 1999, tendo tido algumas interrupções pelo meio devido à falta de financiamento (campanhas de 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1997, 1998 e 1999). A direção foi da responsabilidade da Doutora Manuela Martins.

1.3 Identificação das estruturas

As escavações permitiram exumar umas termas públicas que tiveram sucessivas remodelações ao longo de três séculos de uso. Nelas foi possível identificar vários hipocaustos de diferentes épocas e várias salas pertencentes à mesma que sofreram várias alterações.

1.4 Cronologias e fases

A construção das termas foi precedida por um edifício, designado de pré-termal, de funcionalidade controversa, mas seguramente o edifício romano mais antigo até agora identificado em Braga (Martins, 2005:11), datado do período de Augusto ou de Tibério (Martins, 2005:12). Nas termas do Alto da Cividade identificaram-se quatro fases (Martins, 2005: 76-85). A primeira fase, datada dos inícios do século II, época de Trajano, corresponde *ao modelo de estabelecimentos de banho difundidos nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas* (Martins, 2005:77). A segunda fase, presume-se que seja dos finais do século II ou inícios do III, nela se verificando uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando cerca de 3m sobre a palestra, criando deste modo uma área de banhos de maior amplitude (Martins, 2005:38). A terceira fase, datada entre finais do século III e inícios do século IV, corresponde a uma profunda transformação da área de banhos, com as anteriores áreas quentes 11 e 12 a serem transformadas em zonas frias (Martins, 2005:48; Ribeiro, 2010:48) ao mesmo tempo que se construíam novos hipocaustos e se alterava a circulação no interior das termas. A quarta fase, datada da 2ª metade do século IV, reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando a fisionomia do edifício, pelo abandono da grande palestra e a construção de uma mais pequena no setor norte da área de banhos (Martins, 2005:60; Ribeiro, 2010:48).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

T98 Canalização L [T122; T123].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, muito destruída, conservando somente duas *tegulae*, numa extensão de 1.21 m. A sua largura é de 0.40 m.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é composto por duas *tegulae* invertidas, com 0.60 m de comprimento e 0.40 m de largura.

2.4.2 Paredes

As paredes não se conservaram.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível saber o seu pendor.

2.6 Orientação

NO/SE.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

Fase III. Segundo M. Martins a presente canalização “*deveria servir para recolher a água das chuvas do telhado do referido pórtico, parecendo ligar-se às canalizações I e J*” (Martins, 2005:120). A mesma corre ao longo do muro M63, que definiria o lado poente de um possível pórtico de entrada das termas, que teria funcionado nesta fase (Martins, 2005:120).

2.9 Cronologia

Finais do século III e inícios do IV.

2.10 Bibliografia

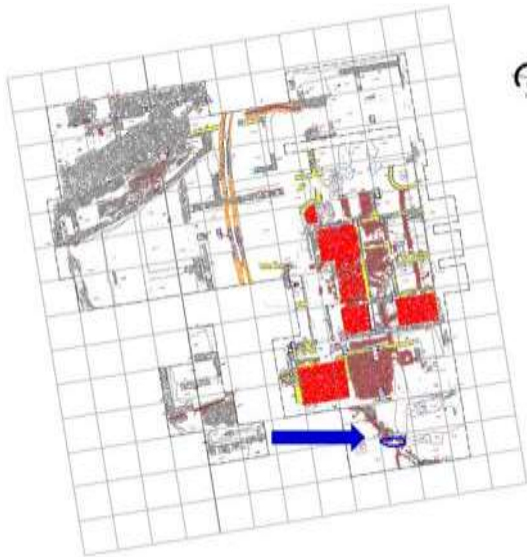
Martins, M (2005). *As termas romanas do Alto da Cidade Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Bracara Augusta. Escavações arqueológicas, 1. UAUM/NARQ, Braga.

Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

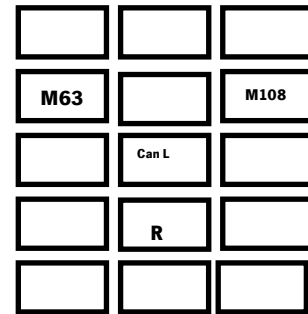


Figura 302 Localização da canalização L na planta das Termas do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano

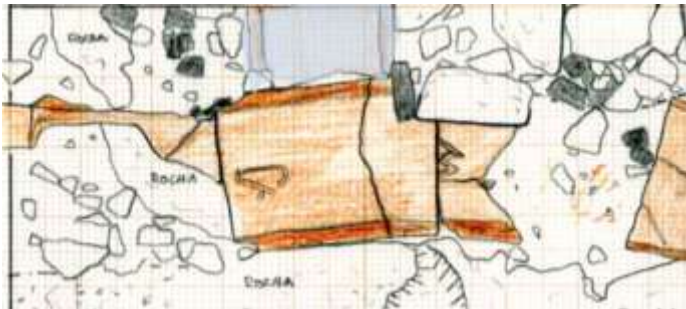


Figura 303 Plano da canalização L (UAUM).

Secção



Figura 305 Secção da canalização L.

Perfil

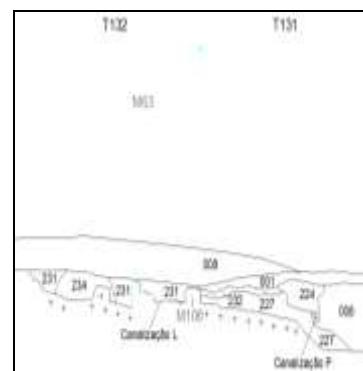


Figura 306 Perfil da canalização L (UAUM).



Croqui

Figura 304 Croqui da canalização L.

1 Zona Arqueológica das termas do Alto da Cividade

1.1 Localização

As termas do Alto da Cividade encontram-se presentemente na freguesia de Maximinos, estando delimitadas a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto. As termas do Alto da Cividade localizam-se no espaço mais nobre da cidade estando a oeste do *forum*. (Ribeiro, 2010:47).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveram-se ao longo de onze campanhas, entre 1977 e 1999, totalizando cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos (Martins, 2005:3). A primeira fase teve lugar entre 1977 e 1980, tendo as escavações sido dirigidas pelo Dr. Francisco Alves. A segunda fase decorreu entre 1981 e 1987 tendo tido como diretores de escavação a Dra. Manuela Delgado e o Doutor Francisco Sande Lemos. A terceira fase desenvolveu-se entre 1990 e 1999, tendo tido algumas interrupções pelo meio devido à falta de financiamento (campanhas de 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1997, 1998 e 1999). A direção foi da responsabilidade da Doutora Manuela Martins.

1.3 Identificação das estruturas

As escavações permitiram exumar umas termas públicas que tiveram sucessivas remodelações ao longo de três séculos de uso. Nelas foi possível identificar vários hipocaustos de diferentes épocas e várias salas pertencentes à mesma que sofreram várias alterações.

1.4 Cronologias e fases

A construção das termas foi precedida por um edifício, designado de pré-termal, de funcionalidade controversa, mas seguramente o edifício romano mais antigo até agora identificado em Braga (Martins, 2005:11), datado do período de Augusto ou de Tibério (Martins, 2005:12). Nas termas do Alto da Cividade identificaram-se quatro fases (Martins, 2005: 76-85). A primeira fase, datada dos inícios do século II, época de Trajano, corresponde *ao modelo de estabelecimentos de banho difundidos nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas* (Martins, 2005:77). A segunda fase, presume-se que seja dos finais do século II ou inícios do III, nela se verificando uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando cerca de 3m sobre a palestra, criando deste modo uma área de banhos de maior amplitude (Martins, 2005:38). A terceira fase, datada entre finais do século III e inícios do século IV, corresponde a uma profunda transformação da área de banhos, com as anteriores áreas quentes 11 e 12 a serem transformadas em zonas frias (Martins, 2005:48; Ribeiro, 2010:48) ao mesmo tempo que se construíam novos hipocaustos e se alterava a circulação no interior das termas. A quarta fase, datada da 2ª metade do século IV, reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando a fisionomia do edifício, pelo abandono da grande palestra e a construção de uma mais pequena no setor norte da área de banhos (Martins, 2005:60; Ribeiro, 2010:48).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

T98 Canalização M [T186].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, bem conservada, sendo composta por um lastro e paredes em tijoleiras. Apresenta uma extensão máxima conservada de cerca de 1.95 m e uma largura máxima de 0.45 m.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

Os elementos do lastro são em tijoleira com cerca de 0.40 m de comprimento, 0.30m de largura e 0.06 m de altura do lastro.

2.4.2 Paredes

As paredes são feitas em tijoleira. Os elementos estão muito fragmentados e têm de 0.42 m por 0.16 m de comprimento e largura respetivamente. Para a edificação das paredes reutilizaram tijolos e tijoleiras fraturadas.

2.4.3 Cobertura

A cobertura é realizada em tijoleira, cujas dimensões são cerca de 0.40 m comprimento por 0.30 m de largura, com uma altura de cerca de 0.10 m.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Na extensão conservada descai cerca de 0.03 m em direção a sul.

2.6 Orientação

NO/SE.

2.7 Funcionalidade

Abastecimento.

2.8 Contexto

Fase Pré Termal. Segundo M. Martins a presente canalização "*está associada ao abastecimento do fontanário que existia na fachada oeste do conjunto pré-termal*" (Martins, 2005:120). A mesma corre paralela aos muros M87 e M97.

2.9 Cronologia

Século I.

2.10 Bibliografia

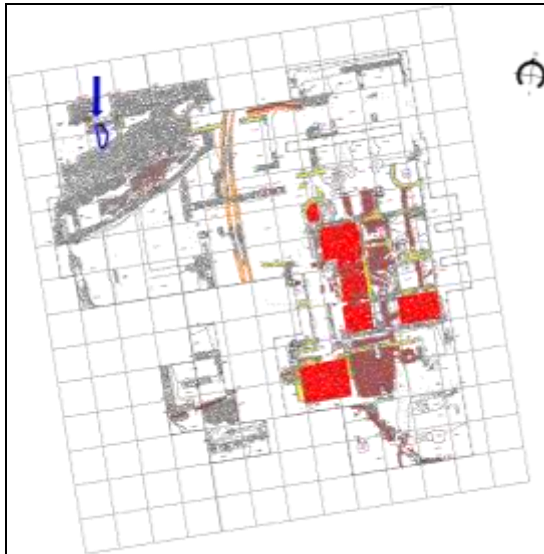
Martins, M (2005). *As termas romanas do Alto da Cidade Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Bracara Augusta. Escavações arqueológicas, 1. UAUM/NARQ, Braga.

Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|-----|-------|------|
| | | |
| 104 | 118 | M108 |
| M87 | Can M | |
| | 121 | |
| | | |

Figura 307 Localização da canalização M na planta das Termas do Alto da Cividade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 308 Plano da canalização M (UAUM).

Secção



Figura 309 Secção da canalização M.

Perfil



Figura 310 Perfil sul com a canalização M (UAUM).

3.4 Fotografias

Croqui

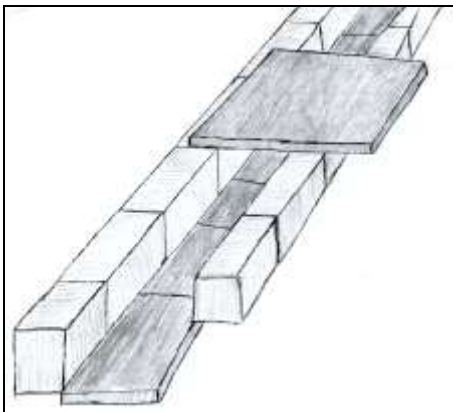


Figura 311 Croqui da canalização M.



Figura 312 Fotografia da canalização M (Fernanda Magalhães).

1 Zona Arqueológica das termas do Alto da Cidade Localização

1.1 Localização

As termas do Alto da Cidade encontram-se presentemente na freguesia de Maximinos, estando delimitadas a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto. As termas do Alto da Cidade localizam-se no espaço mais nobre da cidade estando a oeste do *forum*. (Ribeiro, 2010:47).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveram-se ao longo de onze campanhas, entre 1977 e 1999, totalizando cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos (Martins, 2005:3). A primeira fase teve lugar entre 1977 e 1980, tendo as escavações sido dirigidas pelo Dr. Francisco Alves. A segunda fase decorreu entre 1981 e 1987 tendo tido como diretores de escavação a Dra. Manuela Delgado e o Doutor Francisco Sande Lemos. A terceira fase desenvolveu-se entre 1990 e 1999, tendo tido algumas interrupções pelo meio devido à falta de financiamento (campanhas de 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1997, 1998 e 1999). A direção foi da responsabilidade da Doutora Manuela Martins.

1.3 Identificação das estruturas

As escavações permitiram exumar umas termas públicas que tiveram sucessivas remodelações ao longo de três séculos de uso. Nelas foi possível identificar vários hipocaustos de diferentes épocas e várias salas pertencentes à mesma que sofreram várias alterações.

1.4 Cronologias e fases

A construção das termas foi precedida por um edifício, designado de pré-termal, de funcionalidade controversa, mas seguramente o edifício romano mais antigo até agora identificado em Braga (Martins, 2005:11), datado do período de Augusto ou de Tibério (Martins, 2005:12). Nas termas do Alto da Cidade identificaram-se quatro fases (Martins, 2005: 76-85). A primeira fase, datada dos inícios do século II, época de Trajano, corresponde *ao modelo de estabelecimentos de banho difundidos nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas* (Martins, 2005:77). A segunda fase, presume-se que seja dos finais do século II ou inícios do III, nela se verificando uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando cerca de 3m sobre a palestra, criando deste modo uma área de banhos de maior amplitude (Martins, 2005:38). A terceira fase, datada entre finais do século III e inícios do século IV, corresponde a uma profunda transformação da área de banhos, com as anteriores áreas quentes 11 e 12 a serem transformadas em zonas frias (Martins, 2005:48; Ribeiro, 2010:48) ao mesmo tempo que se construíam novos hipocaustos e se alterava a circulação no interior das termas. A quarta fase, datada da 2ª metade do século IV, reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando a fisionomia do edifício, pelo abandono da grande palestra e a construção de uma mais pequena no setor norte da área de banhos (Martins, 2005:60; Ribeiro, 2010:48).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

T92 Canalização N [PH7F; PH7G].

2.2 Tipo

Canalização em forma de U.

2.3 Descrição

Canalização em forma de U, cujo comprimento total detetado foi de cerca de 0.68 m e 0.18 m altura. Só se detetou um módulo.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

2.4.2 Paredes

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

Detetou-se um único módulo com 0.68 m de comprimento, 0.20 m de largura e uma espessura de parede e de base de 0.04 m. A largura interna, assim como a altura interna são de cerca de 0.14 m.

2.5 Pendor

Não é possível determinar o seu pendor.

2.6 Orientação

SO/NE.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

Fase II. Supõe-se que esta *pequena canalização drenasse para a canalização B1, que corria ao longo do corredor 8* (Martins, 2005: 120).

2.9 Cronologia

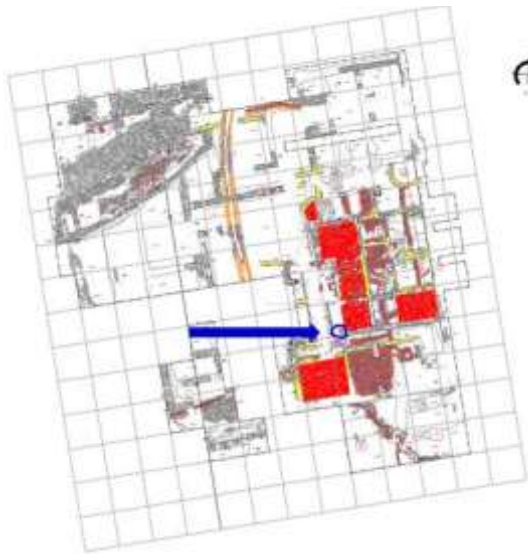
Finais do século II e inícios do III (Martins, 2005:120).

2.10 Bibliografia

- Martins, M (2005). *As termas romanas do Alto da Cividade Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Bracara Augusta. Escavações arqueológicas, 1. UAUM/NARQ, Braga.
- Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

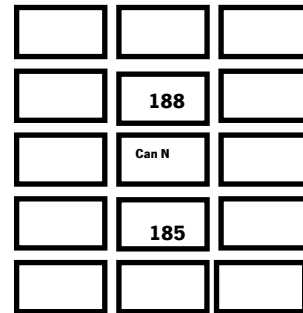


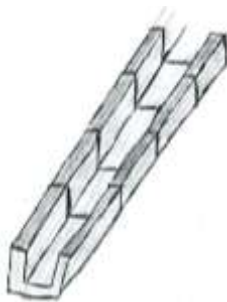
Figura 313 Localização da canalização N na planta das Termas do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos



Secção

Figura 314 Secção da canalização N.



Croqui

Figura 315 Croqui da canalização N.

3.4 Fotografias



Figura 316 Fotografia da canalização N (MDDS).

1 Zona Arqueológica das termas do Alto da Cividade

1.1 Localização

As termas do Alto da Cividade encontram-se presentemente na freguesia de Maximinos, estando delimitadas a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto. As termas do Alto da Cividade localizam-se no espaço mais nobre da cidade estando a oeste do *forum* (Ribeiro, 2010:47).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveram-se ao longo de onze campanhas, entre 1977 e 1999, totalizando cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos (Martins, 2005:3). A primeira fase teve lugar entre 1977 e 1980, tendo as escavações sido dirigidas pelo Dr. Francisco Alves. A segunda fase decorreu entre 1981 e 1987 tendo tido como diretores de escavação a Dra. Manuela Delgado e o Doutor Francisco Sande Lemos. A terceira fase desenvolveu-se entre 1990 e 1999, tendo tido algumas interrupções pelo meio devido à falta de financiamento (campanhas de 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1997, 1998 e 1999). A direção foi da responsabilidade da Doutora Manuela Martins.

1.3 Identificação das estruturas

As escavações permitiram exumar umas termas públicas que tiveram sucessivas remodelações ao longo de três séculos de uso. Nelas foi possível identificar vários hipocaustos de diferentes épocas e várias salas pertencentes à mesma que sofreram várias alterações.

1.4 Cronologias e fases

A construção das termas foi precedida por um edifício, designado de pré-termal, de funcionalidade controversa, mas seguramente o edifício romano mais antigo até agora identificado em Braga (Martins, 2005:11), datado do período de Augusto ou de Tibério (Martins, 2005:12). Nas termas do Alto da Cividade identificaram-se quatro fases (Martins, 2005: 76-85). A primeira fase, datada dos inícios do século II, época de Trajano, corresponde *ao modelo de estabelecimentos de banho difundidos nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas* (Martins, 2005:77). A segunda fase, presume-se que seja dos finais do século II ou inícios do III, nela se verificando uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando cerca de 3m sobre a palestra, criando deste modo uma área de banhos de maior amplitude (Martins, 2005:38). A terceira fase, datada entre finais do século III e inícios do século IV, corresponde a uma profunda transformação da área de banhos, com as anteriores áreas quentes 11 e 12 a serem transformadas em zonas frias (Martins, 2005:48; Ribeiro, 2010:48) ao mesmo tempo que se construíam novos hipocaustos e se alterava a circulação no interior das termas. A quarta fase, datada da 2ª metade do século IV, reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando a fisionomia do edifício, pelo abandono da grande palestra e a construção de uma mais pequena no setor norte da área de banhos (Martins, 2005:60; Ribeiro, 2010:48).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

T91 Canalização O [Tb 10I].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa que conserva cerca de 3.44 m de extensão, com uma largura de 0.60 m e uma altura que varia entre 1 m e 10 cm e os 0.46 m. O material empregue na sua construção foi a pedra.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é composto por duas lajes em granito com cerca de 1.14 m de comprimento, 0.40 m de largura e 0.20 m de espessura. Apresentam uma largura interna de cerca de 0.42 m. Manuela Martins salienta que sobre este lastro poderia correr um cano que drenaria a água oriunda do *alveus* (Martins, 2005: 120).

2.4.2 Paredes

Os muros M32, a norte e M58, a sul funcionam como paredes desta canalização.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se conservou, mas poderia ser realizada provavelmente em pedra.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível saber o seu pendor

2.6 Orientação

NE/SO.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

Fase III. Segundo Manuela Martins a presente canalização “*drenaria a água oriunda do alveus da área 33 e, eventualmente, também a do alveus da área 37, a qual seria recolhida através da canalização G detectada sob a área 33*” (Martins, 2005: 120). A presente canalização, deveria drenar os seus resíduos na canalização C localizada a sudoeste desta. Por outro lado, também é provável que sobre esta canalização tivessem funcionado umas latrinas durante as fases III e IV (Martins, 2005:120).

2.9 Cronologia

Finais do século III /inícios do IV.

2.10 Bibliografia

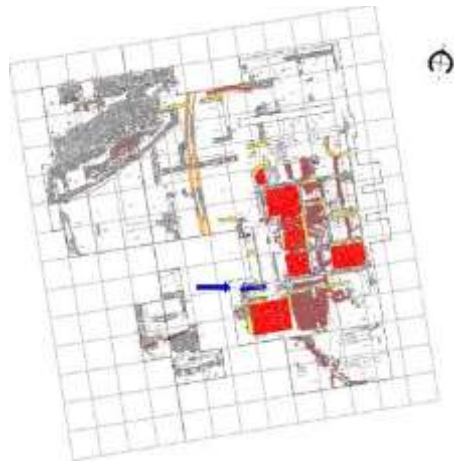
Martins, M (2005). *As termas romanas do Alto da Cividade Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Bracara Augusta. Escavações arqueológicas, 1. UAUM/NARQ, Braga.

Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

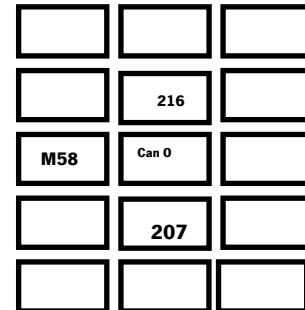


Figura 317 Localização da canalização O na planta das Termas do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 318 Canalização O (UAUM).

Croqui

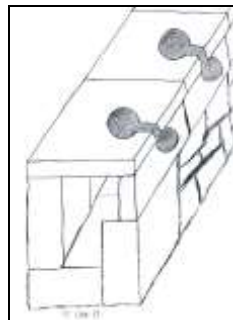


Figura 319 Croqui da canalização O.

3.4 Fotografia



Figura 320 Fotografia da canalização O (MDDS).

Secção

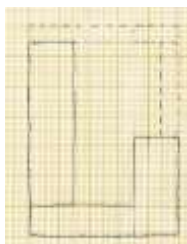


Figura 321 Secção da canalização O.

Perfil

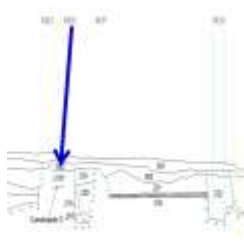


Figura 322 Canalização O (UAUM).

1 Zona Arqueológica das termas do Alto da Cividade

1.1 Localização

As termas do Alto da Cividade encontram-se presentemente na freguesia de Maximinos, estando delimitadas a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto. As termas do Alto da Cividade localizam-se no espaço mais nobre da cidade estando a oeste do *forum*. (Ribeiro, 2010:47).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveram-se ao longo de onze campanhas, entre 1977 e 1999, totalizando cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos (Martins, 2005:3). A primeira fase teve lugar entre 1977 e 1980, tendo as escavações sido dirigidas pelo Dr. Francisco Alves. A segunda fase decorreu entre 1981 e 1987 tendo tido como diretores de escavação a Dra. Manuela Delgado e o Doutor Francisco Sande Lemos. A terceira fase desenvolveu-se entre 1990 e 1999, tendo tido algumas interrupções pelo meio devido à falta de financiamento (campanhas de 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1997, 1998 e 1999). A direção foi da responsabilidade da Doutora Manuela Martins.

1.3 Identificação das estruturas

As escavações permitiram exumar umas termas públicas que tiveram sucessivas remodelações ao longo de três séculos de uso. Nelas foi possível identificar vários hipocaustos de diferentes épocas e várias salas pertencentes à mesma que sofreram várias alterações.

1.4 Cronologias e fases

A construção das termas foi precedida por um edifício, designado de pré-termal, de funcionalidade controversa, mas seguramente o edifício romano mais antigo até agora identificado em Braga (Martins, 2005:11), datado do período de Augusto ou de Tibério (Martins, 2005:12). Nas termas do Alto da Cividade identificaram-se quatro fases (Martins, 2005: 76-85). A primeira fase, datada dos inícios do século II, época de Trajano, corresponde *ao modelo de estabelecimentos de banho difundidos nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas* (Martins, 2005:77). A segunda fase, presume-se que seja dos finais do século II ou inícios do III, nela se verificando uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando cerca de 3m sobre a palestra, criando deste modo uma área de banhos de maior amplitude (Martins, 2005:38). A terceira fase, datada entre finais do século III e inícios do século IV, corresponde a uma profunda transformação da área de banhos, com as anteriores áreas quentes 11 e 12 a serem transformadas em zonas frias (Martins, 2005:48; Ribeiro, 2010:48) ao mesmo tempo que se construíam novos hipocaustos e se alterava a circulação no interior das termas. A quarta fase, datada da 2ª metade do século IV, reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando a fisionomia do edifício, pelo abandono da grande palestra e a construção de uma mais pequena no setor norte da área de banhos (Martins, 2005:60; Ribeiro, 2010:48).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

T91 Canalização P [T 131].

2.2 Tipo

Canalização em forma de U.

2.3 Descrição

Canalização em forma de U, muito mal preservada. Apresenta resquícios de um módulo extremamente destruído e com um único elemento da cobertura. A sua extensão total é de cerca de 0.70 m, a sua largura máxima de cerca de 0.20 m e a sua altura de 0.08 m.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

2.4.2 Paredes

2.4.3 Cobertura

Só nos chegou um único elemento da cobertura, cujas medidas são de 0.30 m de comprimento por 0.20 m de largura.

2.4.4 Módulos

Os módulos encontram-se extremamente destruídos e não sabemos o seu comprimento e largura, mas a sua altura seria por volta de 0.10 m de altura.

2.5 Pendor

Não é possível saber o seu pendor.

2.6 Orientação

NO/ SE.

2.7 Funcionalidade

Drenagem (?).

2.8 Contexto

Fase III. Desconhecemos a sua funcionalidade exata, mas poderia ligar à canalização J, que é de drenagem.

2.9 Cronologia

Finais do século III /inícios do IV.

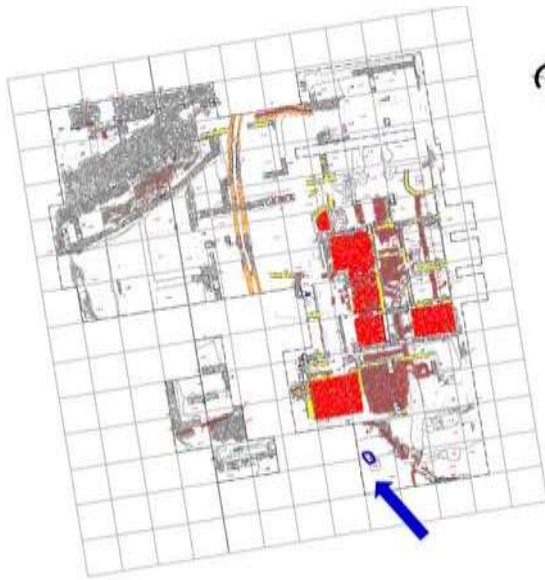
2.10 Bibliografia

Martins, M (2005). *As termas romanas do Alto da Cividade Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Bracara Augusta. Escavações arqueológicas, 1. UAUM/NARQ, Braga.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

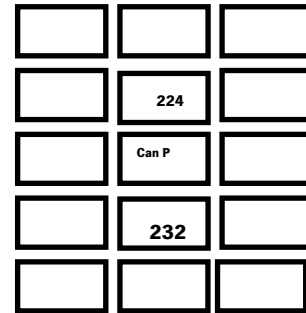


Figura 323 Localização da canalização P na planta das Termas do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 324 Canalização P (UAUM).

Perfil



Figura 325 Perfil norte da canalização P (UAUM).

Secção



Figura 326 Secção da canalização P.

Croqui

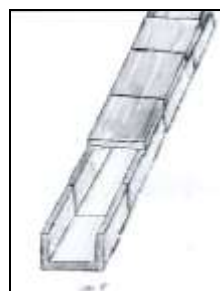


Figura 327 Croqui da canalização P.

1 Zona Arqueológica do Teatro do Alto da Cidade.

1.1 Localização

O teatro romano do Alto da Cidade situa-se na colina do mesmo nome, a norte do edifício das termas, inserindo-se numa área protegida que é propriedade do município de Braga. O referido terreno está delimitado a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e Rua Pedro Magalhães Gondavo, a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto e a sul pelas termas do Alto da Cidade.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas na zona arqueológica do teatro do Alto da Cidade iniciaram-se em 2000, após a identificação do edifício em 1999 (Martins, 2006: 50). Para dar continuidade ao estudo desta poderosa estrutura foi desenvolvido um projeto de estudo preliminar do edifício que decorreu entre 2004 e 2007, financiado PNTA. As quatro campanhas realizadas no âmbito do projeto foram dirigidas pela Doutora Manuela Martins e pelos arqueólogos Jorge Ribeiro e Fernanda Magalhães. Nos anos de 2008 até 2011 os trabalhos arqueológicos têm sido pontuais, decorrendo no âmbito da realização dos estágios de campo dos alunos do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho, tendo os mesmos responsáveis científicos.

1.3 Identificação das estruturas

Ao longo dos trabalhos realizados até ao momento foi possível exumar as diferentes partes constitutivas de um teatro romano, tais como boa parte do muro perimetral, com contrafortes, parte da *ima cavea*, metade da orquestra e metade da *scaena*. Nas traseiras do *post scaenium* foram identificadas estruturas relacionadas com um quadripórtico, destruído pela urbanização da plataforma inferior da colina da Cidade.

1.4 Cronologias e fases

A zona arqueológica do Teatro romano do Alto da Cidade encontra-se ainda em fase de estudo. No que toca às fases e cronologias poderemos dizer que a construção do teatro está atribuída aos inícios do século II e que o seu abandono deverá ter ocorrido no século IV. A partir do século V partes do edifício foram reutilizadas com funcionalidades artesanais ou habitacionais.

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

TR06 UE840 [TR336].

2.2 Tipo

Conduta.

2.3 Descrição

Conduta de água, em mau estado de conservação, que corresponde a uma das duas derivações do aqueduto que chegava ao cimo do Alto da Cidade, cuja orientação é diferente da do restante aqueduto com a UE0810. Tendo em conta que as paredes da referida conduta estão muito destruídas devido, eventualmente, a construções posteriores, salienta-se o facto de uma delas apresentar cerca de 2 m de extensão (UE840) e a outra possuir cerca de 0.80 m de comprimento (UE881) até ao limite da área ainda não intervencionada. Ela detém uma largura

máxima de cerca de 1.40 m e uma altura conservada balizada entre cerca de 0.36 m e os 0.20 m. Porém, face à análise do seu modo de construção da conduta UE840, embora bastante destruída e existindo um hiato de área ainda não intervencionada entre as campanhas arqueológicas de 2006 e as primeiras escavações arqueológicas do aqueduto realizadas em 1977, verificou-se que o processo de construção é semelhante. O *spectus* possuía cerca de 0.60 m de altura por 0.45 m de largura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro fora realizado a tijoleiras e preenchido a *opus signinum*. No entanto, o mesmo encontra-se destruído.

2.4.2 Paredes

As paredes eram realizadas em alvenaria regular tipo *opus vitatum*, cuja altura geral seria de cerca de 0.90 m e a altura interna é de cerca de 0.60 m. Os elementos possuíam cerca de 0.20 m por 0.20 m e 0.30 m por 0.20 m de comprimento e largura respetivamente com uma espessura de cerca de 0.14 m a 0.16 m. Na primeira fiada das paredes no lado interno foram empregues tijolos dispostos com a largura a fazer face interna ao aqueduto, a espessura ficou assente na própria caixa. O comprimento dos tijolos é de cerca de 0.30 m por 0.15 m. Por outro lado, verificasse uma grande destruição do mesmo quer no local da bifurcação, quer quando o mesmo se orienta em direção a sudoeste.

2.4.3 Cobertura

A cobertura fora realizada em grandes lajes de pedra cujas dimensões tanto poderiam ser de cerca de 1 m por 0.30 m, como cerca de 1 m por 0.40 m ou de cerca de 0.90 m por 0.40 m de comprimento e largura respetivamente. A espessura de tais elementos seria de cerca de 0.30 m.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Em direção a sudoeste.

2.6 Orientação

NE/SW.

2.7 Funcionalidade

Abastecimento.

2.8 Contexto

Aqueduto de abastecimento de água para a plataforma baixa da colina (Martins *et al*, 2006: 12) quiçá, para o abastecimento dos tanques que deveriam ornamentar a área aberta do quadripórtico (Martins *et al*, 2011: 5; Martins *et al*, 2012b: 5).

2.9 Cronologia

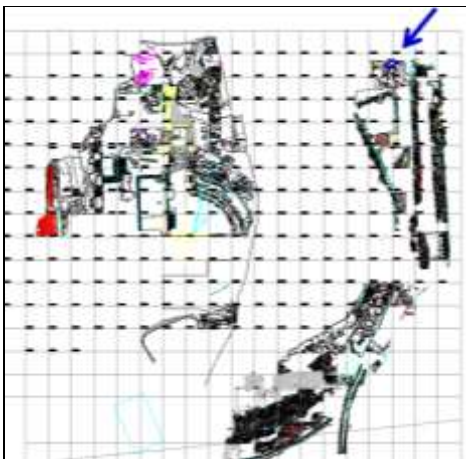
Inícios do século II.

2.10 Bibliografia

- Martins, M., Ribeiro, J e Magalhães, F. (2006). *Projecto de estudo preliminar do teatro romano de Bracara Augusta (PNTA 2003) Relatório técnico-científico dos trabalhos de 2006 Relatório de progresso 3º ano de execução*, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga (relatório policopiado).
- Martins, M., Ribeiro, J e Magalhães, F. (2006). A arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro romano de Bracara Augusta, *Forum*, 40, Braga, pp.9-30.
- Martins, M; Ribeiro, J e Magalhães, F. (2011). Teatro Romano de Bracara Augusta Trabalhos arqueológicos de 2010, Unidade de arqueologia da Universidade do Minho, Braga (relatório policopiado).
- Martins, M; Ribeiro, J; Magalhães, F. (2012b). Teatro Romano de Bracara Augusta Trabalhos arqueológicos de 2011, Universidade do Minho, Relatório de Progresso (relatório policopiado).
- Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|-----|-----|--|
| | 841 | |
| | 854 | |
| 881 | 840 | |
| | N.E | |
| | | |

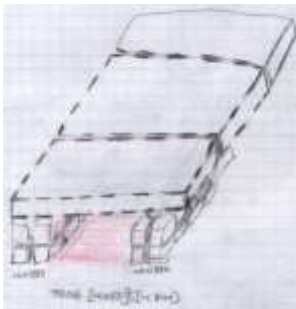
Figura 328 Localização da canalização UE840 e UE0881 na planta do Teatro romano do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 329 Plano da conduta UE0840



Croqui

Figura 330 Croqui da conduta.

Secção

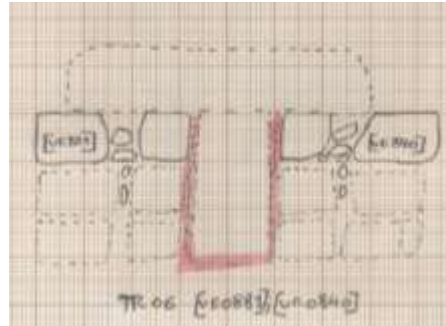


Figura 331 Secção da conduta.

Perfil

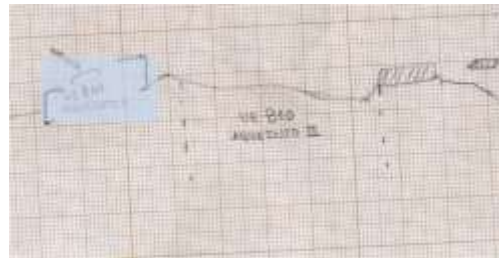


Figura 332 Perfil da conduta UE840 perfil norte (UAUM).

3.4 Fotografias



Figura 333 Fotografia do aqueduto 1977 (UAUM).



Figura 334 Fotografia da conduta (UAUM).

1 Zona Arqueológica do Teatro do Alto da Cidade

1.1 Localização

O teatro romano do Alto da Cidade situa-se na colina do mesmo nome, a norte do edifício das termas, inserindo-se numa área protegida que é propriedade do município de Braga. O referido terreno está delimitado a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e Rua Pedro Magalhães Gondavo, a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto e a sul pelas termas do Alto da Cidade.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas na zona arqueológica do teatro do Alto da Cidade iniciaram-se em 2000, após a identificação do edifício em 1999 (Martins, 2006: 50). Para dar continuidade ao estudo desta poderosa estrutura foi desenvolvido um projeto de estudo preliminar do edifício que decorreu entre 2004 e 2007, financiado PNTA. As quatro campanhas realizadas no âmbito do projeto foram dirigidas pela Doutora Manuela Martins e pelos arqueólogos Jorge Ribeiro e Fernanda Magalhães. Nos anos de 2008 até 2011 os trabalhos arqueológicos têm sido pontuais, decorrendo no âmbito da realização dos estágios de campo dos alunos do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho, tendo os mesmos responsáveis científicos.

1.3 Identificação das estruturas

Ao longo dos trabalhos realizados até ao momento foi possível exumar as diferentes partes constitutivas de um teatro romano, tais como boa parte do muro perimetral, com contrafortes, parte da *ima cavea*, metade da orquestra e metade da *scaena*. Nas traseiras do *post scaenium* foram identificadas estruturas relacionadas com um quadripórtico, destruído pela urbanização da plataforma inferior da colina da Cidade.

1.4 Cronologias e fases

A zona arqueológica do Teatro romano do Alto da Cidade encontra-se ainda em fase de estudo. No que toca às fases e cronologias poderemos dizer que a construção do teatro está atribuída aos inícios do século II e que o seu abandono deverá ter ocorrido no século IV. A partir do século V partes do edifício foram reutilizadas com funcionalidades artesanais ou habitacionais.

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

TR05 UE1507 [TR623; TR605].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, bastante destruída, tendo-se conservado alguns elementos do lastro em *tegulae*, das paredes em pedra e tijoleira e da cobertura em lajes de granito. Possui cerca de 3 m de comprimento e cerca de 0.80/0,90 m de largura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

Os elementos do lastro são de *tegulae* e encontram-se muito fragmentados. Os melhores apontam para medidas de cerca de 0.60 m por 0.45 m de comprimento e largura, respetivamente e uma espessura de cerca de 0.06 m.

2.4.2 Paredes

As paredes são de granito, com elementos retangulares de cerca de 0.30 m de comprimento por 0.20 m de largura e cerca de 0.20 m de altura. Estes estão cuidadosamente justapostas aos elementos do lastro.

2.4.3 Cobertura

A cobertura é formada por blocos de granito algo toscos, com cerca de 0.60 m de comprimento por 0.32 m de largura e 0.30 m de altura.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível determinar o seu pendor.

2.6 Orientação

N/S.

2.7 Funcionalidade

Desconhecemos a sua funcionalidade.

2.8 Contexto

A canalização poderá estar associada a uma fase de utilização pós-teatro que ainda se encontra por definir (Ribeiro, 2010: 419).

2.9 Cronologia

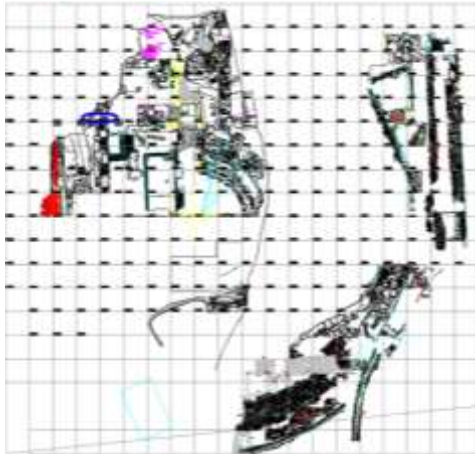
Século IV/V.

2.10 Bibliografia

- Martins, M., Ribeiro, J. e Magalhães, F. (2006). A arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro romano de Bracara Augusta, *Forum*, 40, Braga, pp.9-30.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

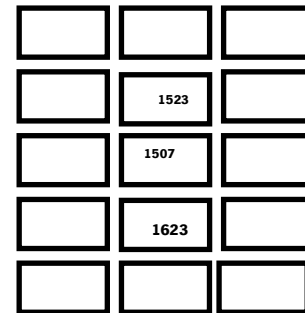


Figura 335 Localização da canalização UE1507 na planta do Teatro romano do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 336 Plano da canalização UE1507 (UAUM).



Figura 337 Plano da canalização UE1507 (UAUM).

3.4 Fotografia

Secção

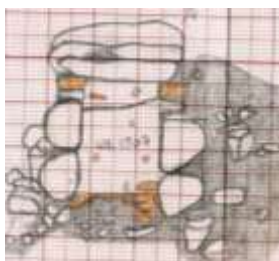


Figura 338 Secção da canalização UE1507 (UAUM)

Croqui

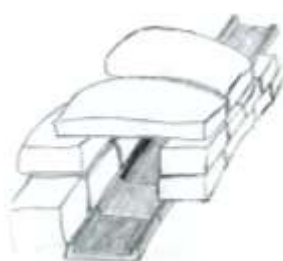


Figura 339 Croqui da canalização UE1507 (UAUM)



Figura 340 Fotografia da canalização UE1507 (UAUM).

1 Zona Arqueológica do Teatro do Alto da Cidade

1.1 Localização

O teatro romano do Alto da Cidade situa-se na colina do mesmo nome, a norte do edifício das termas, inserindo-se numa área protegida que é propriedade do município de Braga. O referido terreno está delimitado a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e Rua Pedro Magalhães Gondavo, a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto e a sul pelas termas do Alto da Cidade.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas na zona arqueológica do teatro do Alto da Cidade iniciaram-se em 2000, após a identificação do edifício em 1999 (Martins, 2006: 50). Para dar continuidade ao estudo desta poderosa estrutura foi desenvolvido um projeto de estudo preliminar do edifício que decorreu entre 2004 e 2007, financiado PNTA. As quatro campanhas realizadas no âmbito do projeto foram dirigidas pela Doutora Manuela Martins e pelos arqueólogos Jorge Ribeiro e Fernanda Magalhães. Nos anos de 2008 até 2011 os trabalhos arqueológicos têm sido pontuais, decorrendo no âmbito da realização dos estágios de campo dos alunos do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho, tendo os mesmos responsáveis científicos.

1.3 Identificação das estruturas

Ao longo dos trabalhos realizados até ao momento foi possível exumar as diferentes partes constitutivas de um teatro romano, tais como boa parte do muro perimetral, com contrafortes, parte da *ima cavea*, metade da orquestra e metade da *scaena*. Nas traseiras do *post scaenium* foram identificadas estruturas relacionadas com um quadripórtico, destruído pela urbanização da plataforma inferior da colina da Cidade.

1.4 Cronologias e fases

A zona arqueológica do Teatro romano do Alto da Cidade encontra-se ainda em fase de estudo. No que toca às fases e cronologias poderemos dizer que a construção do teatro está atribuída aos inícios do século II e que o seu abandono deverá ter ocorrido no século IV. A partir do século V partes do edifício foram reutilizadas com funcionalidades artesanais ou habitacionais.

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

TR05 UE1508 [TR623; TR605].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, composta por um lastro realizado por lajes retangulares de grande dimensão, paredes edificadas em pedra e cobertura em lajes graníticas. Possui um comprimento de 1.40 m de largura e cerca de 0.90 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é composto por lajes de pedra, onde não nos é possível determinar o comprimento porque ainda não foi intervencionada. Possui 0.60 m de largura e uma altura de 0.24 m.

2.4.2 Paredes

As paredes são compostas por pedras retangulares cujas medidas variam desde os 0.70 m por 0.60 m de comprimento e largura, respetivamente, e os 0.50 m por 0.40 m. A altura é de cerca de 0.48 m.

2.4.3 Cobertura

A cobertura foi realizada com grandes blocos de pedra com 1.40 m de largura e altura de 0.30 m.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível saber o pendor, pois a estrutura ainda se encontra em fase de escavação.

2.6 Orientação

NE/SO.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

Canalização de drenagem da água da orquestra do teatro. Segundo Jorge Ribeiro, esta cloaca tinha origem numa abertura integrada do muro do *pulpitum*, identificado com a UE1680 e drenava o excesso de águas para o exterior do edifício (Ribeiro, 2010: 419)

2.9 Cronologia

Séculos II.

2.10 Bibliografia

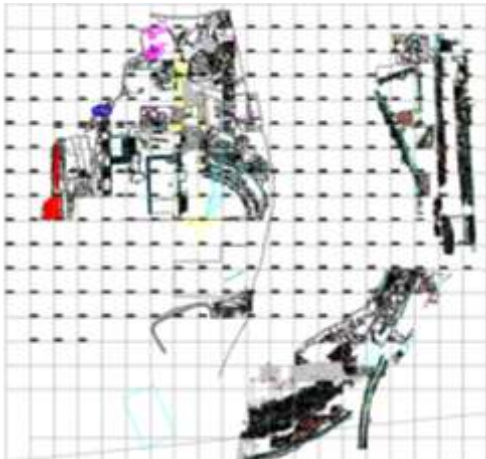
Martins, M., Ribeiro, J. e Magalhães, F. (2006). A arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro romano de Bracara Augusta, *Forum*, 40, Braga, pp.9-30.

Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

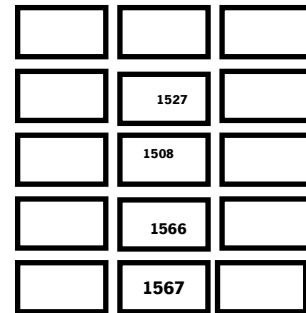


Figura 341 Localização da canalização UE1508 na planta do Teatro romano do Alto da Cividade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 342 Plano da canalização UE1508 (UAUM).



Figura 343 Plano da canalização UE1508 (UAUM) Perfil



Figura 345 - Perfil este da canalização, sector TR605 (UAUM).

Secção

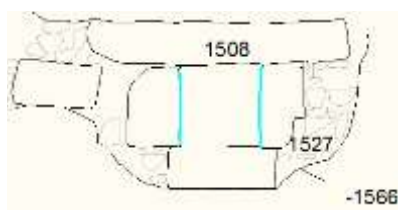


Figura 344 Secção da canalização.

Croqui

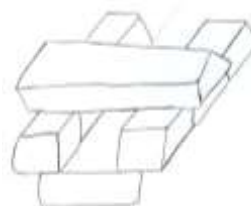


Figura 346 Croqui da canalização UE1508.

3.4 Fotografia



Figura 347 Fotografia da canalização UE1508 (UAUM).

1 Zona Arqueológica do Teatro do Alto da Cidade

1.1 Localização

O teatro romano do Alto da Cidade situa-se na colina do mesmo nome, a norte do edifício das termas, inserindo-se numa área protegida que é propriedade do município de Braga. O referido terreno está delimitado a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e Rua Pedro Magalhães Gondavo, a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto e a sul pelas termas do Alto da Cidade.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas na zona arqueológica do teatro do Alto da Cidade iniciaram-se em 2000, após a identificação do edifício em 1999 (Martins, 2006: 50). Para dar continuidade ao estudo desta poderosa estrutura foi desenvolvido um projeto de estudo preliminar do edifício que decorreu entre 2004 e 2007, financiado PNTA. As quatro campanhas realizadas no âmbito do projeto foram dirigidas pela Doutora Manuela Martins e pelos arqueólogos Jorge Ribeiro e Fernanda Magalhães. Nos anos de 2008 até 2011 os trabalhos arqueológicos têm sido pontuais, decorrendo no âmbito da realização dos estágios de campo dos alunos do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho, tendo os mesmos responsáveis científicos.

1.3 Identificação das estruturas

Ao longo dos trabalhos realizados até ao momento foi possível exumar as diferentes partes constitutivas de um teatro romano, tais como boa parte do muro perimetral, com contrafortes, parte da *ima cavea*, metade da orquestra e metade da *scaena*. Nas traseiras do *post scaenium* foram identificadas estruturas relacionadas com um quadripórtico, destruído pela urbanização da plataforma inferior da colina da Cidade.

1.4 Cronologias e fases

A zona arqueológica do Teatro romano do Alto da Cidade encontra-se ainda em fase de estudo. No que toca às fases e cronologias poderemos dizer que a construção do teatro está atribuída aos inícios do século II e que o seu abandono deverá ter ocorrido no século IV. A partir do século V partes do edifício foram reutilizadas com funcionalidades artesanais ou habitacionais.

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

TR05 UE1509 [TR605].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, razoavelmente preservada, composta por um lastro realizado por tijoleiras, paredes em tijolo e pedra e cobertura em pedra. Grande parte desta estrutura não foi ainda escavada, não sendo, por isso, possível saber o seu comprimento total. Já no que toca à sua largura poderemos dizer que ela possui cerca de 1 m de largura, sendo a sua altura de 0.70 m.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é composto por tijoleiras cujos elementos têm 0.40 m de largura e uma espessura de 0.06 m. Não conseguimos saber o seu comprimento porque nenhum elemento do lastro chegou a ser totalmente escavado.

2.4.2 Paredes

Os elementos empregues nas paredes da canalização são tijolos e pedras. Em secção vemos que os tijolos permanecem sobre o lastro e as pedras não. Por outro lado, parece que as pedras foram empregues com o intuito de suportar o peso das pesadas coberturas em pedra e os finos tijolos dispostos na vertical e com cerca de 0.08 m de espessura foram utilizados para melhor impermeabilizarem a cloaca.

2.4.3 Cobertura

A cobertura é realizada em lajes de granito algo toscas com uma forma sub-retangular. Para estes elementos não temos dados suficientes sobre o seu comprimento, sendo a sua largura de cerca de 1 m e a sua altura de cerca de 0.30 m.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível saber o pendor.

2.6 Orientação

NE/SO.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

Drenagem do excesso de água que se acumulava na orquestra (Ribeiro, 2010:420).

2.9 Cronologia

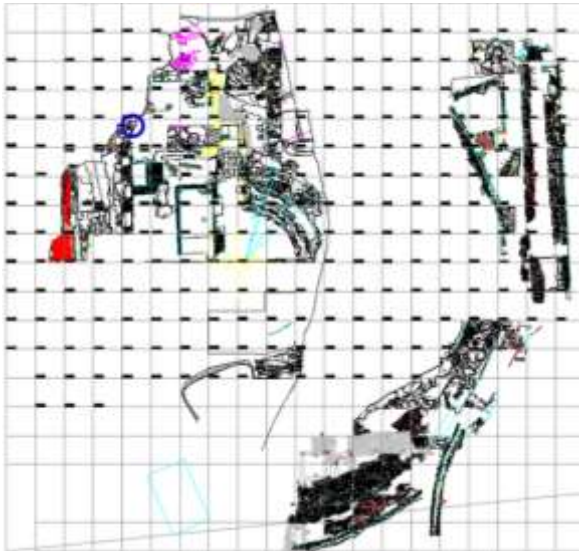
Séculos II.

2.10 Bibliografia

- Martins, M., Ribeiro, J. e Magalhães, F. (2006). A arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro romano de Bracara Augusta, *Forum*, 40, Braga, pp.9-30.
- Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|------|--|
| | 1510 | |
| | 1622 | |
| | 1509 | |
| | 1565 | |
| | | |

Figura 348 Localização da canalização UE1509 na planta do Teatro romano do Alto da Cividade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 349 Plano com a canalização UE1509 (UAUM).

Secção



Figura 350 Secção da canalização UE1509 (UAUM).

Perfil

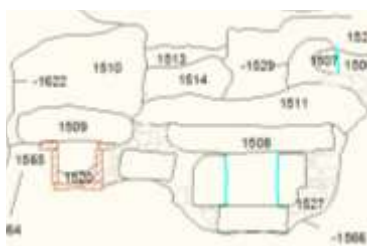


Figura 351 Perfil este da canalização UE1509 (UAUM).

Croqui



Figura 352 Croqui da canalização TR UE1509.

3.4 Fotografia



Figura 353 Fotografia da canalização UE1509 (MDDS).

1 Zona Arqueológica do Teatro do Alto da Cidade

1.1 Localização

O teatro romano do Alto da Cidade situa-se na colina do mesmo nome, a norte do edifício das termas, inserindo-se numa área protegida que é propriedade do município de Braga. O referido terreno está delimitado a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e Rua Pedro Magalhães Gondavo, a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto e a sul pelas termas do Alto da Cidade.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas na zona arqueológica do teatro do Alto da Cidade iniciaram-se em 2000, após a identificação do edifício em 1999 (Martins, 2006: 50). Para dar continuidade ao estudo desta poderosa estrutura foi desenvolvido um projeto de estudo preliminar do edifício que decorreu entre 2004 e 2007, financiado PNTA. As quatro campanhas realizadas no âmbito do projeto foram dirigidas pela Doutora Manuela Martins e pelos arqueólogos Jorge Ribeiro e Fernanda Magalhães. Nos anos de 2008 até 2011 os trabalhos arqueológicos têm sido pontuais, decorrendo no âmbito da realização dos estágios de campo dos alunos do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho, tendo os mesmos responsáveis científicos.

1.3 Identificação das estruturas

Ao longo dos trabalhos realizados até ao momento foi possível exumar as diferentes partes constitutivas de um teatro romano, tais como boa parte do muro perimetral, com contrafortes, parte da *ima cavea*, metade da orquestra e metade da *scaena*. Nas traseiras do *post scaenium* foram identificadas estruturas relacionadas com um quadripórtico, destruído pela urbanização da plataforma inferior da colina da Cidade.

1.4 Cronologias e fases

A zona arqueológica do Teatro romano do Alto da Cidade encontra-se ainda em fase de estudo. No que toca às fases e cronologias poderemos dizer que a construção do teatro está atribuída aos inícios do século II e que o seu abandono deverá ter ocorrido no século IV. A partir do século V partes do edifício foram reutilizadas com funcionalidades artesanais ou habitacionais.

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

TR05 UE1573 [TR585; TR567].

2.2 Tipo

Canalização em forma de U.

2.3 Descrição

Canalização forma de U, muito fragmentada. Apresenta-nos somente um único módulo conservado, com cerca de 0.80 m de comprimento por 0.18 m de largura máxima.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 *Lastro*

2.4.2 *Paredes*

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

Só se conservou um módulo inteiro, em forma de U, com cerca de 0.74 m de comprimento, 0.18 m de largura.

2.5 Pendor

Não é possível saber o seu pendore.

2.6 Orientação

N/S.

2.7 Funcionalidade

Não é possível saber a sua funcionalidade.

2.8 Contexto

A canalização poderá estar associada à reutilização da área da basílica depois da desafetação do edifício de espetáculos.

2.9 Cronologia

Séculos IV a V.

2.10 Bibliografia

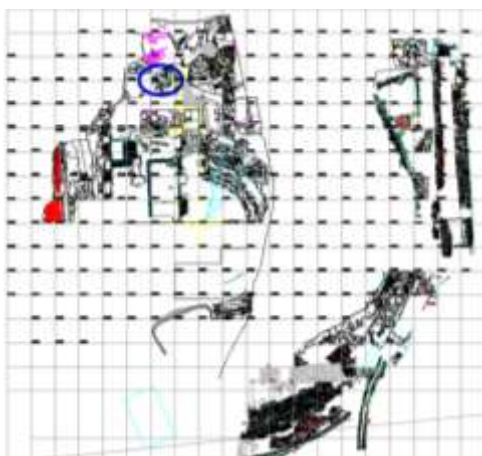
Martins, M., Ribeiro, J. e Magalhães, F. (2006). A arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro romano de Bracara Augusta, *Forum*, 40, Braga, pp.9-30.

Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|------|------|
| | | |
| | 1547 | |
| | 1573 | 1546 |
| | 1544 | |
| | 1574 | |

Figura 354 Localização da canalização UE1573 na planta do Teatro romano do Alto da Cividade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano

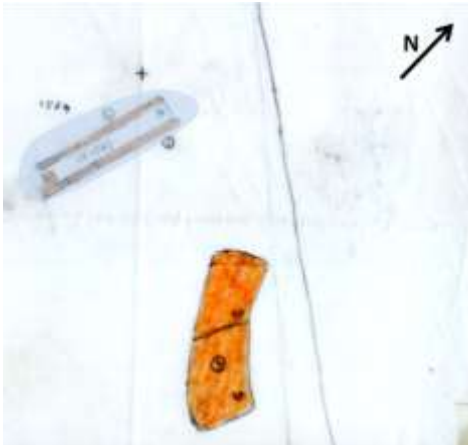


Figura 355 Canalização UE1573 sectores TR585 e TR567 (UAUM).

Secção

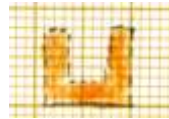


Figura 356 Secção da canalização UE1573.

Croqui

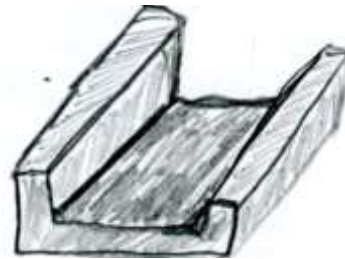


Figura 357 Croqui da canalização UE1573.

1 Zona Arqueológica do Teatro do Alto da Cidade

1.1 Localização

O teatro romano do Alto da Cidade situa-se na colina do mesmo nome, a norte do edifício das termas, inserindo-se numa área protegida que é propriedade do município de Braga. O referido terreno está delimitado a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e Rua Pedro Magalhães Gondavo, a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto e a sul pelas termas do Alto da Cidade.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas na zona arqueológica do teatro do Alto da Cidade iniciaram-se em 2000, após a identificação do edifício em 1999 (Martins, 2006: 50). Para dar continuidade ao estudo desta poderosa estrutura foi desenvolvido um projeto de estudo preliminar do edifício que decorreu entre 2004 e 2007, financiado PNTA. As quatro campanhas realizadas no âmbito do projeto foram dirigidas pela Doutora Manuela Martins e pelos arqueólogos Jorge Ribeiro e Fernanda Magalhães. Nos anos de 2008 até 2011 os trabalhos arqueológicos têm sido pontuais, decorrendo no âmbito da realização dos estágios de campo dos alunos do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho, tendo os mesmos responsáveis científicos.

1.3 Identificação das estruturas

Ao longo dos trabalhos realizados até ao momento foi possível exumar as diferentes partes constitutivas de um teatro romano, tais como boa parte do muro perimetral, com contrafortes, parte da *ima cavea*, metade da orquestra e metade da *scaena*. Nas traseiras do *post scaenium* foram identificadas estruturas relacionadas com um quadripórtico, destruído pela urbanização da plataforma inferior da colina da Cidade.

1.4 Cronologias e fases

A zona arqueológica do Teatro romano do Alto da Cidade encontra-se ainda em fase de estudo. No que toca às fases e cronologias poderemos dizer que a construção do teatro está atribuída aos inícios do século II e que o seu abandono deverá ter ocorrido no século IV. A partir do século V partes do edifício foram reutilizadas com funcionalidades artesanais ou habitacionais.

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

TR06 UE1666 [TR545].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, muito fragmentada. Apresenta-nos somente um único elemento conservado, ou seja, uma *tegula* invertida.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro seria realizado com *tegulae* invertidas, com cerca de 0.60 m de comprimento por 0.42 m de largura.

2.4.2 Paredes

As paredes não se preservaram.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível saber o seu pendor.

2.6 Orientação

N/S.

2.7 Funcionalidade

Abastecimento (?).

2.8 Contexto

Ainda não há dados suficientemente claros a propósito da funcionalidade desta canalização que se encontra debaixo da *cavea* do teatro e provavelmente poderia captar as águas do aqueduto localizado na zona norte da colina até ao tanque do quadripórtico localizado a sul.

2.9 Cronologia

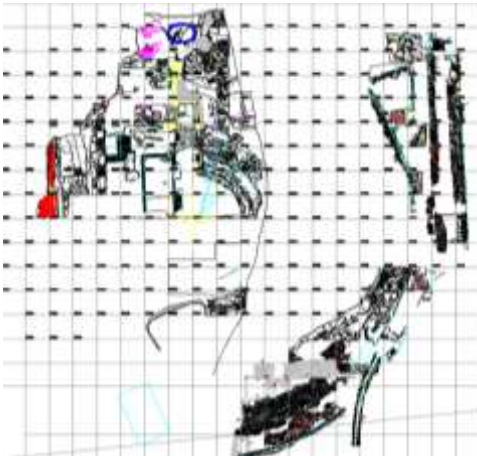
Séculos II a IV.

2.10 Bibliografia

- Martins, M., Ribeiro, J. e Magalhães, F. (2006). A arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro romano de Bracara Augusta, *Forum*, 40, Braga, pp.9-30.
- Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

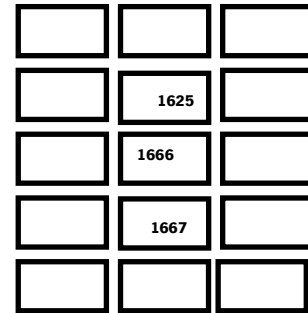


Figura 358 Localização da canalização UE1507 na planta do Teatro romano do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 359 Plano com a canalização UE1666, sector TR545 (UAUM).

Secção



Figura 360 Secção da canalização UE1666, sector TR545 (UAUM).



Croqui

Figura 361 Croqui da canalização UE1666.

3.4 Fotografias



Figura 362 Fotografia da canalização UE1666 (UAUM).

1 Zona Arqueológica do Teatro do Alto da Cidade

1.1 Localização

O teatro romano do Alto da Cidade situa-se na colina do mesmo nome, a norte do edifício das termas, inserindo-se numa área protegida que é propriedade do município de Braga. O referido terreno está delimitado a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e Rua Pedro Magalhães Gondavo, a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto e a sul pelas termas do Alto da Cidade.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas na zona arqueológica do teatro do Alto da Cidade iniciaram-se em 2000, após a identificação do edifício em 1999 (Martins, 2006: 50). Para dar continuidade ao estudo desta poderosa estrutura foi desenvolvido um projeto de estudo preliminar do edifício que decorreu entre 2004 e 2007, financiado PNTA. As quatro campanhas realizadas no âmbito do projeto foram dirigidas pela Doutora Manuela Martins e pelos arqueólogos Jorge Ribeiro e Fernanda Magalhães. Nos anos de 2008 até 2011 os trabalhos arqueológicos têm sido pontuais, decorrendo no âmbito da realização dos estágios de campo dos alunos do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho, tendo os mesmos responsáveis científicos.

1.3 Identificação das estruturas

Ao longo dos trabalhos realizados até ao momento foi possível exumar as diferentes partes constitutivas de um teatro romano, tais como boa parte do muro perimetral, com contrafortes, parte da *ima cavea*, metade da orquestra e metade da *scaena*. Nas traseiras do *post scaenium* foram identificadas estruturas relacionadas com um quadripórtico, destruído pela urbanização da plataforma inferior da colina da Cidade.

1.4 Cronologias e fases

A zona arqueológica do Teatro romano do Alto da Cidade encontra-se ainda em fase de estudo. No que toca às fases e cronologias poderemos dizer que a construção do teatro está atribuída aos inícios do século II e que o seu abandono deverá ter ocorrido no século IV. A partir do século V partes do edifício foram reutilizadas com funcionalidades artesanais ou habitacionais.

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

TR07 UE1748 [TR524]

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em mau estado de conservação. Apresenta-nos 2.80 m de comprimento e cerca de 1.40 m de largura e 0.30 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

Não sabemos como era o lastro.

2.4.2 Paredes

Em plano preservaram-se dois pequenos troços da parede, um com cerca de 0.80 m e outro com 0.50 m de comprimento, ambos do lado esquerdo da canalização. Mas como a canalização sofreu uma enorme destruição devido aos saques não nos é possível interpretá-la corretamente. Os únicos elementos da parede que se conservaram detêm 0.20 m por 0.15 m de comprimento e largura, respetivamente, e estão muito bem faceados do lado interno. No perfil, ainda não intervencionado, parece que a canalização tem cerca de 0.60 m de largura, 0.40 m de altura e deveria ter paredes duplas e com cerca de duas fiadas de pedras com cerca de 0.26 m de largura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível saber o seu pendor.

2.6 Orientação

NO/SE.

2.7 Funcionalidade

Abastecimento (?).

2.8 Contexto

Ainda não há dados suficientemente claros a propósito da funcionalidade desta canalização, que se encontrava debaixo da *cavea* do teatro, podendo captar águas do aqueduto localizado na zona norte da colina.

2.9 Cronologia

Séculos II a IV.

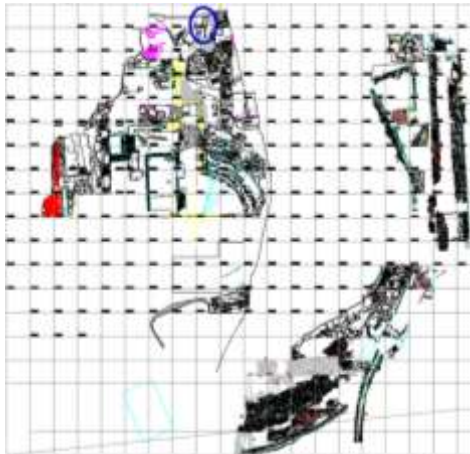
2.10 Bibliografia

Martins, M., Ribeiro, J. e Magalhães, F. (2006). A arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro romano de Bracara Augusta, *Forum*, 40, Braga, pp.9-30.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|------|--|
| | | |
| | 1749 | |
| | 1748 | |
| | 1741 | |
| | R | |

Figura 363 Localização da canalização UE1748 na planta do Teatro romano do Alto da Cividade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Perfil

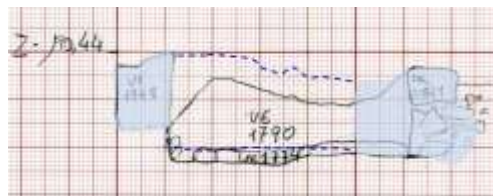


Figura 366 Perfil norte da canalização UE1748.

Figura 364 Plano com a canalização UE1748, sector 524 (UAUM).

3.4 Fotografia

Croqui



Secção

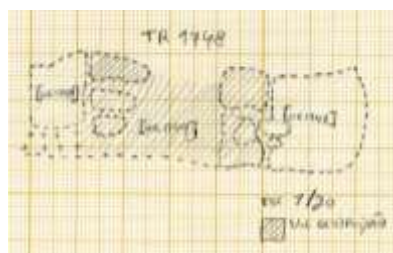


Figura 368 Fotografia da canalização UE1748 (UAUM).

Figura 365 Croqui da canalização

Figura 367 Secção da canalização UE1748.

1 Zona Arqueológica do Teatro do Alto da Cidade

1.1 Localização

O teatro romano do Alto da Cidade situa-se na colina do mesmo nome, a norte do edifício das termas, inserindo-se numa área protegida que é propriedade do município de Braga. O referido terreno está delimitado a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e Rua Pedro Magalhães Gondavo, a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto e a sul pelas termas do Alto da Cidade.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas na zona arqueológica do teatro do Alto da Cidade iniciaram-se em 2000, após a identificação do edifício em 1999 (Martins, 2006: 50). Para dar continuidade ao estudo desta poderosa estrutura foi desenvolvido um projeto de estudo preliminar do edifício que decorreu entre 2004 e 2007, financiado PNTA. As quatro campanhas realizadas no âmbito do projeto foram dirigidas pela Doutora Manuela Martins e pelos arqueólogos Jorge Ribeiro e Fernanda Magalhães. Nos anos de 2008 até 2011 os trabalhos arqueológicos têm sido pontuais, decorrendo no âmbito da realização dos estágios de campo dos alunos do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho, tendo os mesmos responsáveis científicos.

1.3 Identificação das estruturas

Ao longo dos trabalhos realizados até ao momento foi possível exumar as diferentes partes constitutivas de um teatro romano, tais como boa parte do muro perimetral, com contrafortes, parte da *ima cavea*, metade da orquestra e metade da *scaena*. Nas traseiras do *post scaenium* foram identificadas estruturas relacionadas com um quadripórtico, destruído pela urbanização da plataforma inferior da colina da Cidade.

1.4 Cronologias e fases

A zona arqueológica do Teatro romano do Alto da Cidade encontra-se ainda em fase de estudo. No que toca às fases e cronologias poderemos dizer que a construção do teatro está atribuída aos inícios do século II e que o seu abandono deverá ter ocorrido no século IV. A partir do século V partes do edifício foram reutilizadas com funcionalidades artesanais ou habitacionais.

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

TR06 UE821 [TR325/TR335].

2.2 Tipo

Canalização em forma de U.

2.3 Descrição

Canalização em forma de U, em razoável estado de conservação. Apresenta-nos 2.80 m de comprimento, largura de cerca de 0.22 m e 0.20 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 *Lastro*

2.4.2 *Paredes*

2.4.3 Cobertura

A cobertura foi elaborada em tijoleiras, com cerca de 0.50 m de comprimento por 0.22 m de largura e 0.04 m de espessura.

2.4.4 Módulos

Cada módulo tem cerca de 0.50 m de comprimento, 0.22 m de largura externa e cerca de 0.16 m de altura. Apresentam uma largura interna de cerca de 0.12 m e uma espessura de cerca de 0.05 m, quer nas paredes, quer na base.

2.5 Pendor

Numa extensão de 2.80 m tem cerca de 1m de pendor em direção a oeste.

2.6 Orientação

SE/NO.

2.7 Funcionalidade

Drenagem (?).

2.8 Contexto

A presente canalização poderá, eventualmente, estar relacionada com o contexto de abandono do teatro e encontra-se associada às estruturas de xisto que foram levantadas junto ao muro perimetral.

2.9 Cronologia

Séculos V a VII.

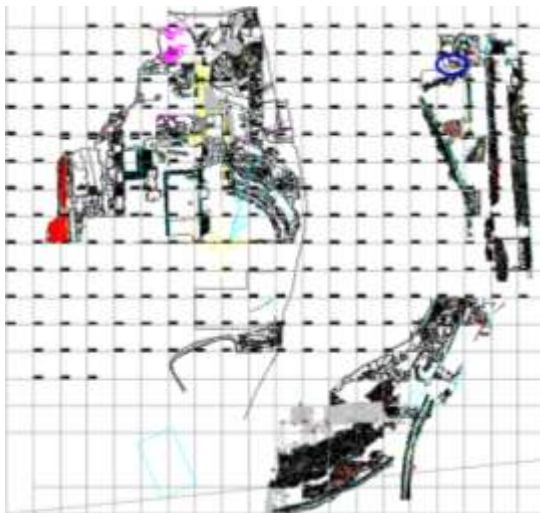
2.10 Bibliografia

Martins, M., Ribeiro, J. e Magalhães, F. (2006). A arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro romano de Bracara Augusta, *Forum*, 40, Braga, pp.9-30.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|-----|--|
| | | |
| | 849 | |
| | 821 | |
| | 848 | |
| | R | |

Figura 369 Localização da canalização UE821 na planta do Teatro romano do Alto da Cidade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Perfil



Figura 371 Perfil sul da canalização 821, setor TR325 (UAUM).

Figura 370 Plano com a canalização UE821, setor TR325 (UAUM).

Croqui

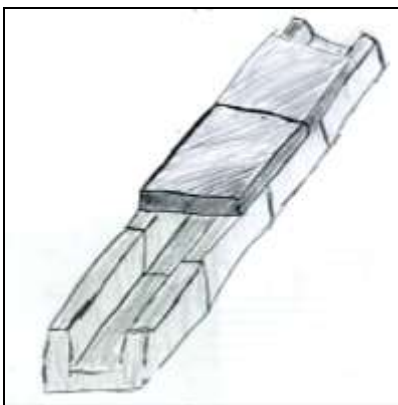


Figura 372 Croqui da canalização UE821.

3.4 Fotografias



Figura 374 Fotografia da canalização UE821 (UAUM).

Secção

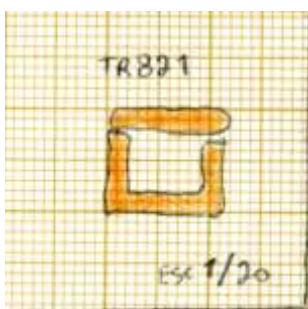


Figura 373 Secção da canalização UE821.

1 Zona Arqueológica do Teatro do Alto da Cidade

1.1 Localização

O teatro romano do Alto da Cidade situa-se na colina do mesmo nome, a norte do edifício das termas, inserindo-se numa área protegida que é propriedade do município de Braga. O referido terreno está delimitado a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e Rua Pedro Magalhães Gondavo, a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto e a sul pelas termas do Alto da Cidade.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas na zona arqueológica do teatro do Alto da Cidade iniciaram-se em 2000, após a identificação do edifício em 1999 (Martins, 2006: 50). Para dar continuidade ao estudo desta poderosa estrutura foi desenvolvido um projeto de estudo preliminar do edifício que decorreu entre 2004 e 2007, financiado PNTA. As quatro campanhas realizadas no âmbito do projeto foram dirigidas pela Doutora Manuela Martins e pelos arqueólogos Jorge Ribeiro e Fernanda Magalhães. Nos anos de 2008 até 2011 os trabalhos arqueológicos têm sido pontuais, decorrendo no âmbito da realização dos estágios de campo dos alunos do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho, tendo os mesmos responsáveis científicos.

1.3 Identificação das estruturas

Ao longo dos trabalhos realizados até ao momento foi possível exumar as diferentes partes constitutivas de um teatro romano, tais como boa parte do muro perimetral, com contrafortes, parte da *ima cavea*, metade da orquestra e metade da *scaena*. Nas traseiras do *post scaenium* foram identificadas estruturas relacionadas com um quadripórtico, destruído pela urbanização da plataforma inferior da colina da Cidade.

1.4 Cronologias e fases

A zona arqueológica do Teatro romano do Alto da Cidade encontra-se ainda em fase de estudo. No que toca às fases e cronologias poderemos dizer que a construção do teatro está atribuída aos inícios do século II e que o seu abandono deverá ter ocorrido no século IV. A partir do século V partes do edifício foram reutilizadas com funcionalidades artesanais ou habitacionais.

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

TR11 UE1758 [TR570].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, mal conservada, composta por lastro e paredes em tijoleira. Apresenta 0.40 m de comprimento, uma largura de cerca de 0.24 m e 0.20 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro foi realizado em tijoleiras, com cerca de 0.42 m de comprimento, 0.26 m de largura, 0.04 m de espessura.

2.4.2 Paredes

As paredes foram executadas com tijoleiras dispostas na vertical sobre o lastro, com cerca de 0.42 m de comprimento, 0.04 m de espessura e 0.16 m de altura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível determinar o seu pendor.

2.6 Orientação

NO/SE.

2.7 Funcionalidade

Não é possível saber a sua funcionalidade, mas poderá ser de drenagem.

2.8 Contexto

Deverá estar relacionada com a fase de reutilização dos espaços do teatro, mais concretamente com um provável espaço habitacional/artesanal que se instalou na área da basílica situada a norte da *scaena*.

2.9 Cronologia

Séculos V/VII.

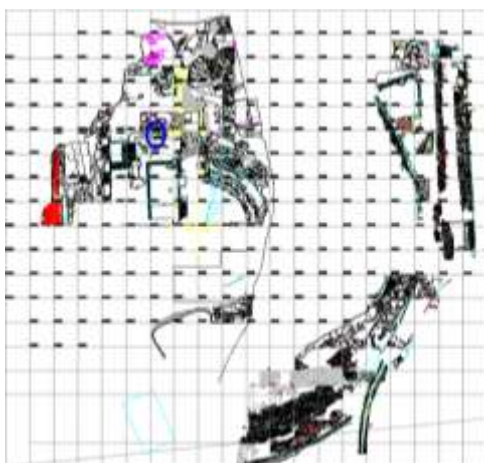
2.10 Bibliografia

Martins, M., Ribeiro, J. e Magalhães, F. (2006). A arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro romano de Bracara Augusta, *Forum*, 40, Braga, pp.9-30.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|------|--|
| | | |
| | 1659 | |
| | 1758 | |
| | 1682 | |
| | | |

Figura 375 Localização da canalização UE1758 na planta do Teatro romano do Alto da Cividade (UAUM).

1 Zona Arqueológica do Teatro do Alto da Cidade

1.1 Localização

O teatro romano do Alto da Cidade situa-se na colina do mesmo nome, a norte do edifício das termas, inserindo-se numa área protegida que é propriedade do município de Braga. O referido terreno está delimitado a norte pela Rua de S. Sebastião, a oeste pela Rua Damião de Góis e Rua Pedro Magalhães Gondavo, a este pela Rua Dr. Rocha Peixoto e a sul pelas termas do Alto da Cidade.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas na zona arqueológica do teatro do Alto da Cidade iniciaram-se em 2000, após a identificação do edifício em 1999 (Martins, 2006: 50). Para dar continuidade ao estudo desta poderosa estrutura foi desenvolvido um projeto de estudo preliminar do edifício que decorreu entre 2004 e 2007, financiado PNTA. As quatro campanhas realizadas no âmbito do projeto foram dirigidas pela Doutora Manuela Martins e pelos arqueólogos Jorge Ribeiro e Fernanda Magalhães. Nos anos de 2008 até 2011 os trabalhos arqueológicos têm sido pontuais, decorrendo no âmbito da realização dos estágios de campo dos alunos do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho, tendo os mesmos responsáveis científicos.

1.3 Identificação das estruturas

Ao longo dos trabalhos realizados até ao momento foi possível exumar as diferentes partes constitutivas de um teatro romano, tais como boa parte do muro perimetral, com contrafortes, parte da *ima cavea*, metade da orquestra e metade da *scaena*. Nas traseiras do *post scaenium* foram identificadas estruturas relacionadas com um quadripórtico, destruído pela urbanização da plataforma inferior da colina da Cidade.

1.4 Cronologias e fases

A zona arqueológica do Teatro romano do Alto da Cidade encontra-se ainda em fase de estudo. No que toca às fases e cronologias poderemos dizer que a construção do teatro está atribuída aos inícios do século II e que o seu abandono deverá ter ocorrido no século IV. A partir do século V partes do edifício foram reutilizadas com funcionalidades artesanais ou habitacionais.

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

TR06 UE810 [TR262; TR22; TR326; TR336].

2.2 Tipo

Aqueduto subterrâneo.

2.3 Descrição

Conduta de água, em bom estado de conservação, que percorre desde a parte sul da R. de S. Sebastião, atravessando toda a zona arqueológica do Teatro do Alto da Cidade até à zona arqueológica das Termas do Alto da Cidade. A mesma é composta por um lastro em *opus signinum*, paredes em *opus vittatum*, revestidas com *opus signinum* e uma cobertura com grandes blocos de granito. Esta conduta é maioritariamente subterrânea, embora em certos momentos a mesma seja sub-aérea, principalmente na zona norte do tabuleiro superior da

colina do Alto da Cidade. Apresenta uma extensão de cerca de 60 m, 1 m de largura e 1 m de altura. Esta conduta de água corresponde à canalização E das Termas.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

Os elementos do lastro são construídos em tijolo de forma retangular e auferem um revestimento em *opus signinum* com cerca de 0.10 m de espessura, muito útil na impermeabilização do próprio aqueduto. No que concerne às medidas dos elementos, que foram detetados, em 1977, no limite norte do tabuleiro superior da colina do Alto da Cidade, estes têm cerca de 0.40 m por 0.20 m de comprimento e largura respetivamente, embora hajam elementos com outros tamanhos. Parte dos elementos estão dispostos com o comprimento perpendicular às paredes do aqueduto.

2.4.2 Paredes

As paredes são realizadas em alvenaria regular do tipo *opus vitatum*, onde por vezes surgem inclusões de elementos em tijolo que podiam corresponder a momentos de reparação do próprio aqueduto (Ribeiro, 2010: 412). Nota-se um grande e especial cuidado em não verter a água do aqueduto, sendo preenchidos todos os espaços entre as fiadas de pedra com a inclusão de pequenas pedras nos orifícios e preenchidas com argamassa. No revestimento das paredes foi usado o *opus signinum* com uma espessura de cerca de 0.04 m.

2.4.3 Cobertura

A cobertura é realizada em lajes de granito irregulares, cujos elementos possuem, na maior parte das vezes, cerca de 0.80 m de comprimento, 0.40 m de largura e uma altura de cerca de 0.30 m, embora existam elementos com dimensões superiores e inferiores. Os elementos estão colocados transversalmente às paredes. Para além de haver elementos irregulares há também elementos menos regulares que parecem terem sido reaproveitados, como um fuste de pilastra localizada no setor TR336. Para colmatar os espaços entre as pedras foram usadas pequenas pedras em granito e argamassa avermelhada para as fixarem e impermeabilizarem o aqueduto subterrâneo.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

O aqueduto regista um pendor de cerca de 0.10 m numa extensão de cerca de 60 m de extensão.

2.6 Orientação

NO/SE.

2.7 Funcionalidade

Abastecimento.

2.8 Contexto

Aqueduto de abastecimento de água às termas que atravessa a plataforma superior da colina do Alto da Cidade (Ribeiro, 2010:412).

2.9 Cronologia

Inícios do século II.

2.10 Bibliografia

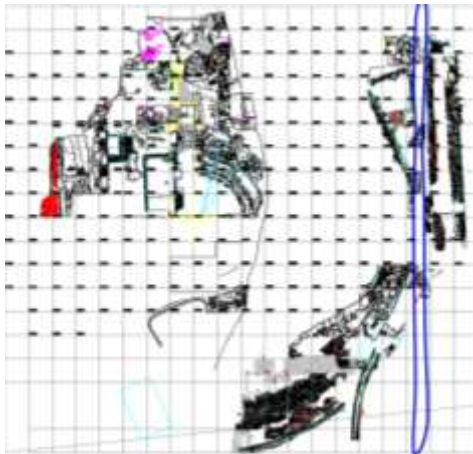
Martins, M., Ribeiro, J e Magalhães, F. (2006). A arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro romano de Bracara Augusta, *Forum*, 40, Braga, pp.9-30.

Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

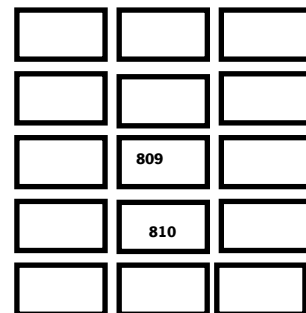


Figura 381 Localização da canalização UE810 na planta do Teatro romano do Alto da Cividade (UAUM).

3.3 Os desenhos



Plano

Secção

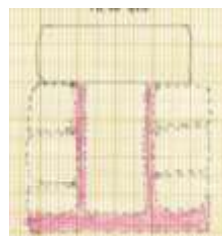
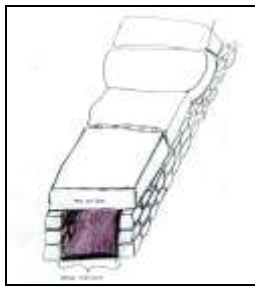


Figura 383 Secção da canalização.

Figura 382 Plano da canalização UE810 (UAUM).



Croqui

Figura 385 Croqui da canalização.

Perfil

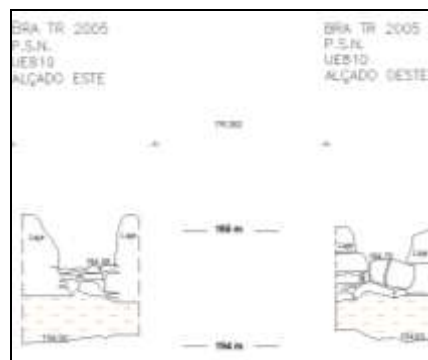


Figura 384 Alçados este e oeste do aqueduto UE810 (UAUM).

3.4 Fotografias



Figura 386 Fotografia em perspetiva geral do aqueduto (UAUM).



Figura 387 Fotografia de pormenor onde se vê o revestimento em *opus signinum* nas paredes e no lastro. (UAUM).



Figura 388 Fotografia da cobertura do aqueduto com um pormenor de revestimento em argamassa (UAUM).



Figura 389 Fotografia dos elementos da cobertura do aqueduto, onde se reutiliza a pilastra. (UAUM).

1 Zona Arqueológica do Aqueduto de Gualtar.

1.1 Localização

O aqueduto de Gualtar localiza-se no Campus de Gualtar da Universidade do Minho e parte dele encontra-se integrado no interior do edifício da Escola de Direito. Situava-se fora da cidade romana, a nordeste da mesma (Ribeiro, 2010:60).

1.2 Diretores de escavação e campanhas

As intervenções arqueológicas foram asseguradas pela Unidade de arqueologia da Universidade do Minho, decorrendo duas campanhas de emergência, uma primeira para identificar e definir a estrutura em questão, bem como enquadrá-la cronologicamente, realizada entre os dias 7 de abril até ao dia 5 de maio de 2005, cuja direção coube ao Doutor Francisco Sande Lemos, Dr. José Manuel F. Leite e aos arqueólogos Jorge Ribeiro, Cristina Braga e Fernanda Magalhães. A segunda campanha, decorreu entre 9 de outubro a 19 de dezembro de 2006, cabendo a direção dos trabalhos a Cristina Braga e a José Nuno Pacheco, sendo a orientação científica da responsabilidade do Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

As únicas ruínas identificadas correspondem na sua totalidade ao aqueduto ou aos níveis de destruição do mesmo.

1.4 Cronologias e fases

As ruínas identificadas são certamente de época romana (Braga e Pacheco, 2006: 8) e é suspeitável que sejam do Alto-império (Lemos, *et al.*, 2005: 5; Ribeiro, 2010: 61). No entanto, os materiais arqueológicos desta intervenção não forneceram dados cronológicos suficientemente claros (Ribeiro, 2010: 60).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

UM05 UE003.

2.2 Tipo

Aqueduto subterrâneo.

2.3 Descrição

Conduta de água, em bom estado de conservação, composta por parede e cobertura em pedra e lastro em tijoleira. Apresenta-nos cerca de 91.5 m de extensão, cerca de 1.90 m de largura e 1.60 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

Os elementos do lastro são construídos em tijoleira cujos elementos estão dispostos com a largura justaposta à parede, apresentando cerca 0.50 m de comprimento, por 0.30 m de largura e 0.05 m de espessura. Identificaram-se algumas marcas de oleiro no respetivo lastro do aqueduto, sendo a mais constante aquela que designamos de “*marca de peixe*” (marca nº 19, quadro III, Estampa XI da tese do Doutor Rui Morais (Morais, 2005: Estampa XL) sendo possível identificar 77 marcas de rabo de peixe, 14 marcas que se assemelham à marca nº106, quadro III, Estampa XL, 18 marcas que se assemelham à marca nº 1, quadro Ib, Estampa XL e duas marcas de pé de animal. No setor J8 surgiu uma caixa de decantação de sedimentos ou uma

piscina limaria como refere Mário Fortes (Fortes, 2008: 59) que teria como função filtrar a água e aliviar a pressão da mesma.

2.4.2 Paredes

As paredes são realizadas em alvenaria regular tipo *opus vittatum*, com cerca de 1.20 m de altura de parede e cujos elementos maiores aduzem cerca de 0.40 m de comprimento por 0.30 m de largura e 0.20 m de altura. Os mais pequenos revelam cerca de 0.20 m de comprimento por 0.20 m de largura e 0.20 m de altura. No alçado norte, destacam-se umas marcas em forma de cruz cuja explicação avançada por Cristina Braga e José Pacheco é a de que “*poderiam referenciar os blocos de travamento, quiçá para futuras reparações de conduta, ou tão-somente para distingui-los em estaleiro dos restantes elementos*” (Braga e Pacheco, 2006:6). Outro elemento tem a representação de um traço na vertical, cujo significado desconhecemos.

2.4.3 Cobertura

A cobertura é realizada em lajes de granito com formatos bastante diversificados, cujos elementos variam entre as menores lajes de 0.80 m por 0.35 m de comprimento e largura, respetivamente, por 0.25 m de espessura e as maiores de 1.40 m de comprimento, por 0.70 m de largura e 0.40 m de espessura.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Em cerca de 90 m o aqueduto regista um pendor ligeiro de cerca de 0.07 m.

2.6 Orientação

NE/SO.

2.7 Funcionalidade

Abastecimento.

2.8 Contexto

Aqueduto de abastecimento de água, que deveria abastecer a cidade de *Bracara Augusta* (Braga e Pacheco, 2006: 8).

2.9 Cronologia

Século II a III.

2.10 Bibliografia

- Braga, C. V. B. e J. N. Pacheco (2007). *Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados no Campus de Gualtar da Universidade do Minho*. Relatório do ano de 2006. UAUM, Braga (Relatório policopiado).
- Fortes, M. (2008). *A xestión da auga na paisaxe romana do occidente peninsular*. Tese de Doutoramento (policopiada). Faculdade de xeografía e Historia da Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Martins, M e Ribeiro, M^a (2012). Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*. Uma abordagem preliminar, In Martins, M., Freitas, I e Valivieso, I. (coord.), *Caminhos da água*, Ed. CITCEM, Braga, pp. 9- 52.

Lemos, F.S., Leite, J., Ribeiro, J., Braga, C. Magalhães, F. (2005). *Trabalhos arqueológicos realizados no campus de Gualtar da Universidade do Minho em 2005*. Relatório preliminar. UAUM, Braga (Relatório policopiado).

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização

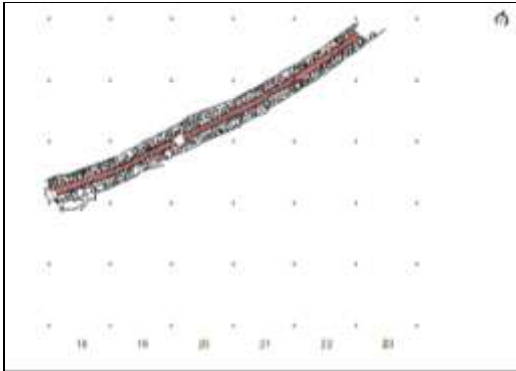


Figura 390 Localização do aqueduto de Gualtar UE003 (UAUM).

3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|------|--|
| | | |
| | 0010 | |
| | 0003 | |
| | 0011 | |
| | R | |

3.3 Os desenhos

Plano

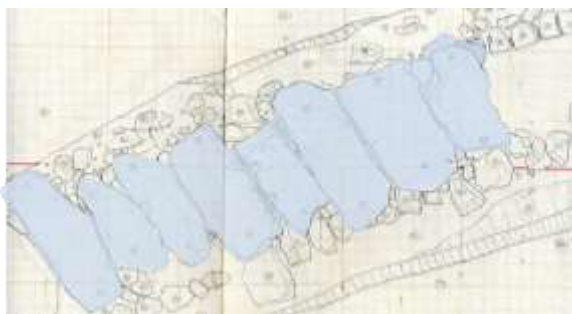


Figura 391 Vista de plano da cobertura do aqueduto UE003 (UAUM).



Figura 393 Vista de plano de tijoleiras com marcas (UAUM).

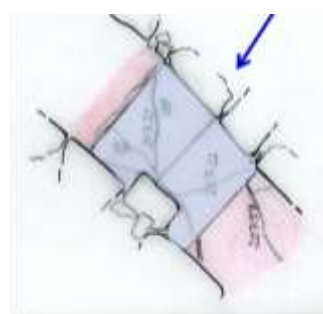


Figura 394 Vista de plano da caixa de decantação de sedimentos do aqueduto UE003 (UAUM).

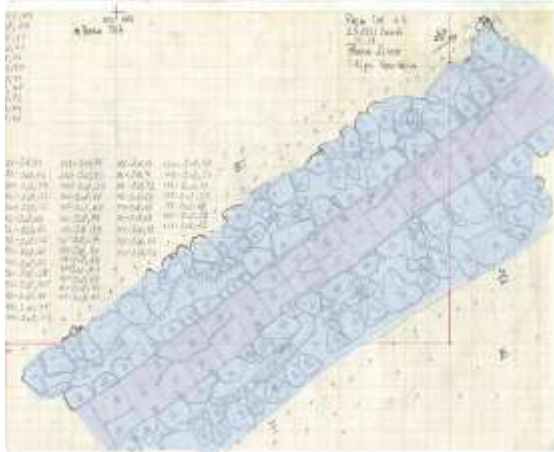
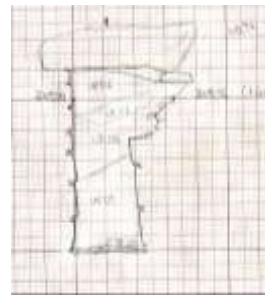


Figura 392 Vista de plano do lastro do aqueduto UE003 (UAUM).



Secção

Figura 395 Secção do aqueduto (UAUM).

Perfil



Figura 396 Alçado norte do aqueduto de Gualtar UE0003 (UAUM).

Croqui



Figura 397 Croqui do aqueduto UE0003.

3.4 Fotografias



Figura 398 Fotografia em panorâmica do aqueduto de Gualtar UE0003 (UAUM).



Figura 399 Fotografia do aqueduto de Gualtar UE0003 (UAUM).



Figura 400 Fotografia da cobertura do aqueduto de Gualtar UE0003. (UAUM).



Figura 401 Fotografia da caixa de decantação de sedimentos do aqueduto de Gualtar UE0003. (UAUM).



Figura 402 Fotografia de uma das marcas de "rabo de peixe" existente em alguns elementos do lastro do aqueduto. (UAUM).

1 Zona Arqueológica da Fonte do Ídolo.

1.1 Localização

A zona arqueológica da Fonte do Ídolo localiza-se atualmente na Rua do Raio, muito perto da Avenida da Liberdade. Se nos situarmos na malha urbana romana a respetiva fonte ficaria fora do perímetro urbano de *Bracara Augusta*, mais propriamente a oeste da mesma. A Fonte do Ídolo encontra-se limitada a norte pela necrópole da Via XVII e por troço da referida via que cruza o quarteirão dos antigos CTT, atual *Liberdade Street Fashion*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A Fonte do Ídolo foi classificada como Monumento Nacional em 1910, sendo adquirida em 1936 pela CM de Braga, passando, um ano depois, para a posse do Património do Estado (Garrido Elena *et al.*, 2008:1). Em 1937, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) delineou o primeiro projeto de delimitação e valorização da Fonte do Ídolo, que implicou a remoção de terras, realizada sem quaisquer preocupações de registo arqueológico, tendo então sido descoberta uma ara dedicada à deusa *Nabia* e recolhidos alguns materiais nos desaterros efetuados. (Garrido Elena *et al.*, 2008:8). As primeiras intervenções arqueológicas tiveram lugar na década de 80, com a abertura de algumas sondagens arqueológicas no local, em 1982, cuja direção coube ao Doutor Francisco Sande Lemos da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Em 1994, realizaram-se trabalhos arqueológicos a oeste da referida fonte, sob responsabilidade do Dr. Armandino Cunha do Gabinete de Arqueologia da C.M. de Braga. Nos finais de 1995 e inícios de 1996 a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho realizou escavações programadas na zona envolvente do santuário, mais propriamente a oeste e a sul do monumento, que revelou a continuidade do afloramento granítico, dirigidas pelo Doutor Francisco Sande Lemos. Mais tarde, o Gabinete de Arqueologia da C.M. de Braga, com a direção de Armandino Cunha, realizou dois acompanhamentos, um primeiro a norte da sede da APPCDM e um outro no acesso à fonte que permitiram observar a continuidade do substrato rochoso quase à superfície. Nas últimas décadas do século XX a Fonte do Ídolo sofreu uma enorme degradação que afetou as esculturas e inscrições, devido por um lado à má drenagem da água da fonte provocada pela construção do centro comercial dos Granjinhos e respetivo parque de estacionamento, bem como ao facto do monumento se encontrar sem cobertura (Garrido Elena *et al.*, 2008:11). Entre 2002 e 2003, a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho realizou, em simultâneo com as obras de musealização, uma série de trabalhos arqueológicos, cuja direção coube a Francisco Sande Lemos, que num primeiro momento se traduziram no acompanhamento da construção das infraestruturas do espaço interpretativo da fonte e, num segundo momento, na realização de sondagens a norte e sudoeste da fonte. Finalmente, num terceiro momento, foram efetuadas escavações na área situada a sul da fachada da fonte.

1.3 Identificação das estruturas

Para além dos recortes na rocha onde se talharam as esculturas e se gravaram as inscrições parece possível admitir que a rocha também foi usada para encaixar uma série de silhares perfeitamente alinhados (Garrido Elena, 2008: 46) que enquadraria a fachada da fonte num paredão. Durante os trabalhos arqueológicos de 2002 e 2003 foi identificada uma canalização e três muros que poderão pertencer à época romana, que poderiam corresponder às paredes de um tanque se erguia a sul da fachada da fonte. No decurso dos referidos trabalhos foram assinalados vestígios de um pavimento antigo que poderia ser considerado como um possível acesso à Fonte do Ídolo, datável da Antiguidade Tardia (Garrido Elena, 2008:13).

1.4 Cronologias e fases

Reconhece-se para a Fonte do Ídolo um lugar de culto de tradição indígena (Lemos, 2008: 210) que seria um santuário dedicado à deusa *Nabia*, sendo transformado em época romana num monumento romano custeado por um imigrante chamado *Celicus Fronto*, que mandou esculpir figuras e gravar inscrições, num momento precoce da vida da cidade de *Bracara Augusta* (Garrido Elena, 2008:52; Martins, 2008:192). Mais tarde, talvez na época flávia, os descendentes de *Celicus Fronto*, construíram, citando Garrido Elena, um tanque, em frente da fonte, que seria alimentado pela água sagrada que brotava do afloramento (Garrido Elena, 2008:52) e poderia levar a água através de uma canalização até a um provável balneário construído a sul (Garrido Elena, 2008:53).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

FI03 UE003. [B;C; E]

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, razoavelmente bem conservada, composta por paredes em pedra e cobertura em lajes de pedra. Apresenta cerca de 2.60 m de comprimento, 1 m de largura e 0.40 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

Os elementos do lastro não se preservaram, ou seriam o próprio afloramento rochoso.

2.4.2 Paredes

As paredes são compostas por duas ou três fiadas de pedras irregulares e razoavelmente bem faceadas no lado interno. Os elementos têm cerca de 0.30 m por 0.20 m de comprimento e largura respetivamente e cerca de 0.10 m a 0.20 m de altura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura foi realizada com lajes de granito, das quais se descobriram três, com dimensões de cerca de 0.60 m de comprimento, por 0.40 m de largura.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Tem um pendor de cerca de 0.05 m para sudoeste em cada metro de extensão.

2.6 Orientação

NE/SO.

2.7 Funcionalidade

Drenagem e abastecimento.

2.8 Contexto

A canalização reporta-se, provavelmente, à fase flaviana, quando os descendentes de *Cellicus Fronto*, renovaram a fonte. Drenando a água do tanque que terá sido construído em frente à fonte a conduta poderia também abastecer um estabelecimento com possíveis funções termiais que existiria na zona dos Granjinhos (Garrido Elena, 2008:53).

2.9 Cronologia

Século I

2.10 Bibliografia

Garrido Elena, A., Mar, R., Martins, M. (2008). A Fonte do Ídolo. Análise, interpretação e reconstituição do santuário. In Martins, M (coord.). *Bracara Augusta* Escavações Arqueológicas, 4, UAUM/CMB/ICAC, Braga.

Lemos, F.S., (2008). Antes de Bracara Augusta, in *Revista Forum*, 42-43, Braga, pp 203-239

Martins, M., (2008). Bracara Augusta. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo, in *Actas do curso de Verão "Proto-história e Romanização do NO Peninsular"*, Lugo, pp.181-211.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|------|--|
| | | |
| | 004 | |
| | 0003 | |
| | 008 | |
| | | |

Figura 403 Localização da canalização segundo a planta de Ana Garrido Elena (Garrido Elena, 2008:42) (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 404 Plano da canalização UE003 (UAUM).

Secção

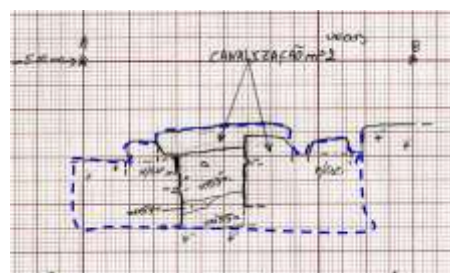


Figura 405 Secção da canalização UE0003 (UAUM).

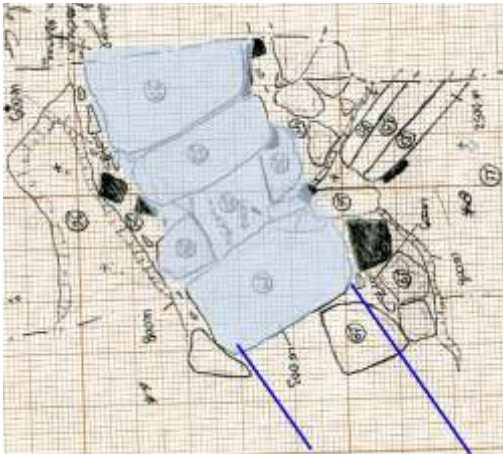


Figura 406 Plano da cobertura da canalização UE0003 (UAUM).

Croqui

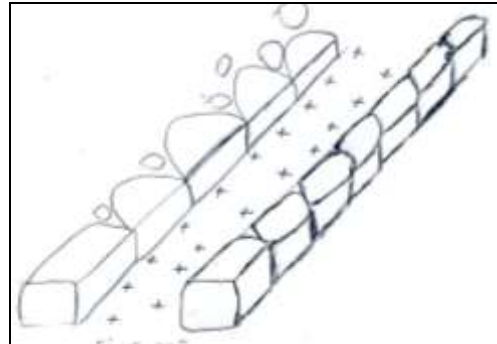


Figura 407 Croqui da canalização UE0003.

3.4 Fotografias



Figura 408 Fotografia da canalização UE0003 (UAUM).



Figura 409 Modelo 3D da Fonte do Ídolo apresentada pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, onde se vê a canalização UE0003 no lado esquerdo da ilustração (Clara Rodrigues, UAUM).

1 Zona Arqueológica da Fonte do Ídolo.

1.1 Localização

A zona arqueológica da Fonte do Ídolo localiza-se atualmente na Rua do Raio, muito perto da Avenida da Liberdade. Se nos situarmos na malha urbana romana a respetiva fonte ficaria fora do perímetro urbano de *Bracara Augusta*, mais propriamente a oeste da mesma. A Fonte do Ídolo encontra-se limitada a norte pela necrópole da Via XVII e por troço da referida via que cruza o quarteirão dos antigos CTT, atual Liberdade *Street Fashion*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A Fonte do Ídolo foi classificada como Monumento Nacional em 1910, sendo adquirida em 1936 pela CM de Braga, passando, um ano depois, para a posse do Património do Estado (Garrido Elena *et al.*, 2008:1). Em 1937, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) delineou o primeiro projeto de delimitação e valorização da Fonte do Ídolo, que implicou a remoção de terras, realizada sem quaisquer preocupações de registo arqueológico, tendo então sido descoberta uma ara dedicada à deusa Nabia e recolhidos alguns materiais nos desaterros efetuados. (Garrido Elena *et al.*, 2008:8). As primeiras intervenções arqueológicas tiveram lugar na década de 80, com a abertura de algumas sondagens arqueológicas no local, em 1982, cuja direção coube ao Doutor Francisco Sande Lemos da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Em 1994, realizaram-se trabalhos arqueológicos a oeste da referida fonte, sob responsabilidade do Dr. Armandino Cunha do Gabinete de Arqueologia da C.M. de Braga. Nos finais de 1995 e inícios de 1996 a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho realizou escavações programadas na zona envolvente do santuário, mais propriamente a oeste e a sul do monumento, que revelou a continuidade do afloramento granítico, dirigidas pelo Doutor Francisco Sande Lemos. Mais tarde, o Gabinete de Arqueologia da C.M. de Braga, com a direção de Armandino Cunha, realizou dois acompanhamentos, um primeiro a norte da sede da APPCDM e um outro no acesso à fonte que permitiram observar a continuidade do substrato rochoso quase à superfície. Nas últimas décadas do século XX a Fonte do Ídolo sofreu uma enorme degradação que afetou as esculturas e inscrições, devido por um lado à má drenagem da água da fonte provocada pela construção do centro comercial dos Granjinhos e respetivo parque de estacionamento, bem como ao facto do monumento se encontrar sem cobertura (Garrido Elena *et al.*, 2008:11). Entre 2002 e 2003, a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho realizou, em simultâneo com as obras de musealização, uma série de trabalhos arqueológicos, cuja direção coube a Francisco Sande Lemos, que num primeiro momento se traduziram no acompanhamento da construção das infraestruturas do espaço interpretativo da fonte e, num segundo momento, na realização de sondagens a norte e sudoeste da fonte. Finalmente, num terceiro momento, foram efetuadas escavações na área situada a sul da fachada da fonte.

1.3 Identificação das estruturas

Para além dos recortes na rocha onde se talharam as esculturas e se gravaram as inscrições parece possível admitir que a rocha também foi usada para encaixar uma série de silhares perfeitamente alinhados (Garrido Elena, 2008: 46) que enquadraria a fachada da fonte num paredão. Durante os trabalhos arqueológicos de 2002 e 2003 foi identificada uma canalização e três muros que poderão pertencer à época romana, que poderiam corresponder às paredes de um tanque se erguia a sul da fachada da fonte. No decurso dos referidos trabalhos foram assinalados vestígios de um pavimento antigo que poderia ser considerado como um possível acesso à Fonte do Ídolo, datável da Antiguidade Tardia (Garrido Elena, 2008:13).

1.4 Cronologias e fases

Reconhece-se para a Fonte do Ídolo um lugar de culto de tradição indígena (Lemos, 2008: 210) que seria um santuário dedicado à deusa *Nabia*, sendo transformado em época romana num monumento romano custeado por um imigrante chamado *Celicus Fronto*, que mandou esculpir figuras e gravar inscrições, num momento precoce da vida da cidade de *Bracara Augusta* (Garrido Elena, 2008:52; Martins, 2008:192). Mais tarde, talvez na época flávia, os descendentes de *Celicus Fronto*, construíram, citando Garrido Elena, um tanque, em frente da fonte, que seria alimentado pela água sagrada que brotava do afloramento (Garrido Elena, 2008:52) e poderia levar a água através de uma canalização até a um provável balneário construído a sul (Garrido Elena, 2008:53).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

FI03 UE052. [C]

2.2 Tipo

Canalização em forma de U.

2.3 Descrição

Canalização em forma de U, muito destruída, conservando-nos uma parte de um módulo. Apresenta uma extensão de 0.50 m por 0.20 m de largura e cerca de 0.16 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

2.4.2 Paredes

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

No único módulo detetado, que não estava totalmente conservado, teria cerca de 0.50 m de comprimento, por 0.20 m de largura e cerca de 0.16 m de altura. A sua largura interna seria de cerca de 0.08 m, com uma espessura de parede e de base de cerca de 0.06 m e de 0.06 m de altura interna.

2.5 Pendor

Não é possível saber o seu pendor.

2.6 Orientação

NO/SE.

2.7 Funcionalidade

Abastecimento (?).

2.8 Contexto

Provavelmente, a canalização remete-nos para a época dos Flávios e a mesma poderia abastecer o balneário localizado a sul da fonte. (Garrido Elena, 2008:53).

2.9 Cronologia

Século I

2.10 Bibliografia

Garrido Elena, A., Mar, R., Martins, M. (2008). A Fonte do Ídolo. Análise, interpretação e reconstituição do santuário. In Martins, M (coord.). *Bracara Augusta Escavações Arqueológicas*, 4, UAUM/CMB/ICAC, Braga.

Lemos, F.S., (2008). Antes de Bracara Augusta, in *Revista Forum*, 42-43, Braga, pp 203-239

Martins, M., (2008). Bracara Augusta. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo, in Actas do curso de Verão “*Proto-história e Romanização do NO Peninsular*”, Lugo, pp.181-211.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|------|--|
| | | |
| | 006 | |
| | 0052 | |
| | 0035 | |
| | | |

Figura 410 Localização da canalização segundo a planta de Ana Garrido Elena (Garrido Elena, 2008:42) (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano

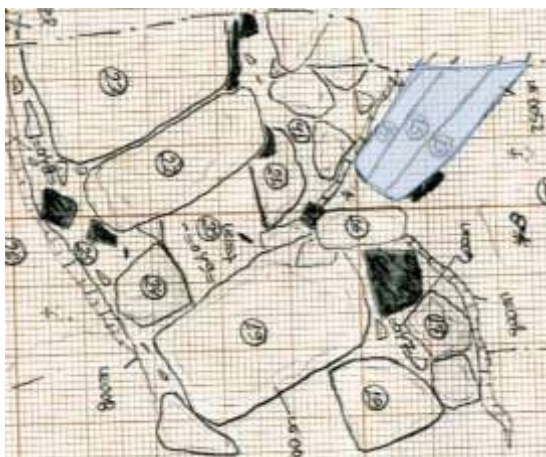


Figura 411 Plano da canalização UE0052 (UAUM).

Secção

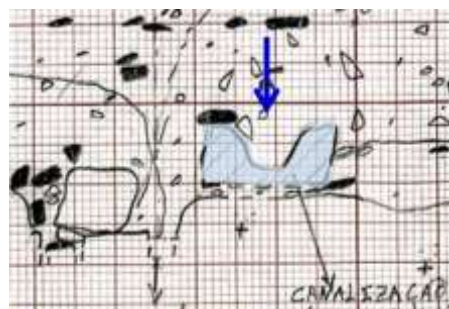


Figura 412 Secção da canalização UE0052 (UAUM).



Figura 413 Croqui da canalização UE0052.

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL02 UE2365 [Sondagem 13].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em mau estado de conservação. Composta por um lastro em tijoleira e paredes em pedra. Apresenta cerca de 1 m de comprimento e 0.80 m de largura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro desta canalização foi realizado com tijoleiras, muito fragmentadas com cerca de 0.40 m de comprimento por 0.25 m de largura. Sobre estes elementos assenta a parede da canalização.

2.4.2 Paredes

As paredes foram edificadas com várias fiadas de granito, que por sua vez assentavam no respetivo lastro da canalização, possuindo uma forma quadrangular e a face interior muito bem trabalhada. As dimensões dos blocos balizam-se entre os 0.40/0.30 m de comprimento por 0.20 m de largura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se conservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível saber o pendor.

2.6 Orientação

S/N ou N/S.

2.7 Funcionalidade

Drenagem (?).

2.8 Contexto

A presente canalização está associada à habitação a este da *domus* do poço.

2.9 Cronologia

Desconhecida

2.10 Bibliografia

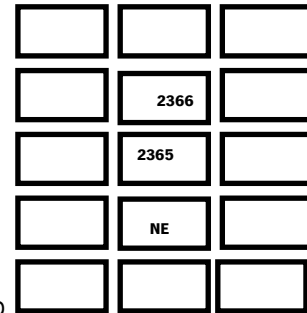
- Delgado, M. & Gaspar, A. (1986) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.
- Delgado, M. & Martins, M. (1988) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico



N.E.= não escavado

Figura 414 Localização da canalização UE2365 na planta da zona arqueológica das cavalariças (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano

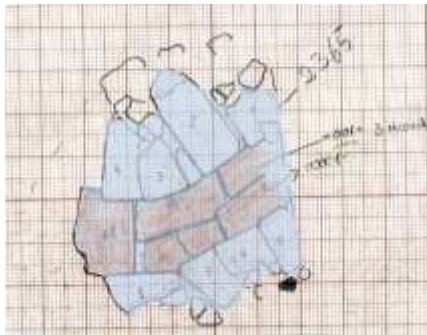


Figura 415 Plano da canalização UE2365 (UAUM).

Secção



Figura 416 Secção da canalização UE2365 (UAUM).

Croqui

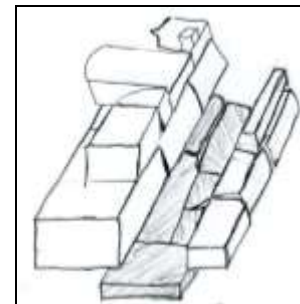


Figura 417 Croqui da canalização UE2365

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2 Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL88 UE1036; UE1005; UE1004 [Sond 55; Sond80].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, bem preservada. Conserva elementos do lastro em tijoleira tipo *lydion* (UE1004) e paredes em pedra (UEs1036 e UE1005).

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é composto por tijoleiras de tipo *lydion*, com cerca de 0.45 m de comprimento por 0,30 m e largura e 0,06 m de espessura.

2.4.2 Paredes

As paredes são compostas por pedras cujo lado interno está muito bem afeiçãoado, possuindo cerca de 0,24 m de comprimento e largura e cerca de 0,20 m de altura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Pende para sul cerca de 0.16 m, numa extensão conservada de cerca de 4.40 m de extensão.

2.6 Orientação

N/S.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

Ainda não sabemos a que fase corresponderia esta estrutura que poderia estar associada às estruturas (jardins) que se encontram na *insula* da casa do poço, localizada a nordeste.

2.9 Cronologia

Não possuímos elementos que permitam datar a estrutura.

2.10 Bibliografia

- Delgado, M. & Gaspar, A. (1986) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavalições do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.
- Delgado, M. & Martins, M. (1988) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavalições do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3 Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|------|--|
| | | |
| | 1008 | |
| | 1004 | |
| | 1071 | |
| | | |

Figura 418 Localização da canalização UE1004 na planta da zona arqueológica das Cavalariças (UAUM).

3.3 Os desenhos



Plano

Figura 419 Plano da canalização UE1004 (UAUM).

Perfil



Figura 421 Alçado da canalização UE1004 (UAUM).

Secção

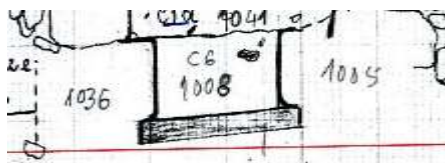


Figura 420 Secção da canalização UE1004 (lastro); UE1036 (parede esquerda); UE1005 (parede direita) e UE1008 (enchimento) (UAUM).

Croqui

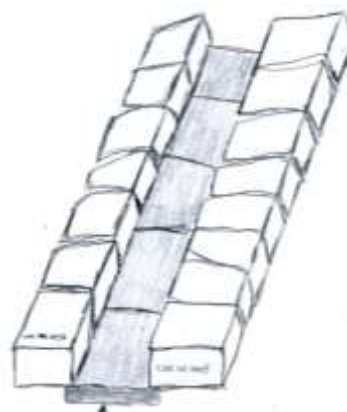


Figura 422 Croqui da canalização UE1004.

3.4 Fotografia



Figura 423 Fotografia da canalização UE1004 (lastro), UE1036 (parede oeste) e UE1005 (parede este).

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL88 UE1011 [Sond 55; Sond80].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, muito destruída, da qual se conserva apenas três elementos do lastro e um elemento em pedra que poderia, eventualmente, pertencer à parede este da canalização. Apresenta cerca de 0.80 m de comprimento, por 0.50 m de largura e cerca de 0.24 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é de tijoleiras de tipo *lydion*, com dimensões de cerca de 0.45 m de comprimento, por 0.30 m de largura e cerca de 0.08 m de espessura.

2.4.2 Paredes

As paredes conservam um único elemento em pedra que não foi totalmente escavado. Poderia eventualmente ter cerca de 0.20 m de comprimento e largura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Nesta estrutura não é possível determinar o seu pendor.

2.6 Orientação

N/S (?)

2.7 Funcionalidade

Drenagem (?).

2.8 Contexto

Não existem presentemente elementos que permitam contextualizar a estrutura.

2.9 Cronologia

Não dispomos de elementos que permitam datar a canalização.

2.10 Bibliografia

- Delgado, M. & Gaspar, A. (1986) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.
- Delgado, M. & Martins, M. (1988) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitetura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização

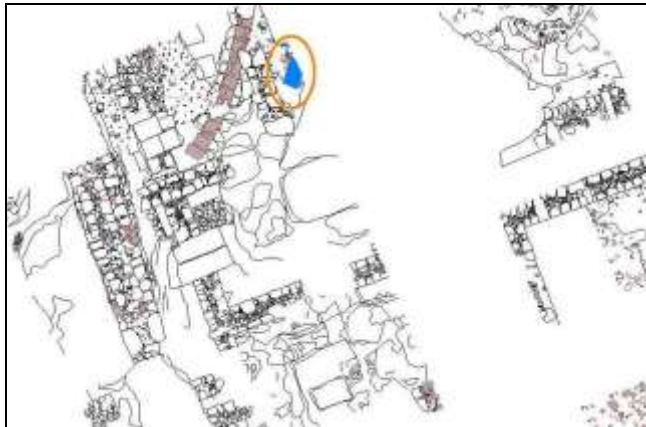


Figura 424 Localização da canalização UE1011.na planta da zona arqueológica das Cavalariças (JAUM).

3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|------|--|
| | | |
| | 1178 | |
| | 1011 | |
| | 1012 | |
| | | |

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 425 Plano da canalização UE00 (JAUM).

Perfil

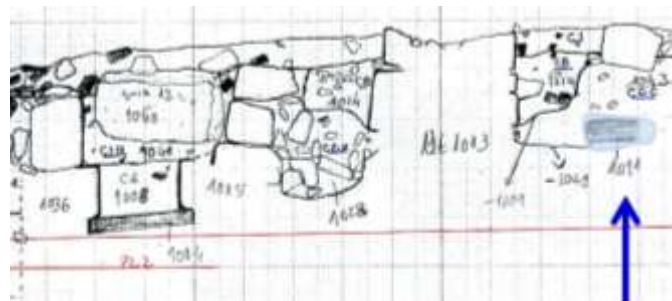


Figura 427 Perfil da canalização UE1011 (JAUM).

Secção

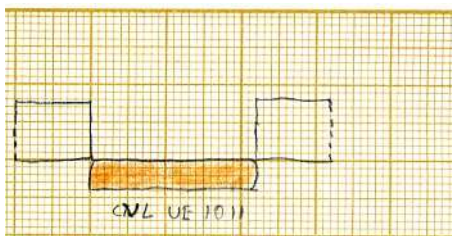


Figura 426 Secção da canalização UE1011.

Croqui



Figura 428 Croqui da canalização UE1011

3.4 Fotografia



Figura 429 Fotografia da canalização UE1011 (MDDS).

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL02 UE? [Sond C].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, muito destruída, conserva apenas um elemento do lastro em tijoleira, alguns elementos da parede em pedra. Apresenta cerca de 2.60 m de comprimento, por 0.80 m de largura. Detém uma largura interna de cerca de 0.40 m.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é realizado em tijoleiras, cujas medidas não podemos avaliar corretamente.

2.4.2 Paredes

As paredes são realizadas em pedra e fazem uma ligeira curvatura no sentido de norte para sudoeste. Os elementos apresentam dimensões variadas, sendo as mais comuns aquelas que se situam entre os 0.20 m por 0.20 m de comprimento e largura e os 0.19 m de altura. As paredes parecem assentarem no próprio lastro.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível determinar o pendor.

2.6 Orientação

N/SO(?).

2.7 Funcionalidade

Inconclusiva.

2.8 Contexto

A presente canalização situa-se a este da *domus* do poço, não nos sendo possível determinar qual a sua real funcionalidade, nem estabelecer um contexto claro.

2.9 Cronologia

?

2.10 Bibliografia

- Delgado, M. & Gaspar, A. (1986) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.
- Delgado, M. & Martins, M. (1988) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização

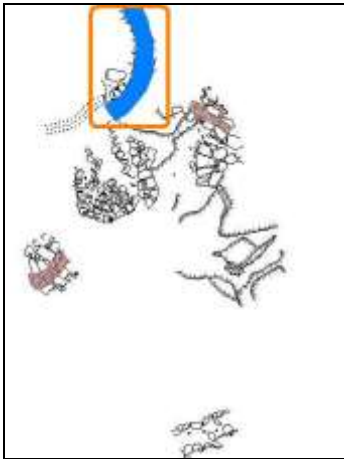


Figura 430 Localização da canalização da Sondagem C na planta da zona arqueológica das Cavalariças (UAUM).

Croqui

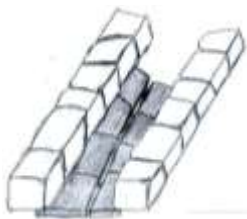


Figura 432 Croqui da canalização

3.2 Os desenhos

Secção

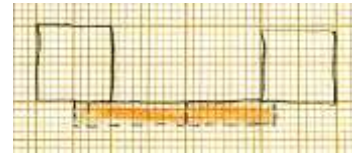


Figura 431 Secção da canalização da sondagem C (UAUM).

Plano

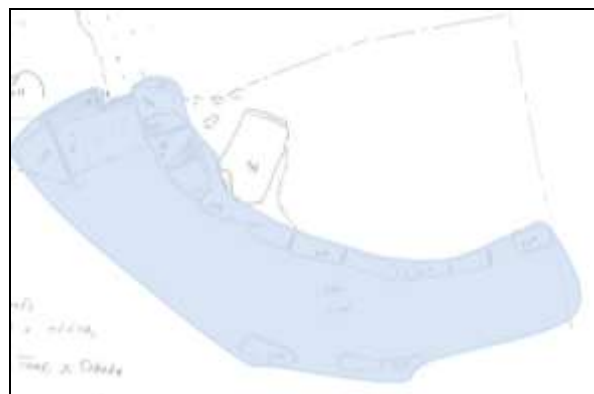


Figura 433 Plano da canalização da Sondagem C (UAUM)..

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL91 Canalização 1 [Sond. 110].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, pouco destruída, conservando elementos do lastro em tijoleira e elementos da parede em granito. Apresenta cerca de 2 m de extensão, 0.80 m de largura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é composto por tijoleiras do tipo *pedale*, com 0.30 m por 0.30 m de comprimento e largura.

2.4.2 Paredes

As paredes são em pedra e encontram-se bem faceadas do lado interno, possuindo cada elemento cerca de 0.30 m de comprimento por 0.20 m de largura, tendo a parede noroeste a particularidade de assentar diretamente no lastro.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Embora a estrutura seja muito reduzida em tamanho, a mesma descai cerca de 0.03 m em direção a sudoeste.

2.6 Orientação

NE/SO.

2.7 Funcionalidade

Inconclusivo.

2.8 Contexto

A presente canalização situa-se a sul da *domus* do poço, não nos sendo possível determinar qual a sua real funcionalidade, nem estabelecer um claro contexto construtivo.

2.9 Cronologia

De momento não existem elementos que permitam datar a estrutura.

2.10 Bibliografia

- Delgado, M. & Gaspar, A. (1986) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaliças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.
- Delgado, M. & Martins, M. (1988) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaliças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização

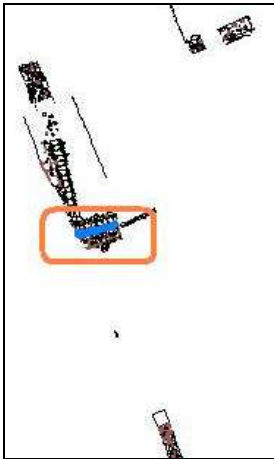


Figura 434 Localização da canalização 1 (Sondagem 110) na planta da zona arqueológica das Cavalariças (UAUM).

3.2 Os desenhos

Plano



Figura 435 Plano da canalização 1 (UAUM).

Croqui

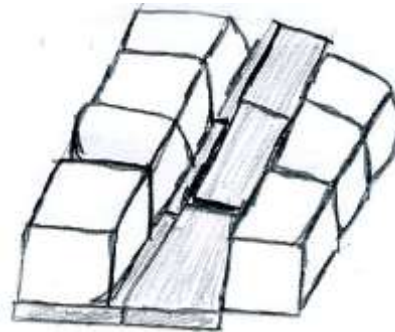


Figura 437 Croqui da canalização 1.

Secção

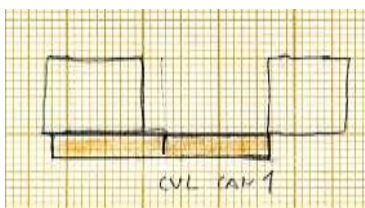


Figura 436 Secção da canalização 1

3.3 Fotografia



Figura 438 Fotografia da canalização 1 (MDDS).

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL91 Canalização 2 [Sond. 110].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em razoável estado de conservação, preservando elementos do lastro em pedra e elementos das paredes em pedra. Apresenta cerca de 3,70 m de extensão, 0,60 m de largura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro foi executado com pedras, com elementos de diferentes tamanhos, sendo os mais frequentes aqueles que têm dimensões de cerca de 0,30 m por 0,20 m, embora hajam outros de menores e de maiores tamanhos.

2.4.2 Paredes

As paredes são em pedra e os blocos encontram-se bem faceados do lado interno, possuindo os elementos melhores preservados cerca de 0,20m de comprimento por 0,30 m de largura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Numa extensão conservada de 3,70 m de comprimento a canalização descai cerca de 0,04 em direção a sudeste.

2.6 Orientação

NO/SE.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

A presente canalização situa-se a sudeste da *domus* do poço, não nos sendo possível determinar o seu contexto construtivo.

2.9 Cronologia

De momento não existem elementos que permitam datar a estrutura.

2.10 Bibliografia

- Delgado, M. & Gaspar, A. (1986) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaliarias do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.
- Delgado, M. & Martins, M. (1988) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaliarias do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização

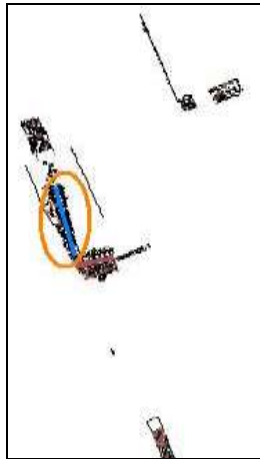


Figura 439 Localização da canalização 2 (Sondagem 110) na planta da zona arqueológica das Cavalariças (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 440 Plano da canalização 2 (UAUM).

Secção

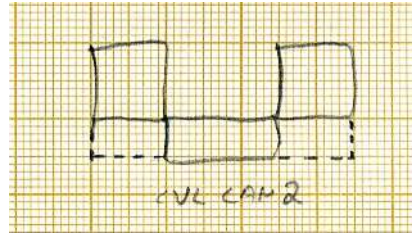


Figura 441 Secção da canalização 2 (UAUM).

Croqui

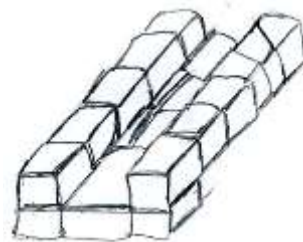


Figura 442 Croqui da canalização 2.

3.4 Fotografia

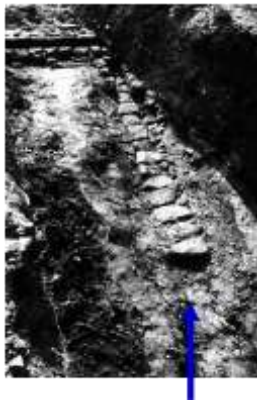


Figura 443 Fotografia da canalização 2 (UAUM).

1. Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL86 UE0079; UE0078; [Sond. F14A; F14E; G14; G14A; G14B e Sondagem 25].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em mau estado de conservação, preservando alguns elementos da parede em pedra. Apresenta cerca de 6 m de extensão, 0.80 m de largura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro não se preservou.

2.4.2 Paredes

As paredes foram construídas com blocos de pedra bem faceados do lado interno, de formato maioritariamente retangular, apresentando cerca de 0.18 m de comprimento, por 0.30 m de largura e cerca de 0.24 m de altura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Inconclusivo.

2.6 Orientação

E/O.

2.7 Funcionalidade

Inconclusiva.

2.8 Contexto

A presente canalização está associada à *domus* do poço, correndo paralela ao muro identificado com a UE059.

2.9 Cronologia

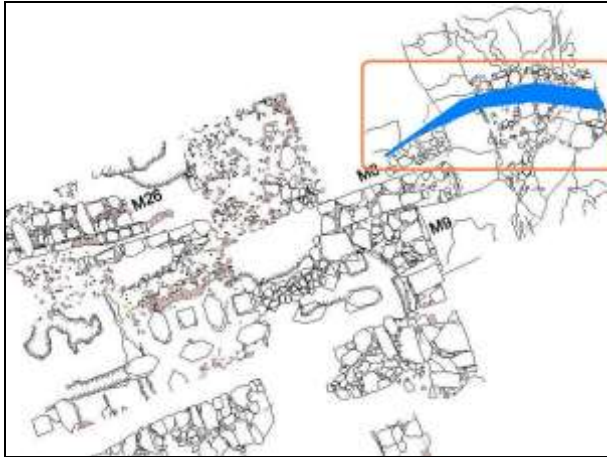
De momento não existem elementos que permitam datar a estrutura.

2.10 Bibliografia

- Delgado, M. & Gaspar, A. (1986) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavalições do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.
- Delgado, M. & Martins, M. (1988) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavalições do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitetura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

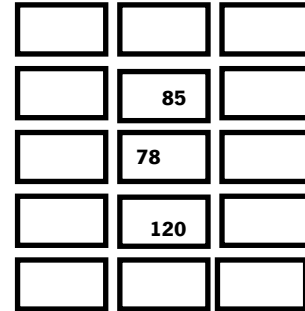


Figura 444 Localização da canalização UE0078 e UE0079 na planta da zona arqueológica das Cavalariças (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano

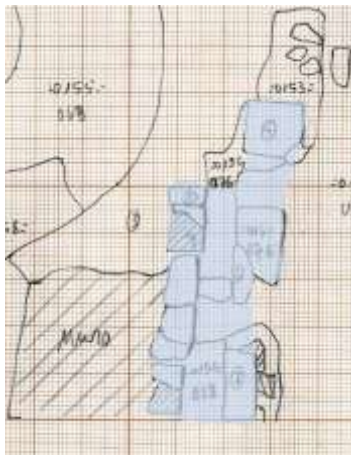


Figura 445 Plano da canalização UE0078; UE0079 (UAUM).

Perfil

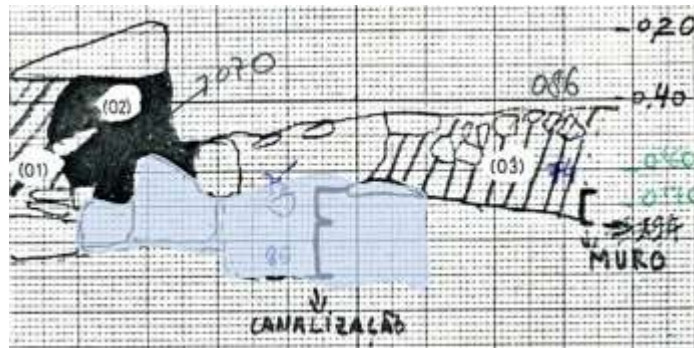


Figura 447 Perfil da canalização UE78; UE79 (UAUM).

Secção

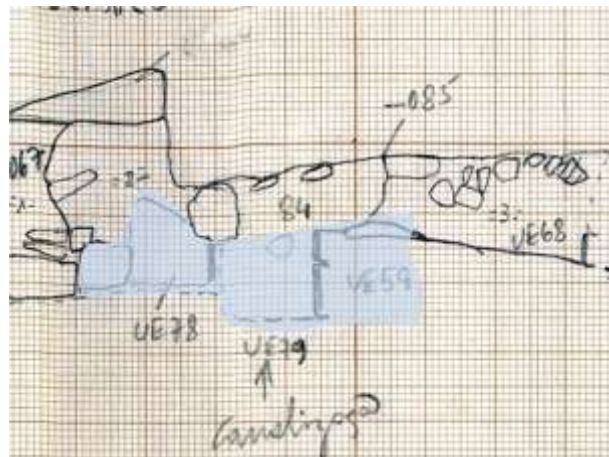


Figura 448 Secção da canalização UE78; UE79 (UAUM).

Croqui

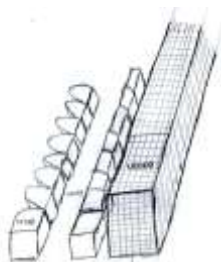


Figura 446 Croqui da canalização UE0078; UE0079.

3.4 Fotografia

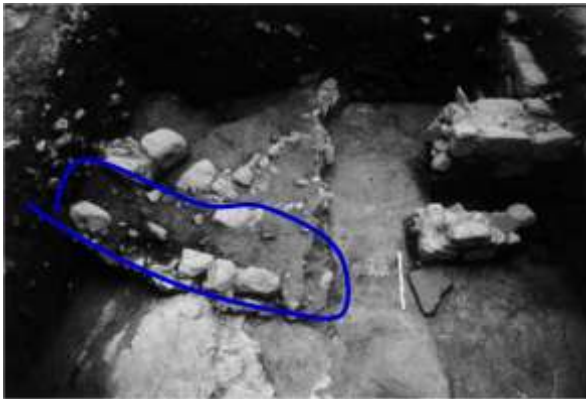


Figura 449 Pormenor da canalização UE078 e UE079.

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL96 UE0031 [Sondagem 76 e 77].

2.2 Tipo

Canalização em caixa

2.3 Descrição

Canalização em caixa, conservando elementos do lastro em tijoleira e da parede em tijolo. Apresenta cerca de 0.60 m de extensão conservada, cerca de 0.60 m de largura e cerca de 0.20 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é composto de tijoleiras com dimensões de 0.45 m por 0.30 m de comprimento e largura respetivamente, ou seja, do tipo *lydion*. Sobre o lastro assentam as paredes realizadas em tijolo.

2.4.2 Paredes

As paredes são realizadas com tijolos com cerca de 0.30 m de comprimento por 0.14 m e largura e cerca de 0.13 m de altura. Os elementos da parede estão assentes no próprio lastro.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Inconclusiva.

2.6 Orientação

O/E ou E/O.

2.7 Funcionalidade

Inconclusiva.

2.8 Contexto

A presente canalização está associada à *domus* do poço e deveria correr paralela ao muro identificado com a UE027.

2.9 Cronologia

De momento não é possível datar a estrutura.

2.10 Bibliografia

- Delgado, M. & Gaspar, A. (1986) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.
- Delgado, M. & Martins, M. (1988) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização

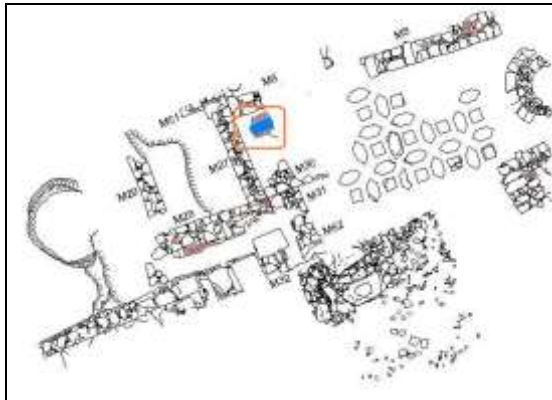


Figura 450 Localização da canalização UE0031 na planta da zona arqueológica das cavalariças (UAUM).

3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|----|--|
| | | |
| | 63 | |
| | 31 | |
| | 92 | |
| | R | |

3.3 Os desenhos

Plano

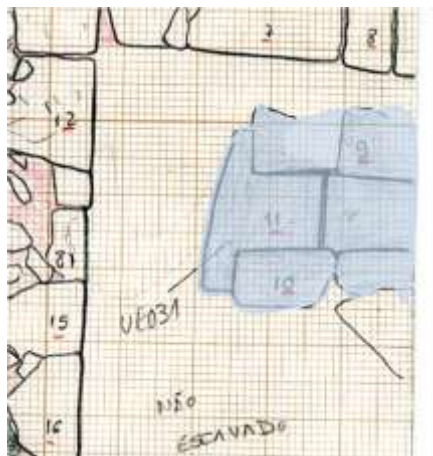


Figura 451 Plano da canalização UE0031 (UAUM).

Croqui

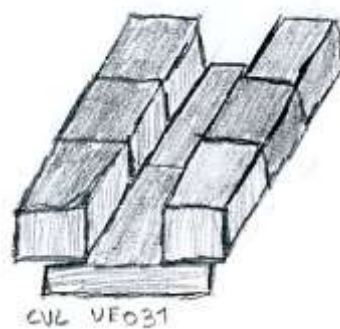


Figura 453 Croqui da canalização UE0031

Secção

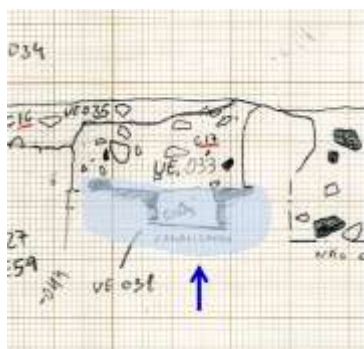


Figura 452 Secção da canalização UE0031 (UAUM).

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL88 UE0118 [Sondagem 25].

2.2 Tipo

Canalização em caixa

2.3 Descrição

Canalização em caixa, conservando elementos do lastro em tijoleira e da parede em pedra. Apresenta cerca de 0.70 m de extensão conservada, cerca de 0.80 m de largura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é composto de tijoleiras, cujas dimensões dos elementos desconhecemos.

2.4.2 Paredes

As paredes são realizadas com blocos de pedra com cerca de 0.36 m de comprimento por 0.30 m e largura. A altura dos elementos seria de cerca de 0.16 m . Os elementos da parede assentam diretamente no lastro.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Inconclusivo.

2.6 Orientação

N/S ou S/N.

2.7 Funcionalidade

Inconclusivo.

2.8 Contexto

A presente canalização está associada à *domus* do poço.

2.9 Cronologia

Não existem informações disponíveis sobre a datação da estrutura.

2.10 Bibliografia

- Delgado, M. & Gaspar, A. (1986) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaliças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.
- Delgado, M. & Martins, M. (1988) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaliças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



Figura 454 Localização da canalização UE0118 na planta da zona arqueológica das cavalariças (UAUM).

3.2 Diagrama estratigráfico

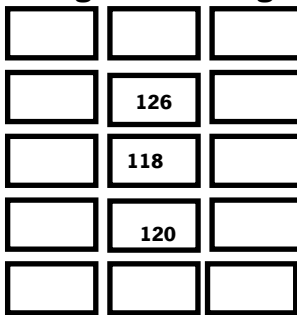
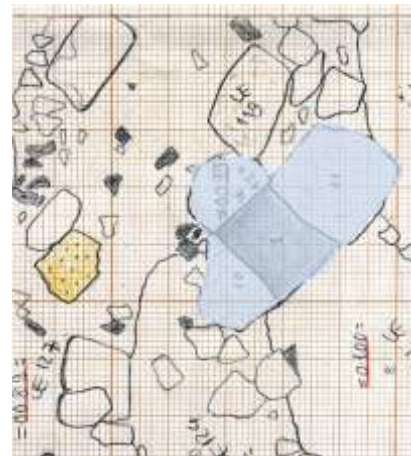


Figura 455 Plano da canalização UE0118 (UAUM).

3.3 Os desenhos



Plano

Secção

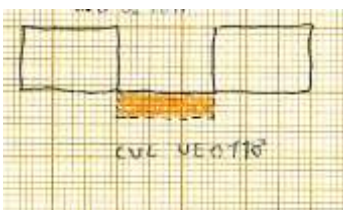


Figura 456 Secção da canalização UE0118 (UAUM).

Perfil

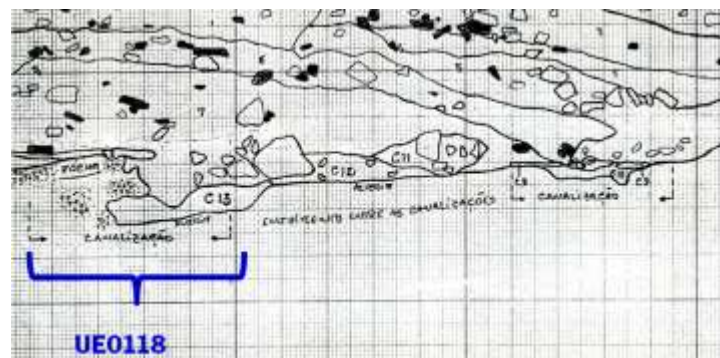


Figura 457 Perfil da canalização UE0118 (UAUM).

Croqui

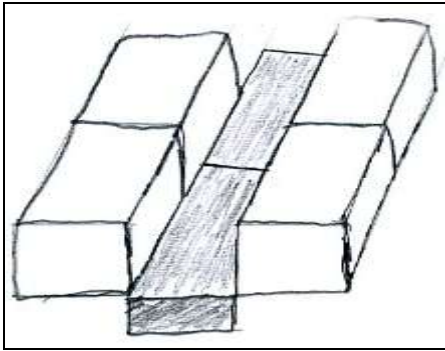


Figura 458 Croqui da canalização UE0118.

3.4 Fotografia

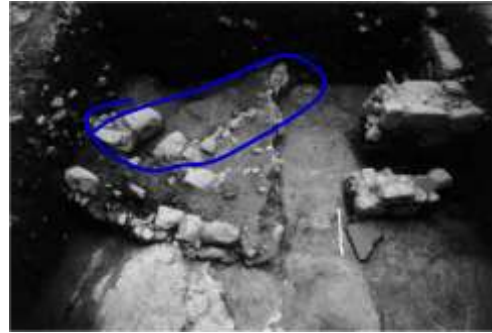


Figura 459 Fotografia da canalização UE0118, representada com a linha azul.

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL88 UE0133 [Sondagem 25].

2.2 Tipo

Canalização em caixa

2.3 Descrição

Canalização em caixa, conservando um único elemento do lastro em tijoleira e dois elementos da parede em pedra. Apresenta cerca de 0.60 m de extensão conservada, 0.90 m de largura e cerca de 0.32 m de altura

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

Só se preservou um único elemento do lastro em tijoleira, cuja dimensão seria de cerca de 0.45 m de comprimento por 0.30 m de largura. Sobre uma parte do lastro assentavam alguns elementos da parede. No respetivo lastro foi possível identificar uma marca (Morais, 2005: Estampa XL).

2.4.2 Paredes

As paredes são realizadas com blocos de pedra que assentavam diretamente no lastro. Só se preservaram duas pedras da canalização, com dimensões diferentes. A do lado oeste têm cerca de 0.40 m de comprimento por 0.20 m de largura, com 0.18 m de altura, enquanto a do lado nascente, bastante tosca e um bocado arredondada no seu exterior, tem 0.40 m por 0.40 m e cerca de 0.27 m de altura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Inconclusivo.

2.6 Orientação

N/S ou S/N.

2.7 Funcionalidade

Inconclusiva.

2.8 Contexto

A presente canalização está associada à *domus* do poço, desconhecendo-se, de momento a que fase poderá pertencer.

2.9 Cronologia

Não dispomos de elementos para datar a estrutura.

2.10 Bibliografia

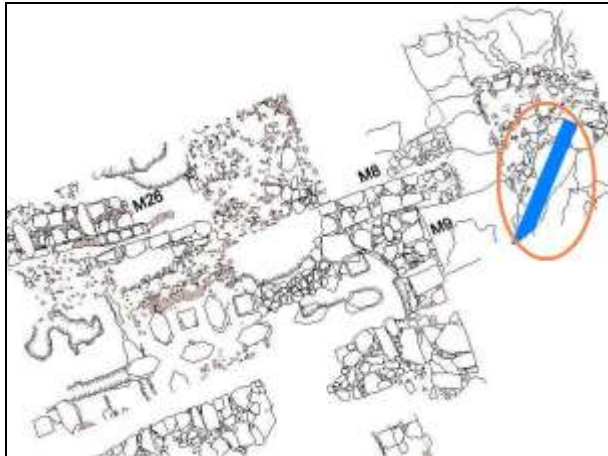
- Delgado, M. & Gaspar, A. (1986) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.
- Delgado, M. & Martins, M. (1988) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.

Morais, R (2005). Autarcia e comércio em Bracara Augusta. Contributo para o estudo económico da cidade, In Martins, M. (coord.). *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas 2*, UAUM / NARQ, Braga

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|-----|--|
| | | |
| | 131 | |
| | 133 | |
| | 120 | |
| | | |

Figura 460 Localização da canalização UE0133 na planta da zona arqueológica das cavaliças (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 461 Plano da canalização UE00133 (UAUM).

Croqui

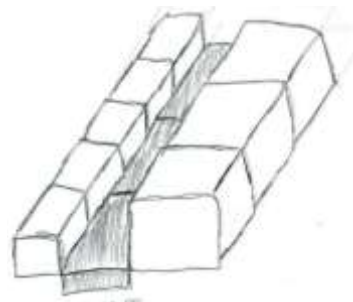


Figura 462 Croqui da canalização UE0133

Secção

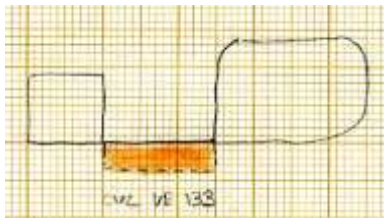


Figura 463 Secção da canalização UE0133.

3.4 Fotografia

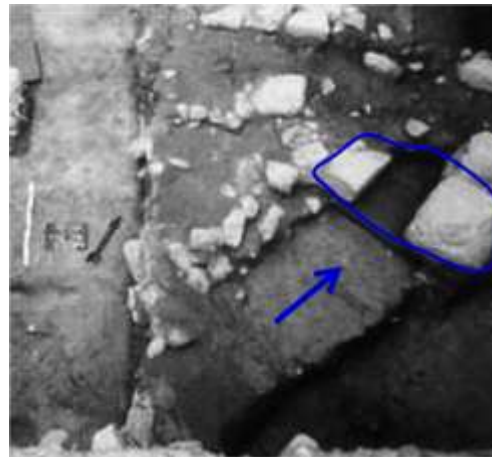


Figura 464 Fotografia da canalização UE0133 (UAUM).

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airosa. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL88 UE1191 [Sondagem 60].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, muito destruída, conservando elementos do lastro em tijoleira e da parede em pedra. Apresenta cerca de 2.40 m de extensão conservada, cerca de 0.80 m de largura e cerca de 0.40 m de altura

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

Preservaram-se alguns elementos do lastro, com cerca de 0.45 m de comprimento por 0.30 m e largura, ou seja, do tipo *lydion*. Sobre estes elementos assentavam as paredes.

2.4.2 Paredes

As paredes foram construídas de pedra, assentando em parte do lastro. Os elementos pétreos apresentam-se bem faceados do lado interno e têm dimensões que se situam entre os 0.20 m por 0.20 m e os 0.20 m por 0.30 m de comprimento e largura, respectivamente. A altura é de cerca de 0.30 m.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Na extensão conservada tem um pendor de cerca de 0.20 m em direção ao sul.

2.6 Orientação

N/S.

2.7 Funcionalidade

Inconclusiva.

2.8 Contexto

A presente canalização está associada à habitação a sul da *domus* do poço.

2.9 Cronologia

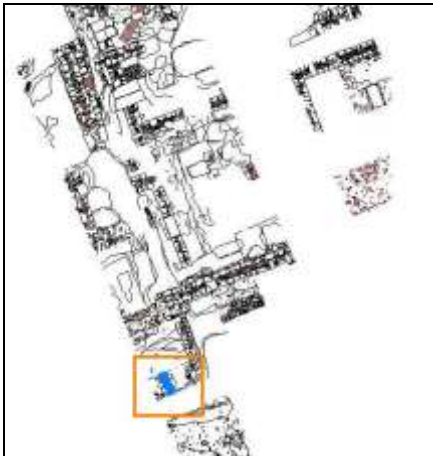
Século VI ??

2.10 Bibliografia

- Delgado, M. & Gaspar, A. (1986) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.
- Delgado, M. & Martins, M. (1988) 'Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

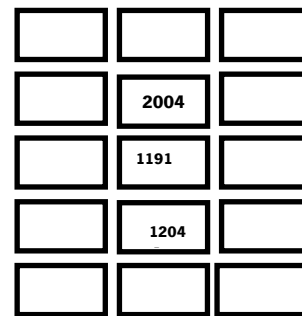


Figura 465 Localização da canalização UE1191 na planta da zona arqueológica das cavalariças (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano

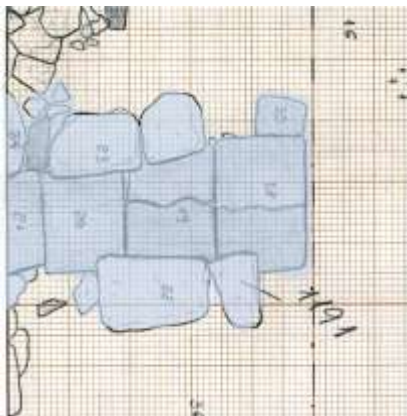


Figura 466 Plano da canalização UE1191 (UAUM).

Secção

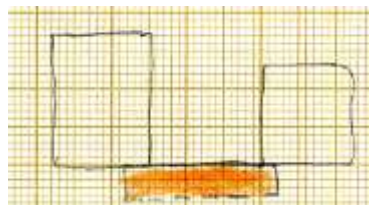


Figura 467 Secção da canalização UE1191.

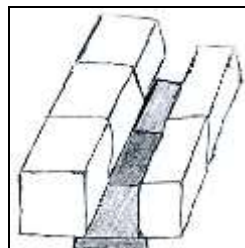


Figura 468 Croqui da canalização UE1191

3.4 Fotografia



Figura 469 Fotografia da canalização UE1191 (UAUM).

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL91 UE2000 [Sondagens 99; 100 e 101].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em razoável estado de conservação, preservando elementos das paredes em tijolo, da cobertura em tijoleira e do lastro que seria em *opus signinum*. Apresenta cerca de 8.90 m de extensão conservada e cerca de 0.60 m de largura e cerca de 0.40 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

As paredes desta canalização assentam parcialmente no pavimento de *opus signinum* datado dos inícios do século I, existindo uma outra parte da estrutura em que o lastro é construído em tijoleiras, com cerca de 0.50 m de comprimento por 0.30 m de largura. No entanto, há dois elementos em tijoleira crivada de buracos que se adaptaram no fundo da canalização e que nos parecem ser ralos.

2.4.2 Paredes

As paredes são edificadas em tijolo e pedra, tendo em média três fiadas. Normalmente os elementos de pedra dispõem-se nas primeiras fiadas e os elementos em tijolo nas últimas fiadas. Os tijolos têm cerca de 0.30 m por 0.20 m de comprimento e largura, respetivamente.

2.4.3 Cobertura

O material empregue na cobertura foi a tijoleira, tendo ela cerca de 0.30 m de comprimento por 0.20 m de largura e cerca de 0.10 m de altura.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Há um pendor em direção a sudoeste de cerca de 0.16 m.

2.6 Orientação

NE/SO.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

A presente canalização está associada à desafetação da *domus*, com a subida de cota do nível do solo que se associa a uma ocupação tardo antiga da área.

2.9 Cronologia

Séculos V-VII.

2.10 Bibliografia

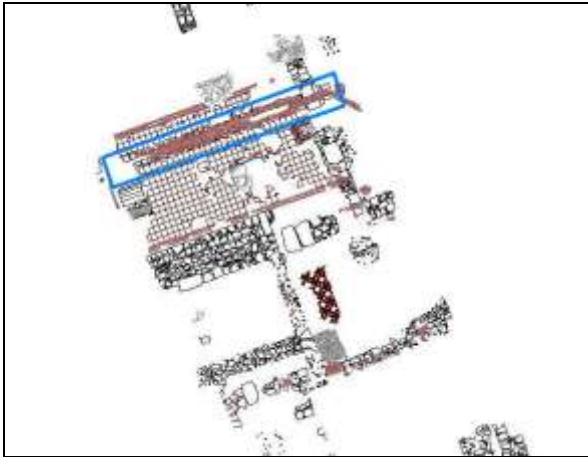
Delgado, M. & Gaspar, A. (1986). Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga), *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.

Delgado, M. & Martins, M. (1988). Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga), *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

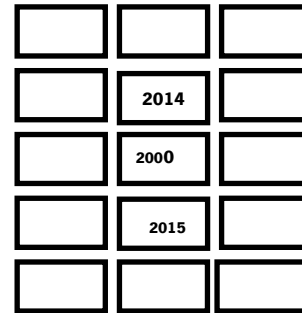


Figura 470 Localização da canalização UE2000 na planta da zona arqueológica das cavalariças (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 471 Plano da canalização UE2000 (UAUM).



Figura 472 Plano de um ralo da canalização UE2000 (UAUM).

Croqui

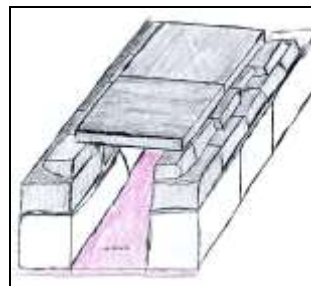


Figura 473 Croqui da canalização UE2000, com o lastro em *opus signinum*, pintado a cor-de-rosa.

Secção



Figura 474 Secção da canalização UE2000 (UAUM).

3.4 Fotografia



Figura 475 Fotografia da canalização UE2000 (UAUM).



Figura 476 Fotografia da canalização UE2000 (UAUM).

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airosa. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL91 UE2034 [Sondagem 92].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em mau estado de conservação, preservando somente quatro elementos do lastro em tijoleira. Apresenta cerca de 0.90 m de extensão conservada e cerca de 0.30 m de largura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro desta canalização foi realizado em tijoleira, com elementos com cerca de 0.20 m de comprimento por 0.30 m de largura e outros com cerca de 0.30 m por 0.30 m.

2.4.2 Paredes

As paredes não se conservaram.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se conservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível determinar o pendor devido à sua pequena extensão e ao facto de estar muito destruída.

2.6 Orientação

NE/SO.

2.7 Funcionalidade

Inconclusiva.

2.8 Contexto

A presente canalização está associada à habitação a oeste da *domus* do poço, não sendo possível estabelecer com rigor o contexto construtivo.

2.9 Cronologia

Não dispomos de elementos para datar a estrutura.

2.10 Bibliografia

Delgado, M. & Gaspar, A. (1986). Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaliças do Regimento de Infantaria de Braga), *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.

Delgado, M. & Martins, M. (1988). Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaliças do Regimento de Infantaria de Braga), *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização

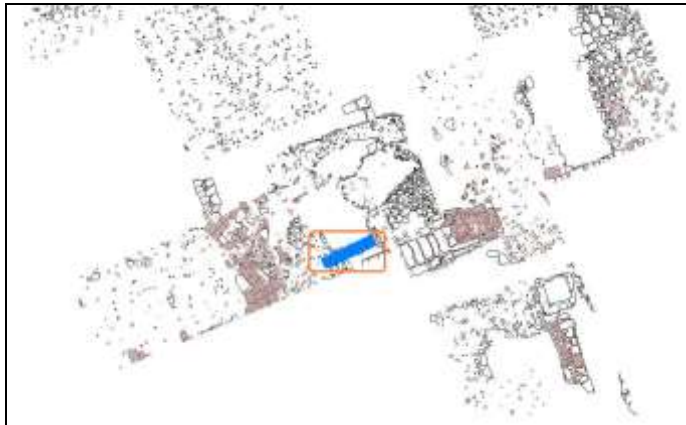
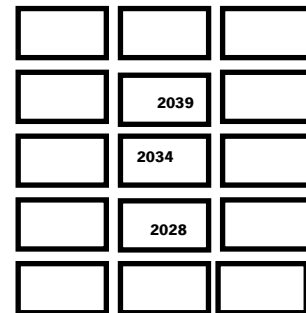


Figura 477 Localização da canalização UE2034 na planta da zona arqueológica das cavaliças (UAUM).

3.2 Diagrama estratigráfico



3.3 Os desenhos

Plano



Figura 478 Plano da canalização UE2034 (UAUM).

Secção

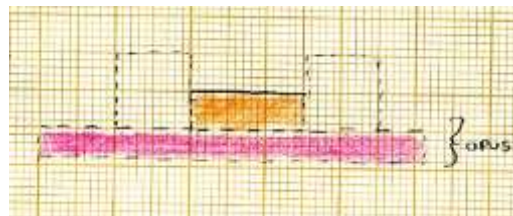


Figura 479 Secção da canalização UE2034 (UAUM).

Croqui

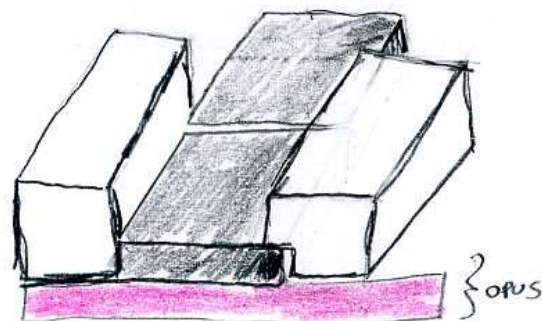


Figura 480 Croqui da canalização UE2034.

3.4 Fotografia

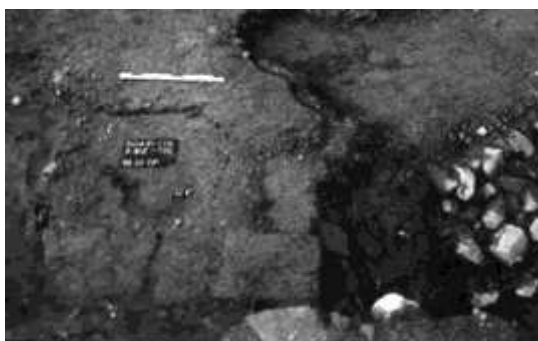


Figura 481 Fotografia da canalização UE2034 (UAUM).

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL91 UE2035 [Sondagens 91 e 92].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em muito mau estado de conservação, preservando somente alguns elementos do lastro em tijoleira e possivelmente alguns elementos que podiam pertencer à parede da canalização mas que se encontram bastante destruídos. Apresenta cerca de 2.60 m de extensão conservada, cerca de 0.30 m de largura e uma altura que andaria por volta dos 0.70 m.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro desta canalização foi realizado em tijoleira, apresentando elementos com cerca de 0.30 m de comprimento por 0.20 m e largura e alguns elementos que deveriam possuir dimensões maiores.

2.4.2 Paredes

Há alguns elementos que poderiam ter pertencido às paredes, sendo todavia impossível estimar as medidas.

2.4.3 Cobertura

Não conservada.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível determinar o seu pendor.

2.6 Orientação

O/E ou E/O.

2.7 Funcionalidade

Desconhecida.

2.8 Contexto

A presente canalização está associada à habitação a oeste da *domus* do poço.

2.9 Cronologia

Não existem elementos que permitam datar a estrutura.

2.10 Bibliografia

Delgado, M. & Gaspar, A. (1986). Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavalições do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.

Delgado, M. & Martins, M. (1988). Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavalições do Regimento de Infantaria de Braga)', *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.

Ribeiro, J. (2010). *Arquitetura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização

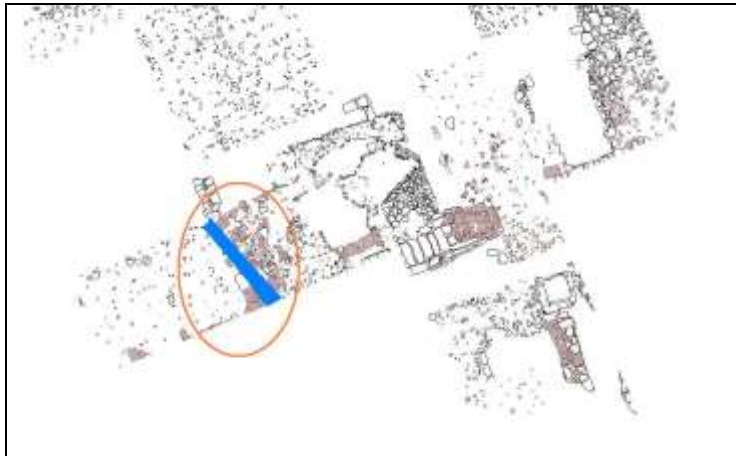


Figura 482 Localização da canalização UE2035 na planta da zona arqueológica das cavalariças (UAUM).

3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|------|--|
| | | |
| | 2003 | |
| | 2035 | |
| | 2013 | |
| | | |

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 483 Plano da canalização UE2035 (UAUM).

Secção

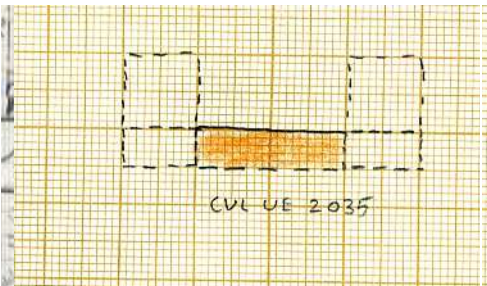


Figura 485 Secção da canalização UE2035 (UAUM).

Croqui



Figura 484 Croqui da canalização UE2035

3.4 Fotografia



Figura 486 Fotografia da canalização UE2035 (UAUM).

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL02 UE2225 [Sondagem 1].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em mau estado de conservação da qual se preservaram alguns elementos do lastro e da parede este. Apresenta uma extensão de cerca de 2 m de comprimento e cerca de 0.50 m de largura entre o lastro e a parede este.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro desta canalização foi realizado com tijoleiras, com cerca de 0.30 m de comprimento por 0.20 m e largura.

2.4.2 Paredes

Os elementos em pedra têm 0.40 m de comprimento por 0.20 m e largura e cerca de 0.22 m de altura, assentando diretamente no lastro.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se conservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível determinar o seu pendor.

2.6 Orientação

O/E ou E/O.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

A presente canalização está associada à habitação a este da *domus* do poço.

2.9 Cronologia

Não existem elementos que permitam datar a estrutura.

2.10 Bibliografia

- Delgado, M. & Gaspar, A. (1986). Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaliças do Regimento de Infantaria de Braga), *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.
- Delgado, M. & Martins, M. (1988). Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaliças do Regimento de Infantaria de Braga), *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização

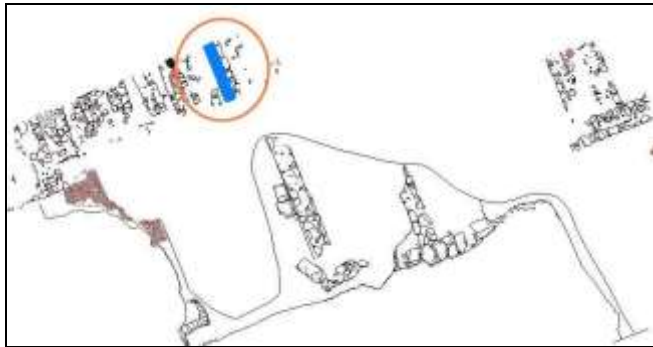
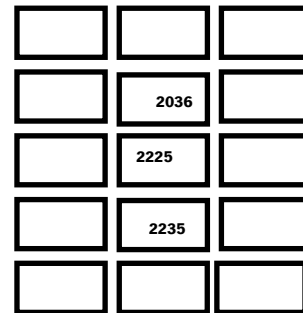


Figura 487 Localização da canalização UE2225 na planta da zona arqueológica das cavalariças (UAUM).

3.2 Diagrama estratigráfico



3.3 Os desenhos

Plano



Figura 488 Plano da canalização UE2225 (UAUM).

Perfil

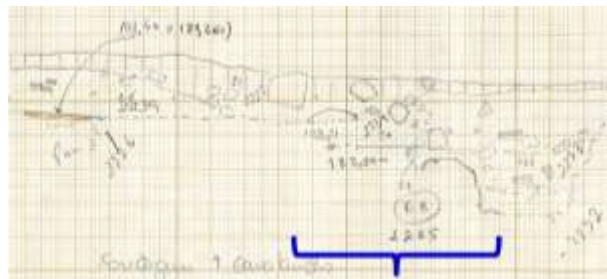


Figura 490 Perfil sul da canalização UE2225 (UAUM).

Secção

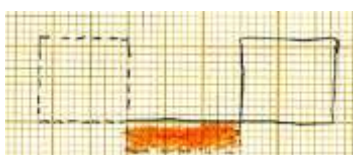


Figura 489 Secção da canalização UE2225 (UAUM).

Croqui



Figura 491 Croqui da canalização UE2225.

1 Zona Arqueológica das Cavalariças

1.1 Localização

A zona arqueológica das Cavalariças situa-se, atualmente, na freguesia da Cidade, estando limitada a oeste pela Rua dos Bombeiros Voluntários, a este pela Rua de S. Geraldo e a sul pelos terrenos do Instituto Monsenhor Airoso. Na malha urbana romana esta zona arqueológica situa-se a sul do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

A primeira intervenção nesta zona arqueológica data dos finais de Junho de 1986 até ao final desse ano, estando as mesmas intervenções a cargo da Dra. Manuela Delgado e da Dra. Alexandra Gaspar, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. A segunda campanha, realizou-se entre o mês de agosto de 1988 até ao final do ano, continuando durante os anos de 1989 e 1990 a cargo da Doutora Manuela Martins e da Dra. Manuela Delgado. Em 1996, executou-se uma terceira campanha cujo responsável foi o Doutor Francisco Sande Lemos. Por fim, a quarta e última campanha aconteceram durante o ano de 2002 e os diretores foram o Doutor Francisco Sande Lemos e o Dr. José Manuel Freitas Leite.

1.3 Identificação das estruturas

Na zona das antigas Cavalariças do regimento de Braga exumaram-se vestígios correspondentes a vários quarteirões da cidade romana, com ocupação desde o século I até ao século V (Ribeiro, 2008: 233). Muitos dos vestígios estão associados às *domus* que ocuparam os referidos quarteirões a partir da época flávia. Na área do jardim do Museu D. Diogo de Sousa exumou-se um conjunto de salas com pavimentos em *opus signinum* e áreas com hipocaustos, espaços sugestivos de estarmos perante um edifício termal (Martins e Ribeiro, 2010: 30; Ribeiro, 2010: 67).

1.4 Cronologias e fases

Foram identificadas três grandes fases de ocupação. Uma primeira fase construtiva datará da época Flávia, caracterizando-se por muros solidamente implantados na rocha, tendo por vezes a rocha sido alvo de recortes para melhor os assentar. No que toca à composição dos muros estes são constituídos por pedras pequenas, geralmente de secção triangulares no interior do muro e ligadas com argamassa constituída por alterite granítica (Delgado e Martins, 1988: 81). Na segunda fase de ocupação, datada dos finais do século III/inícios do século IV, os muros utilizam fragmentos de pedras de construções anteriores e tijolos, tendo sido usada como ligante das pedras uma argamassa grosseira e amarela feita de terra e alterite (Delgado e Martins, 1988: 82). Na terceira fase de ocupação, posterior ao século IV, os muros assentam diretamente em terra ou em camadas de derrube ou entulhos revelando má qualidade construtiva (Delgado e Martins, 1988: 82).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CVL02 UE2291 [Sondagem 8].

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em mau estado de conservação, com lastro de em tijoleira e paredes em pedra. Possui cerca de 1.80 m de comprimento conservado e 0.60 m de largura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro é de tijoleiras, apresentando elementos com cerca de 0.40 m de comprimento, por 0.30 m e largura, ou seja, de tipo *lydion*. As paredes assentavam sobre o lastro.

2.4.2 Paredes

Os elementos em pedra têm forma retangular e medem entre 0.40/0.30 m de comprimento por 0.30/0.20 m de largura. A face interior dos elementos em pedra encontra-se muito bem faceada e para o preenchimento dos interstícios usaram-se alguns elementos em tijolo.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se conservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Provavelmente para este.

2.6 Orientação

O/E.

2.7 Funcionalidade

Drenagem.

2.8 Contexto

A presente canalização está associada à habitação a este da *domus* do poço, muito embora se desconheça o seu contexto construtivo.

2.9 Cronologia

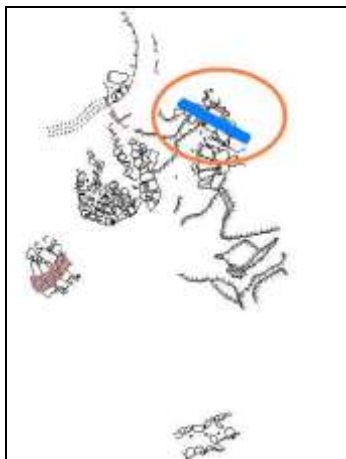
Desconhecida.

2.10 Bibliografia

- Delgado, M. & Gaspar, A. (1986). Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga), *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 3, série II: pp. 155-167.
- Delgado, M. & Martins, M. (1988). Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas cavaleriças do Regimento de Infantaria de Braga), *Cadernos de Arqueologia*, N.º. 5, série II, Braga: pp. 79-93.
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilicias*. Tese de Doutoramento (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

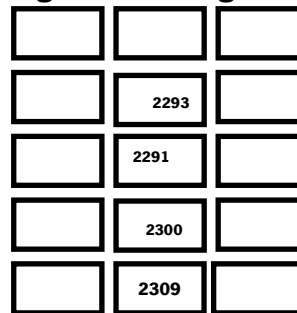


Figura 492 Localização da canalização UE2291 na planta da zona arqueológica das cavalariças (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 493 Plano da canalização UE2291 (UAUM).

Secção

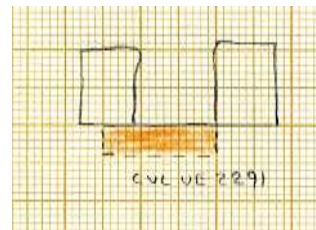


Figura 495 Secção da canalização UE2291 (UAUM).

Perfil



Figura 494 Perfil este da canalização UE2291 (UAUM).

Croqui

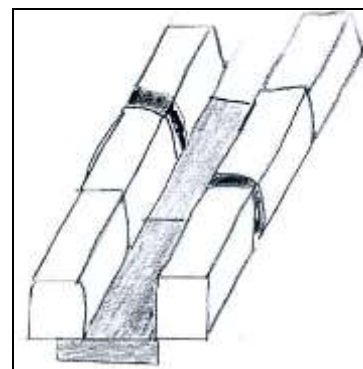


Figura 496 Croqui da canalização UE2291.

1 Zona Arqueológica do Cardoso da Saudade (antiga fábrica).

1.1 Localização

A zona arqueológica do Cardoso da Saudade (antiga fábrica) está situada atualmente na freguesia da Cidade, estando delimitada a norte pela Rua de S. Paulo e a este pelo Largo de S. Paulo. Na malha urbana romana esta zona estava localizada dois quarteirões a este do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

Realizaram-se várias intervenções nesta zona arqueológica. Uma primeira, dirigida por J.J. Rigaud de Sousa e Maria de La Salette da Ponte, correspondeu a uma sondagem para verificar a possibilidade de o edifício encontrado no claustro do seminário de Santiago se prolongar para a área do Largo de S. Paulo (Sousa e Ponte, 1970:393; Magalhães, 2010:79). A segunda intervenção foi dirigida pelo Doutor Lino Tavares Dias, tendo decorrido entre 1982 e 1983, no âmbito de escavações preventivas para minimizar os impactos resultantes da intenção de se construir no terreno um edifício privado (Delgado *et al.* 1984:95; Magalhães, 2010: 79). Por fim a última intervenção foi dirigida pela Dra. Ana Lebre e pelo Dr. Orlando Sá, em junho de 1993, tendo tido os mesmos objetivos que a anterior.

1.3 Identificação das estruturas

No decurso das escavações arqueológicas foi possível exumar estruturas associadas a uma *domus*, tendo sido exumada uma pequena piscina, vestígios de pórticos de circulação, pavimentos e algumas canalizações.

1.4 Cronologias e fases

Embora haja restrições no que toca à atribuição de datações às estruturas detetadas nesta zona arqueológica, porque grande parte dos sedimentos se encontravam revolvidos, poder-se-á supor a existência de duas fases construtivas distintas com base na análise das cerâmicas recolhidas. De uma primeira fase, atribuível aos séculos I e II, datam vários muros que parecem configurar compartimentos internos de uma habitação (Delgado, 1984: 96; Magalhães, 2010: 80; Ribeiro, 2010: 66). Mais tarde este núcleo habitacional sofreu uma reforma datável dos séculos IV e V em que se aumenta a área útil da habitação com a ocupação dos pórticos da fase anterior (Delgado, 1984:96; Magalhães, 2010: 81; Ribeiro, 2010: 66).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CS83 UE0057 (Q08).

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em mau estado de conservação. Preserva um lastro em material laterício e paredes em pedra. Apresenta cerca de 3 m de extensão, 0.80 m de largura e cerca de 0.20 m de altura conservada.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro da canalização foi construído com *tegulae* que se encontram muito destruídas e não se preservou nenhum elemento inteiro. A única certeza que podemos dar é relativamente à sua espessura de cerca de 0.06 m.

2.4.2 Paredes

As paredes são edificadas em pedras retangulares e com a face interna bem faceada. Apresentam várias dimensões, sendo a mais comum aquelas que têm dimensões em torno dos 0.30 m por 0.30 m de comprimento e largura e cerca de 0.20 m de altura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Parece pender em direção a sudeste.

2.6 Orientação

N/SE.

2.7 Funcionalidade

Drenagem (?).

2.8 Contexto

Provavelmente de drenagem das águas do interior da casa para a rua (Magalhães, 2010: 84). Reporta-se à segunda fase.

2.9 Cronologia

Séculos IV e V.

2.10 Bibliografia

- Delgado, M., Tavares Dias, Lemos, F.S. e Pascoal, A.G. (1984). Intervenções na área urbana de Bracara Augusta, 1983, *Cadernos de Arqueologia*, 1, Série II, Braga, pp.95 – 106.
- Magalhães, F. E. P. (2010). *Arquitectura doméstica em Bracara Augusta*. Tese de Mestrado (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga
- Ribeiro, J. (2010). *A Arquitectura romana de Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*, Tese de Doutoramento (policopiada), Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga
- Vasconcelos, J.L. (1918). Coisas Velhas, in *O Archeologo Português*, Museu Ethnographico Português, Série 1, Vol.23, nº.1-12 (Jan. - Dez.), Lisboa, pp.356 – 369.

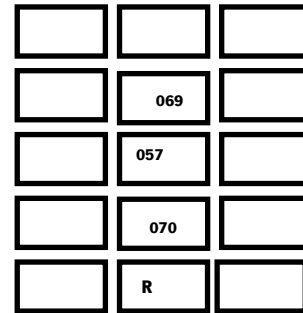
3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



Figura 497 Localização da canalização UE57 na planta da zona arqueológica (UAUM).

3.2 Diagrama estratigráfico



3.3 Os desenhos

Plano

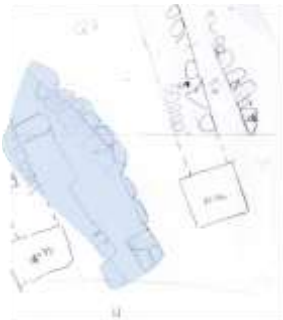


Figura 498 Plano da canalização UE057 (UAUM).

Secção

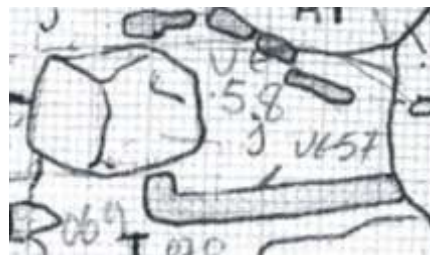


Figura 499 Secção da canalização UE0057 (UAUM).

Perfil

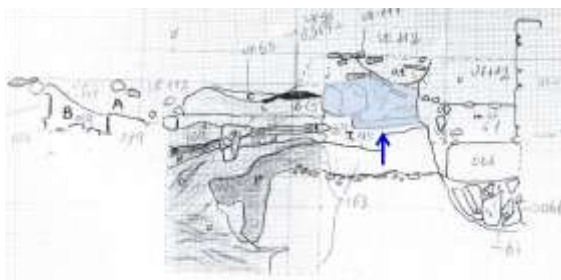


Figura 500 Perfil da canalização UE0057 (UAUM).

Croqui

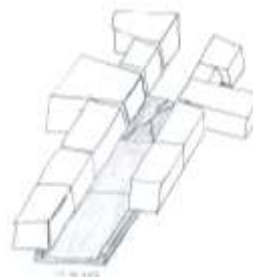


Figura 501 Croqui da canalização UE0057.

1 Zona Arqueológica do Cardoso da Saudade (antiga fábrica).

1.1 Localização

A zona arqueológica do Cardoso da Saudade (antiga fábrica) está situada atualmente na freguesia da Cidade, estando delimitada a norte pela Rua de S. Paulo e a este pelo Largo de S. Paulo. Na malha urbana romana esta zona estava localizada dois quarteirões a este do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

Realizaram-se várias intervenções nesta zona arqueológica. Uma primeira, dirigida por J.J. Rigaud de Sousa e Maria de La Salette da Ponte, correspondeu a uma sondagem para verificar a possibilidade de o edifício encontrado no claustro do seminário de Santiago se prolongar para a área do Largo de S. Paulo (Sousa e Ponte, 1970:393; Magalhães, 2010:79). A segunda intervenção foi dirigida pelo Doutor Lino Tavares Dias, tendo decorrido entre 1982 e 1983, no âmbito de escavações preventivas para minimizar os impactos resultantes da intenção de se construir no terreno um edifício privado (Delgado *et al.* 1984:95; Magalhães, 2010: 79). Por fim a última intervenção foi dirigida pela Dra. Ana Lebre e pelo Dr. Orlando Sá, em junho de 1993, tendo tido os mesmos objetivos que a anterior.

1.3 Identificação das estruturas

No decurso das escavações arqueológicas foi possível exumar estruturas associadas a uma *domus*, tendo sido exumada uma pequena piscina, vestígios de pórticos de circulação, pavimentos e algumas canalizações.

1.4 Cronologias e fases

Embora haja restrições no que toca à atribuição de datações às estruturas detetadas nesta zona arqueológica, porque grande parte dos sedimentos se encontravam revolvidos, poder-se-á supor a existência de duas fases construtivas distintas com base na análise das cerâmicas recolhidas. De uma primeira fase, atribuível aos séculos I e II, datam vários muros que parecem configurar compartimentos internos de uma habitação (Delgado, 1984: 96; Magalhães, 2010: 80; Ribeiro, 2010: 66). Mais tarde este núcleo habitacional sofreu uma reforma datável dos séculos IV e V em que se aumenta a área útil da habitação com a ocupação dos pórticos da fase anterior (Delgado, 1984:96; Magalhães, 2010: 81; Ribeiro, 2010: 66).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CS83 UE0010 (Q06; Q09 e Q04).

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em razoável estado de conservação. Preserva um lastro em *tegulae* e paredes em alvenaria. Apresenta cerca de 8 m de extensão, 0.80 m de largura e cerca de 0.40 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro da canalização é realizado em *tegulae*, com cerca de 0.60 m de comprimento por 0.42 m e largura. Sobre elas assentam os elementos da parede em granito.

2.4.2 Paredes

Os elementos pétreos das paredes têm um formato retangular e possuem várias dimensões. Os mais pequenos medem 0.20 m de comprimento por 0.10 m de largura e os maiores cerca de 0.30 m por 0.26 m. Na extensão conservada foi possível identificar em alguns pontos pelo menos três fiadas de pedras.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Parece pender em relação a este.

2.6 Orientação

O/E.

2.7 Funcionalidade

Abastecimento (?).

2.8 Contexto

Provavelmente de abastecimento de água às habitações (Magalhães, 2010: 84) Reporta-se à segunda fase.

2.9 Cronologia

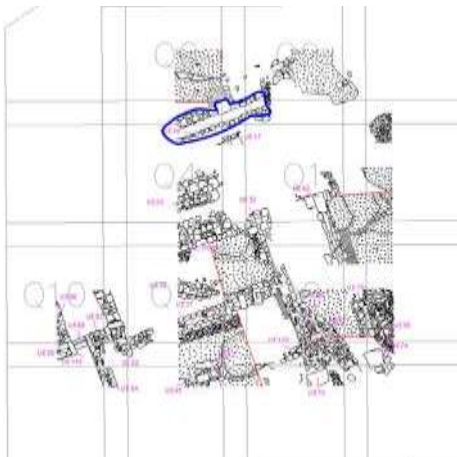
Séculos IV e V.

2.10 Bibliografia

- Delgado, M., Tavares Dias, Lemos, F.S. e Pascoal, A.G. (1984). Intervenções na área urbana de Bracara Augusta, 1983, Cadernos de Arqueologia, 1, Série II, Braga, pp.95 – 106.
- Magalhães, F. E. P. (2010). Arquitectura doméstica em Bracara Augusta. Tese de Mestrado (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga
- Ribeiro, J. (2010). A Arquitectura romana de Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícia, Tese de Doutoramento (policopiada), Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga
- Vasconcelos, J.L. (1918). Coisas Velhas, in *O Archeologo Português*, Museu Ethnographico Português, Série 1, Vol.23, nº.1-12 (Jan. - Dez.), Lisboa, pp.356 – 369.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|-----|--|
| | | |
| | 012 | |
| | 010 | |
| | 011 | |
| | 19 | |

Figura 502 Localização da canalização UE010 na planta da zona arqueológica (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 503 Plano da canalização UE010 (UAUM).



Figura 504 Plano da canalização UE010 (UAUM).

Secção

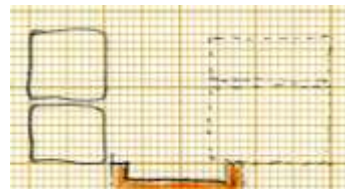


Figura 505 Secção da canalização UE010 (UAUM).

Perfil

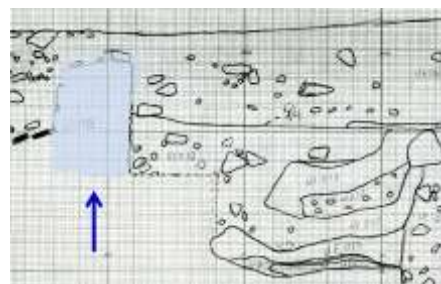


Figura 506 Perfil da canalização UE010 (UAUM).

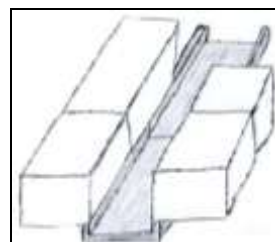


Figura 507 Croqui da canalização UE010.

1 Zona Arqueológica do Cardoso da Saudade (antiga fábrica).

1.1 Localização

A zona arqueológica do Cardoso da Saudade (antiga fábrica) está situada atualmente na freguesia da Cidade, estando delimitada a norte pela Rua de S. Paulo e a este pelo Largo de S. Paulo. Na malha urbana romana esta zona estava localizada dois quarteirões a este do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

Realizaram-se várias intervenções nesta zona arqueológica. Uma primeira, dirigida por J.J. Rigaud de Sousa e Maria de La Salette da Ponte, correspondeu a uma sondagem para verificar a possibilidade de o edifício encontrado no claustro do seminário de Santiago se prolongar para a área do Largo de S. Paulo (Sousa e Ponte, 1970:393; Magalhães, 2010:79). A segunda intervenção foi dirigida pelo Doutor Lino Tavares Dias, tendo decorrido entre 1982 e 1983, no âmbito de escavações preventivas para minimizar os impactos resultantes da intenção de se construir no terreno um edifício privado (Delgado *et al.* 1984:95; Magalhães, 2010: 79). Por fim a última intervenção foi dirigida pela Dra. Ana Lebre e pelo Dr. Orlando Sá, em junho de 1993, tendo tido os mesmos objetivos que a anterior.

1.3 Identificação das estruturas

No decurso das escavações arqueológicas foi possível exumar estruturas associadas a uma *domus*, tendo sido exumada uma pequena piscina, vestígios de pórticos de circulação, pavimentos e algumas canalizações.

1.4 Cronologias e fases

Embora haja restrições no que toca à atribuição de datações às estruturas detetadas nesta zona arqueológica, porque grande parte dos sedimentos se encontravam revolvidos, poder-se-á supor a existência de duas fases construtivas distintas com base na análise das cerâmicas recolhidas. De uma primeira fase, atribuível aos séculos I e II, datam vários muros que parecem configurar compartimentos internos de uma habitação (Delgado, 1984: 96; Magalhães, 2010: 80; Ribeiro, 2010: 66). Mais tarde, este núcleo habitacional sofreu uma reforma datável dos séculos IV e V em que se aumenta a área útil da habitação com a ocupação dos pórticos da fase anterior (Delgado, 1984:96; Magalhães, 2010: 81; Ribeiro, 2010: 66).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CS83 UE0038 (Q07).

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em razoável estado de conservação. Preserva um lastro em tijoleira e paredes em alvenaria. Apresenta cerca de 1.60 m de extensão, 0.80 m de largura e cerca de 0.36 m de altura.

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro da canalização é composto por tijoleiras que têm cerca de 0.40 m por 0.30 m de comprimento e largura respetivamente e uma espessura de cerca de 0.06 m. Sobre elas assenta uma parte da parede da canalização.

2.4.2 Paredes

As paredes da canalização são realizadas em alvenaria, tendo duas fiadas de pedras, cujos elementos têm cerca de 0.24 m por 0.20 m de comprimento e largura respetivamente e cerca de 0.10 m de largura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura era realizada em pedra, cujos elementos têm cerca de 0.40 m de largura e uma espessura de cerca de 0.08 m.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não é possível determinar o pendor.

2.6 Orientação

O/E.

2.7 Funcionalidade

Drenagem (?).

2.8 Contexto

Provavelmente de drenagem de águas do interior da residência para o exterior. (Magalhães, 2010: 84). Poderá corresponder à primeira fase.

2.9 Cronologia

Séculos I e II.

2.10 Bibliografia

- Delgado, M., Tavares Dias, Lemos, F.S. e Pascoal, A.G. (1984). Intervenções na área urbana de Bracara Augusta, 1983, *Cadernos de Arqueologia*, 1, Série II, Braga, pp.95 – 106.
- Magalhães, F. E. P. (2010). *Arquitectura doméstica em Bracara Augusta*. Tese de Mestrado (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga
- Ribeiro, J. (2010). *A Arquitectura romana de Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*, Tese de Doutoramento (policopiada), Instituto de Ciências Socais, Universidade do Minho, Braga
- Vasconcelos, J.L. (1918). Coisas Velhas, in *O Archeologo Português*, Museu Ethnographico Português, Série 1, Vol.23, nº.1-12 (Jan. - Dez.), Lisboa, pp.356 – 369.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

| | | |
|--|-----|--|
| | | |
| | 39 | |
| | 38 | |
| | 40 | |
| | 103 | |

Figura 508 Localização da canalização UE038 na planta da zona arqueológica do Cardoso da Saudade (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano



Figura 509 Plano da canalização UE038 (UAUM).

Secção



Figura 511 Secção da canalização UE038 (UAUM).

Perfil

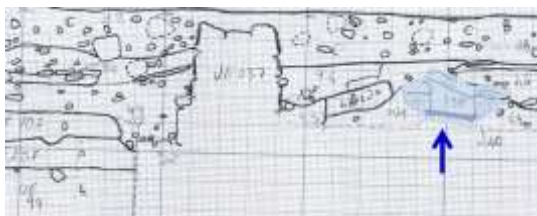


Figura 510 Perfil da canalização UE038 (UAUM).

Croqui

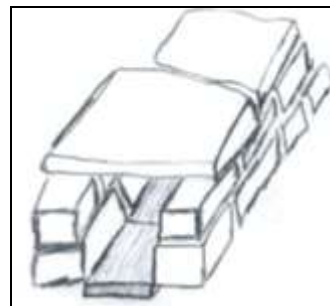


Figura 512 Croqui da canalização UE038.

1 Zona Arqueológica do Cardoso da Saudade (antiga fábrica).

1.1 Localização

A zona arqueológica do Cardoso da Saudade (antiga fábrica) está situada atualmente na freguesia da Cidade, estando delimitada a norte pela Rua de S. Paulo e a este pelo Largo de S. Paulo. Na malha urbana romana esta zona estava localizada dois quarteirões a este do *forum*.

1.2 Diretores de escavação e campanhas

Realizaram-se várias intervenções nesta zona arqueológica. Uma primeira, dirigida por J.J. Rigaud de Sousa e Maria de La Salette da Ponte, correspondeu a uma sondagem para verificar a possibilidade de o edifício encontrado no claustro do seminário de Santiago se prolongar para a área do Largo de S. Paulo (Sousa e Ponte, 1970:393; Magalhães, 2010:79). A segunda intervenção foi dirigida pelo Doutor Lino Tavares Dias, tendo decorrido entre 1982 e 1983, no âmbito de escavações preventivas para minimizar os impactos resultantes da intenção de se construir no terreno um edifício privado (Delgado *et al.* 1984:95; Magalhães, 2010: 79). Por fim a última intervenção foi dirigida pela Dra. Ana Lebre e pelo Dr. Orlando Sá, em junho de 1993, tendo tido os mesmos objetivos que a anterior.

1.3 Identificação das estruturas

No decurso das escavações arqueológicas foi possível exumar estruturas associadas a uma *domus*, tendo sido exumada uma pequena piscina, vestígios de pórticos de circulação, pavimentos e algumas canalizações.

1.4 Cronologias e fases

Embora haja restrições no que toca à atribuição de datações às estruturas detetadas nesta zona arqueológica, porque grande parte dos sedimentos se encontravam revolvidos, poder-se-á supor a existência de duas fases construtivas distintas com base na análise das cerâmicas recolhidas. De uma primeira fase, atribuível aos séculos I e I, datam vários muros que parecem configurar compartimentos internos de uma habitação (Delgado, 1984: 96; Magalhães, 2010: 80; Ribeiro, 2010: 66). Mais tarde este núcleo habitacional sofreu uma reforma datável dos séculos IV e V em que se aumenta a área útil da habitação com a ocupação dos pórticos da fase anterior (Delgado, 1984:96; Magalhães, 2010: 81; Ribeiro, 2010: 66).

2. Descrição da estrutura

2.1 Identificação

CS UE0056 (Q8).

2.2 Tipo

Canalização em caixa.

2.3 Descrição

Canalização em caixa, em mau estado de conservação. Preserva somente as paredes em pedra Apresenta cerca de 2 m de extensão e 0.80 m de largura

2.4 Elementos constitutivos

2.4.1 Lastro

O lastro não se conservou.

2.4.2 Paredes

As paredes são edificadas em pedra. O lado oeste aproveitou o muro UE79 e no lado este foi construída uma parede nova. Os elementos têm formato retangular e variadíssimas dimensões que oscilam entre os 0.40/0.20 m de comprimento por 0.20/0.10 m de largura.

2.4.3 Cobertura

A cobertura não se preservou.

2.4.4 Módulos

2.5 Pendor

Não foi possível determinar o pendor.

2.6 Orientação

NO/SE.

2.7 Funcionalidade

Desconhecida.

2.8 Contexto

A funcionalidade desta canalização encontrada na zona da rua este é desconhecida porque se encontrava muito destruída. Provavelmente reporta-se à primeira fase.

2.9 Cronologia

Séculos I-II.

2.10 Bibliografia

Delgado, M., Tavares Dias, Lemos, F.S. e Pascoal, A.G. (1984). Intervenções na área urbana de Bracara Augusta, 1983, *Cadernos de Arqueologia*, 1, Série II, Braga, pp.95 – 106.

Magalhães, F. E. P. (2010). *Arquitectura doméstica em Bracara Augusta*. Tese de Mestrado (policopiada) Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

Ribeiro, J. (2010). *A Arquitectura romana de Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*, Tese de Doutoramento (policopiada), Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga

Vasconcelos, J.L. (1918). Coisas Velhas, in *O Archeologo Português*, Museu Ethnographico Português, Série 1, Vol.23, nº.1-12 (Jan. - Dez.), Lisboa, pp.356 – 369.

3. Parte gráfica

3.1 Localização da canalização



3.2 Diagrama estratigráfico

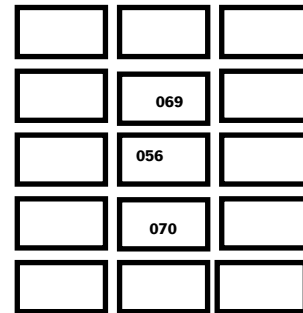


Figura 513 Localização da canalização UE56 na planta da zona arqueológica (UAUM).

3.3 Os desenhos

Plano

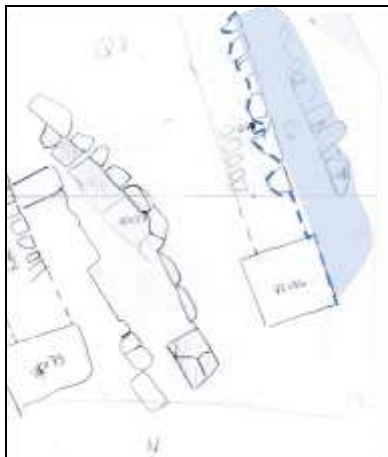


Figura 514 Plano da canalização UE056 representada a azul (UAUM).

Secção



Figura 515 Secção da canalização UE56 (UAUM).

Croqui

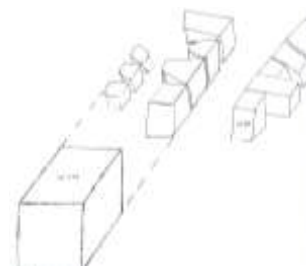


Figura 516 Croqui da canalização UE0056.